

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

JAIR PEREIRA DE OLIVEIRA

**A SUBJETIVAÇÃO ALTERNEMÔNICA COMO CONSTITUIÇÃO DA
MEMÓRIA: UMA LEITURA DE *VIDAS SECAS* E *LA MUERTE DE ARTEMIO
CRUZ***

Campina Grande-PB
2020

JAIR PEREIRA DE OLIVEIRA

**A SUBJETIVAÇÃO ALTERMNEMÔNICA COMO CONSTITUIÇÃO DA
MEMÓRIA: UMA LEITURA DE *VIDAS SECAS* E *LA MUERTE DE ARTEMIO
CRUZ***

Trabalho de tese apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade para obtenção do título de Doutor.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Geralda Medeiros Nóbrega

Campina Grande – PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48s Oliveira, Jair Pereira de.

A subjetivação altermnemônica como constituição da memória [manuscrito] : uma leitura de Vidas secas e La muerte de Artemio Cruz / Jair Pereira de Oliveira. - 2020.

143 p.

Digitado.

Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Geralda Medeiros Nóbrega , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Subjetivação altermnemônica. 2. Memória. 3. América Latina. 4. Imagens simbólicas. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JAIR PEREIRA DE OLIVEIRA

A SUBJETIVAÇÃO ALTERMNEMÔNICA COMO CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA: UMA LEITURA DE VIDAS SECAS E LA MUERTE DE ARTEMIO CRUZ

Trabalho de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura e Interculturalidade.

Área de concentração: Literatura e Estudos Interculturais

Aprovada em: 31/08/2020

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Geralda Medeiros Nóbrega (Orientadora)



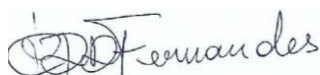
Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Drª. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª. Marluce Pereira da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profª. Drª. Telma Cristina Delgado Dias Fernandes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, meus irmãos, meus tios, minhas tias, meus primos e primas que me fortaleceram durante toda caminhada.

Aos meus amigos Adriano Lino, Thiago, Assis, Tony, Fagner, José Ilton [*in memoriam*], Joana, Sonaya, Lidiane, Raniere, Robson, Pietro, Ildefonso, Fabiana, Aline, Glaydson, Thays, Tiago Roberto, Lurdinha, Vicente Neto [*in memoriam*] pela companhia querida.

À Ligianne, por estar ao meu lado durante esse trabalho.

A minha orientadora Professora Geralda Medeiros, por todas as indicações e pela atenção cuidadosa.

Aos Professores e às Professoras do PPGLI, pelos ensinamentos.

Aos meus colegas de doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – UEPB.

A CAPES, que ajudou a fomentar essa pesquisa.

RESUMO

A formação da modernidade no tempo-espaço América Latina provocou uma transformação nas concepções de subjetividades dos indivíduos. Quando o programa europeu chegou nesse contexto, a ideia do *Eu* centrava-se no europeu e a do *Outro*, nos nativos. Devido às constantes lutas por emancipação e por construção de identidades, essa dualidade foi sendo transformada. E o *Eu* foi ocupando o lugar do *Outro* e esse, o lugar do *Eu*. Dessa forma, essa pesquisa tem interesse em saber se há um processo fundante nos registros simbólicos de imagem sobre uma subjetivação na América Latina. Sendo assim, esse estudo tem como foco ampliar a discussão sobre a teoria do sujeito construindo uma concepção de subjetivação decorrente dos registros de imagens simbólicas em duas narrativas literárias, *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*. E para isso: compreender o espaço-tempo América Latina nos registros de imagens simbólicas instituídos desde o contato entre os povos que aqui viviam com o europeu e com seu programa de modernidade até o momento de consolidação dessa; discutir as formas de subjetivação, de subjetividade e de sujeito, as quais possibilitam os registros das imagens desse espaço-tempo; e, analisar a especificidade de uma constituição de subjetivação em duas expressões literárias embasado no olhar da esquizoanálise. Assim, essa pesquisa é desenvolvida por meio de análise da expressão da linguagem literária, em como se dá o funcionamento da constituição da subjetivação *altermnemônica*. Esse conceito foi produzido, nessa tese, a partir das coordenadas de imagens que surgem no interior das narrativas, *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*. Notamos que as subjetividades em contato com máquinas sociais conduzem a uma produção de desejos que afetam a construção da memória sobre as potências de vida, nas experimentações e nas experiências constituintes da condição de ser-estar no mundo, condição permanentemente ligada ao acontecimento. Empreenderemos uma psicanálise da história, sugestão direcionada por Le Goff (1996), para entender os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (RSI) proposto por Lacan (1985; 1989; 2005; 2011) para analisar a formação de um conceito de América Latina, ao incursionar nas formas do conceito de América Latina, iremos cartografar as imagens de sua rotação, recorrendo a Galeano (2004), Canclini (1989), Saguier (1972) entre outros. De modo mais analítico sobre as obras objeto de estudo, iremos percorrer as linhas da expressão literária com as ferramentas disponibilizadas pela esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2011; 2012) e Guattari e Solnik (1986), de modo a perceber quais fluxos que circulam nas articulações entre os corpos e as máquinas sociais que impulsionam uma série de sentidos, percepções e afetos. Os achados dessa pesquisa consideram que a subjetivação *altermnemônica* realizou-se no encontro com os símbolos das forças sobredeterminantes de um programa europeu de modernidade.

Palavras-chave: Subjetivação *altermnemônica*. Memória. América Latina. Imagens Simbólicas.

ABSTRACT

The formation of modernity in the space-time Latin America caused a transformation in the conceptions of the subjectivities of individuals. When the European program arrived in that context, the Idea of the Self focused on the European, and the Other on the native. Due to constant struggles by emancipation and by building identities, this duality was being transformed. And the Self was taking the place of the Other. And this, the place of the Self. In this way, this research seeks to know if there is a founding process in symbolic images of the records formed since the contact between the local population and the European and its modern program and its consolidating; discuss the forms of subjectivation, subjectivity and subject which make it possible the recording of the images of the Latin America space-time; and, analyze the specific of one constitution of subjectivation on two literary expression grounded on the schizoanalytical view. Therefore, that research is developed through analysis of the expression of literary language, on how the constitution of *altermnemonic* subjectivation works (concept created here in the research and which consists of observing the coordinates of images that appear within the narratives, *Vidas Secas* and *La Muerte de Artemio Cruz*, in which subjectivities in contact with social machines lead to the production of desires that affect the construction of memory about the powers of life, in the experiments and the experiences that constitute the condition of being in the world, a condition permanently linked to the event). Therefore, we will make inroads on the concept of Latin America and the symbolic images that this concept evokes in the literature produced in this space-time. We will undertake psychoanalysis of history, a suggestion directed by Le Goff (1996), to understand the records of Real, Symbolic and Imaginary (RSI) (proposed by Lacan (1985; 1989; 2005; 2011)) to understand the formation of the Latin America concept, to resume aspects of the Real constituted in the symbolic images of the series of events that were articulated with this world, the result of the modern European program. When investigating the forms of the concept of Latin America, we will map the images of its faciality, applying Galeano (2004), Canclini (1989), Saguier (1972) among others. More analytically about the works being studied, we will cover the lines of literary expression with the tools provided by the schizoanalysis of Deleuze and Guattari (2011; 2012), Guattari and Solnik (1986), to understand which flows circulate in the joints between bodies and the social machines that drive a series of senses, perceptions, and affections. These are conductors of a memory that is overdetermined by the abstract machines that produce desire, in a movement that feeds back and delineates the faciality of *altermnemonic* subjectivation. The findings of this study consider that the *altermnemonic* subjectivation occur on the encounter within the symbol overdetermining forces of the modern European program.

Keywords: *Altermnemonic* subjectivation. Memory. Latin America. Symbolic Images.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O ESPAÇO-TEMPO AMÉRICA LATINA NOS REGISTROS DE IMAGENS SIMBÓLICAS.....	14
2.1 O QUE É O CONCEITO DE AMÉRICA LATINA?	14
2.2 AS MEMÓRIAS NA MODERNIDADE LATINO-AMERICANA: DE UMA “HISTÓRIA DAS REPRESENTAÇÕES” A UMA “HISTÓRIA PSICANALÍTICA”	41
2.3 A CONTINGÊNCIA DOS EVENTOS: A QUEBRA DA LÓGICA TEMPORAL COMO DIFERENÇA	55
3 FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO, SUBJETIVIDADE E SUJEITO.....	78
3.1 AS INTERAÇÕES ENTRE SUBJETIVIDADES, SUBJETIVAÇÕES E SOBREDETERMINAÇÕES	79
3.2 OS LANCES DE CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS EM <i>VIDAS SECAS</i> E EM <i>LA MUERTE DE ARTEMIO CRUZ</i>	91
3.3 AS OPERAÇÕES SOBREDETERMINANTES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVAÇÃO	100
4 ESQUIZOANÁLISE E SUBJETIVAÇÃO.....	109
4.1 A VIDA NÔMADE: DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	109
4.2 O SENTIDO DA SUBJETIVAÇÃO: AS MÁQUINAS DE PRODUÇÃO DE DESEJO EM FUNCIONAMENTO	122
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	139

1 INTRODUÇÃO

A literatura na América Latina possui algumas concepções relacionadas a uma ideia de pertencimento bastante singular. O pertencimento como modo e forma de compreender as reentrâncias que constituíram uma ideia das experiências e das vivências que culminam em uma cultura diversificada e totalmente complexa em decorrência de sua formação.

É a partir dessa noção que iremos refletir sobre como a literatura enquanto registro dos farrapos de tempo, simbolizam a percepção entrecortada e descontínua dos acontecimentos no espaço-tempo. E como a arte escrita é um processo de simbolização extraído e entremeado pelo imaginário para a apreensão de aspectos disformes ou quase inéditos do Real, faremos uma leitura analítica que poderá contribuir para uma Teoria do Sujeito.

Nosso arcabouço teórico ancora-se nos estudos de Badiou (1994), Lacan (1985; 1989; 2005; 2011) e Deleuze e Guattari (2011; 2012) sobre as questões relacionadas a uma teoria de sujeito. O primeiro com uma nova perspectiva de se tornar sujeito. O segundo indica o entrelaçamento entre Real, Simbólico e Imaginário (RSI) como se constitui uma realidade. Já no terceiro e no quarto, fundamentamos o estudo dos registros do funcionamento da complexa máquina de produção de desejo que é, em síntese, o humano e o seu desenho, entrelaçado pelas categorias de força, sobredeterminação e memória (de curta e longa duração).

Para discutir sobre a contribuição da Teoria do Sujeito acima exposta, deixamos aqui registrado que o problema se encontra em uma transformação do sujeito a partir da forma que, em três ângulos, Lacan (1985, 1989, 2005 e 2011) equaciona como simbólico (linguagem), imaginário (o desejo do inconsciente) e Real (o impalpável pré-existente). Assim, queremos saber se há um processo fundante nos registros simbólicos de imagem sobre uma subjetivação na América Latina.

A base esquizoanalítica de nossa pesquisa visa nas indicações epistêmicas dos estudos deleuzeanos-guattarianos (2011; 2012), a ressignificação desses estudos, que perpassam uma crítica à psicanálise. Isso, por considerar não mais a individualidade triangular como sendo a formação do sujeito, mas sim como foco de reflexão sobre as linhas de produção que

articulam o indivíduo com o aspecto social. E nesse alinhamento institui o funcionamento das subjetividades.

Nosso trabalho correlaciona áreas do conhecimento, a saber: a história, a psicanálise de base confrontada pela esquizoanálise e a literatura. Pontualmente, cada uma das áreas irá dialogar com conceitos que formam uma concepção de sujeito e como este se apresenta nas narrativas literárias de Graciliano Ramos e Carlos Fuentes.

Para fins didáticos e metodológicos, a concepção de subjetividades aqui tomada como base para um avanço na formulação do conceito de subjetivação *altermnemônica* é extensiva. Mas, não é contínua, fragmentando a organização psicanalítica. Ela é crítica à psicanálise tradicional.

Isso indica que estamos partindo de uma proposição consolidada, e a partir dela, iremos desenvolver um debate que possa contribuir para os estudos sobre uma Teoria do Sujeito, ou seja, a subjetivação *altermnemônica* inscreve-se em uma linhagem de estudos que implica, na prática, em gradações da formação de subjetivação e das máquinas sociais que a ele se interligam, a qual ora se aproximam, ora se distanciam, sempre em conexões, em fluxos constantes, postos em relevo pela linguagem literária expressa nas narrativas.

Nas narrativas *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz* surgem essa nova constituição, a que chamamos de subjetivação *altermnemônica*. As duas narrativas fazem brotar um símbolo das experiências e das vivências que assumem os aspectos de provocação e de surgimento dessa organização performática diante de um acontecimento desagregador, constituindo uma linha de aproximação e de distanciamento entre um corpo desejante e a máquina social de produção de desejos. As narrativas e suas imagens simbólicas em correspondência com o conceito desenvolvido nessa pesquisa é o nosso objeto de estudo.

Sendo assim, nossa leitura analítica dos romances perpassa por tendências da Teoria do Sujeito que se conectam com as três áreas que dialogam entre si. Essa circunstância ocorre não sem apresentar em cada eixo de formação das linhas do sujeito uma predominância de correlação. Ou seja, essas áreas em questão perpassam frequentemente os eixos que indicam uma rotação para a subjetivação *altermnemônica*. Em cada eixo triangular RSI uma área do conhecimento irá predominar em nosso debate, elas terão autonomia na

relevância em cada parte. A história possuirá como correlativo, mas não exclusivo, o problema de apreensão do Real, sendo este produzido, mas não totalmente apreendido, por cada etapa temporal existente nas narrativas.

A esquizoanálise, como crítica extensiva à psicanálise, terá como fulcro o exame da constituição e da formação do imaginário, bem como suas vertentes que retroalimentam as práticas-ações das subjetividades, apresentadas na linguagem tanto no romance de Graciliano Ramos quanto no de Carlos Fuentes. Em um terceiro momento, os estudos da literatura permitem rever a combinação dos preceitos analíticos de compreensão das significações simbólicas advindas da linguagem literária como atividade maquínica de produção de sentidos.

Aqui, ressaltamos que, as três áreas do conhecimento que em nosso trabalho dialogam, são determinantes para vislumbrar o perfil de um novo conceito que estamos propondo, assinalados nas duas narrativas que constituem o aspecto simbólico do processo de significação de uma performance (experiência e vivência).

O fulcro do conceito de subjetivação *altermnemônica* surge através da leitura que empreendemos das duas narrativas, nas quais observamos, por aproximação comparativa, certas ocorrências na constituição de subjetividades desses dois escritores do século XX

O conceito de subjetivação *altermnemônica* é uma constituição de coordenadas de imagens que surge no interior das narrativas *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, cujas coordenadas visam compreender as inadequações que subjetividades lidam direta ou indiretamente com um entorno inóspito às potências de vida, nas experimentações e nas experiências constituintes da condição de ser-estar no mundo. Essa condição é repleta de acontecimentos que requerem reações e gradações de respostas diante de um acontecimento singular.

Contudo, as reações e as respostas são sobredeterminadas pelas máquinas sociais de produção de desejos, articuladas à constituição de subjetividades, a fim de criar individualidades, por institutos sociais que impõem regras tácitas e condicionamentos de comportamentos que permeiam o imaginário social do(s) sujeito(s).

Tais comportamentos são induzidos por pequenos elementos simbólicos pertencentes às máquinas sociais, como por exemplo, o simples uso de uma

farda policiaesca, elemento de representação do “governo” como elemento simbólico de poder que subjuga, em *Vidas Secas*.

Esse destaque indica a posição de obediência irrestrita que o sujeito deve ter ao comando de autoridade. Muito embora o dispositivo da ordem não seja necessariamente interno em respeito às leis, mas a uma hiperbolização institucional do poder que tudo pode até ultrapassar seu limite. Porque na duração da narrativa em *Vidas Secas* apresenta-se com um poder soberano.

Em *La muerte de Artemio Cruz*, por sua vez, há uma criação de uma fantasia enganadora sobre uma relação amorosa, para autoconvencimento de dignidade, situa-se na produção de memória centrífuga, restrita à potência de individuação, para a autossatisfação, inscrevendo-se no local-instrumento de poder infalível.

Nessa narrativa multiforme são apresentadas perspectivas tridimensionais sobre um mesmo acontecimento, o qual revela o inconsciente maquínico, uma fábrica de remorsos confrontando *ego* e *alterego*. Tanto na narrativa de Graciliano Ramos quanto na de Carlos Fuentes há dois elementos que são essenciais para entender o problema do desejo na constituição da subjetivação: as afetações e as percepções.

Os afetos, como um fluxo dos desejos, quando se fala em subjetivação *altermnemônica*, é caracterizado por uma força maquínica sobredeterminante, de cima para baixo, das instituições modernas em relação hierarquizada sobre a performance dos corpos minúsculos.

Em plano paralelo, as percepções submergem das impressões íntimas em que o sujeito articula respostas às provocações impostas a ele. Uma força centrífuga movimentada desde a posição de se colocar como um corpo em processo de subjetivação, de enfrentamento parcial. Porque os acontecimentos não são eternos em sua duração.

Entre sujeito e subjetivação, conforme concebemos em nossa pesquisa, existe um elo e uma diferenciação criadora. O sujeito possui forma triangular RSI, conforme sugere Lacan (1985; 1989; 2005; 2011). A subjetivação é um processo que consiste em quebrar as linhas do ordenamento social estabelecido. É criar curvas sinuosas, é ligar-se e se distanciar, ao mesmo tempo, em relação a outras máquinas que produzem desejo.

Assim, nosso estudo coloca-se, em primeiro lugar, no nível da expressão dos romances. É neste nível que a subjetivação *altermnemônica* apresenta os seus contornos e os seus alinhamentos. A cartografia feita desse corpo pulsante que se articula com o seu entorno desagregador e provocador lhe impulsiona para se descobrir como o ser se posiciona no mundo.

A concepção de subjetividades existentes nessas narrativas está estruturada nas discontinuidades em que as máquinas sociais de produção de desejos involucram os corpos para torná-los parte componente dessa produção, edificando compartimentos para uma relação de (co)dependência, criando camadas desejanter uma por sobre outra.

Em conformidade com a apresentação da nossa tese, enumeramos objetivos para essa empreitada. Então, temos como objetivo geral da pesquisa: ampliar a discussão sobre a teoria do sujeito construindo uma concepção de subjetivação decorrente dos registros de imagens simbólicas na literatura. E para isso, os objetivos específicos primam por: compreender o espaço-tempo América Latina nos registros de imagens simbólicas instituídos desde o contato entre os povos que aqui viviam com o europeu e com o seu programa de modernidade até o momento de consolidação desta; discutir as formas de subjetivação, de subjetividade e de sujeito, as quais possibilitam os registros das imagens desse espaço-tempo; e, analisar a especificidade de uma constituição de subjetivação das duas narrativas, embasado no olhar da esquizoanálise.

Os autores relevantes para construir o conhecimento acerca dos problemas que compõem o desenvolvimento da pesquisa são os seguintes: Deleuze e Guattari (2011; 2012), quando estes desenvolvem as bases para a compreensão da literatura a partir do procedimento, além de indicarem princípios analíticos necessários na construção de entendimento da narrativa, quando fragmentada; Guattari e Rolnik (1986) que desenvolvem o debate sobre máquinas capitalísticas e as implicações que estas incidem sobre as subjetividades. Tomamos como base de estudo autores que refletiram sobre a América Latina, seus problemas e particularidades, entre eles estão: Canclini (1989); Galeano (2004); Saguier (1972); e outros. Alguns outros estudiosos e teóricos serão aqui referenciados por serem os seus escritos eixos em

reassignificaremos os conceitos para uma organização maquínica literária, como são aqui, Le Goff (1996) e Bulter (2015).

O tipo de pesquisa que empreendemos aqui é conceitual, analítico-descritiva, cabendo ressaltar que, nesse tipo de investigação, o que se busca proporcionar é, tão somente, uma visão do conjunto dos processos simbólicos de constituição da subjetivação *altermnemônica*, os quais os romances se fundamentam, relacionam-se, articulam-se e se ramificam em um contexto de transformações perceptivas sobre uma nova compreensão de como o sujeito se posiciona diante de situações afetivas extremas, em correspondência com as máquinas sociais de produção de desejos e dos acontecimentos inerentes ao processo de subjetivação.

O desenvolvimento desta tese baseia-se nas reflexões que fizemos de duas literaturas singulares entre si. O problema das experiências e das vivências provocadoras para as subjetividades simbolizadas nas narrativas discute como a possibilidade de observar os registros literários movimentam, repensam e reconfiguram uma ideia de (des)pertencimento a uma ordem maquínica social, que busca no sujeito uma forma fixa, uma máquina constante de desejos impostos e satisfeitos pelas instituições modernas.

Assim, distribuimos as partes em uma estrutura desdobrável, as quais criam linhas de diálogos entre si, o que requer recortes menores em tópicos para privilegiar as correspondências observadas nos elementos que constituem a edificação da imagem simbólica da subjetivação *altermnemônica*.

Lembramos que para a formulação da tese, foi necessário retomar etapas históricas de contato entre a chegada do programa de modernidade que foi construindo paulatinamente, em camadas sedimentadas no tempo sobre uma ideia de um *Eu* e de um *Outro*, os quais na cosmovisão da América Latina permitiu chegar a uma imagem simbólica de uma subjetivação.

Assim, o item 2 trata sobre o conceito de América Latina e sua formação, a partir dos registros simbólicos fundamentais que formaram a imagem deste espaço-tempo. Por isso, o recorte panorâmico de uma estrutura de tempo que retoma a chegada do programa de modernidade, desde os registros simbólicos (os mais sobressalentes) no espaço-tempo América Latina, até chegarmos aos dois registros literários que foram tratados em nossa pesquisa e que contribuíram

para a formação dessa fisionomia, ou rostidade, a subjetivação *altermnemônica*, apresentada em nossa tese.

No item 3, abordaremos as formas de subjetivação, de subjetividade e de sujeito, cuja discussão contempla os caminhos que nos levaram a produção do conceito de subjetivação *altermnemônica*, a partir do diálogo entre a teoria e a análise das imagens simbólicas presentes nas duas narrativas literárias, formando o conjunto do estudo que, em primeiro plano, foi criando uma imagem do espaço-tempo e sua ideia de individual e de um extraindividual (um *Eu* e um *Outro*) e da memória que se forma para a constituição da subjetivação *altermnemônica*, desde que o *Eu* surge como colonizador-conquistador europeu e seu programa, até o momento em que o *Eu* vai se modificando e mudando de eixo. Para, em seguida, chegar em um *Eu* que se institui como uma imagem de subjetividades nos registros simbólicos de Ramos e Fuentes, respectivamente. E o *Outro* passa a ser o programa de modernidade projetado nas relações entre indivíduos e entre estes e as instituições sociais (família, sociedade, propriedade, religião etc), que na América Latina se estabeleceram ao longo dos séculos.

No item 4, faremos a análise da especificidade de uma constituição de subjetividade nas expressões literárias dos romancistas destacados nessa pesquisa, bem como comparamos as aproximações e as diferenças das significações simbólicas fabricadas nas duas narrativas, tomando-as como máquinas literárias, constituintes de uma produção simbólica de desejos no eixo da subjetivação *altermnemônica* e suas articulações com as máquinas sociais.

2 O ESPAÇO-TEMPO AMÉRICA LATINA NOS REGISTROS DE IMAGENS SIMBÓLICAS

Os registros de imagens simbólicas nos apresentam um espaço-tempo de América Latina em que a partir da chegada do europeu e do seu programa de Modernidade houve embates entre o duplo aspecto da subjetividade: o *Eu* e o *Outro*. Além disso, notamos, através da psicanalização da história, que os fundamentos das áreas do conhecimento possibilitaram uma ideia de como os registros simbólicos oferecem uma imagem desse conjunto complexo de espaço-tempo.

2.1 O QUE É O CONCEITO DE AMÉRICA LATINA?

Antes de entrarmos na discussão que empreenderemos aqui, iremos observar algumas considerações acerca de uma outra questão que acreditamos estar no interior desse primeiro debate. Conseguir rediscutir o problema de um programa instituído pela Modernidade, de fundo europeu, na América Latina necessita de explicações preliminares do que seja esse conceito.

Para tanto, faremos incursões em alguns estudos que fundamentam essa empreitada em retomar cronologicamente como se inventou a ideia de América Latina e como se foi se sedimentando ao longo destes séculos toda uma força sobredeterminante no par indivíduo/sociedade.

No conjunto geográfico que compreende o espaço em que os povos nativos expandiram uma cultura secular que representa uma dinâmica no plano cultural, uma cultura não-hegemônica e não-uniforme, entender esse conceito de América Latina, em última instância cultural, passa pela explicação de um estudo de Quijano (2005, p. 117) quando ele afirma que a “América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira id-entidade da modernidade.” Assim, levantaremos algumas considerações.

Essa parte meridional do que outrora se chamou de Novo Mundo, por influência europeia, recebe heranças de toda sorte: cultural, linguística e de

poder colonial, ou seja, há um maquinário em funcionamento que possui um programa e na América fez morada.

Nesse local do mundo foram promovidas no período da colonização a sobredeterminação de línguas, principalmente, a partir do século XIX. Tanto a língua portuguesa quanto a língua castelhana (o espanhol) surgem na península ibérica, parte mais a oeste do antigo Império Romano, que possuía a língua latina como língua oficial e língua de expansão do Império.

Esse fez pousada naquela região da Europa e que, no longo processo e contatos multiformes que transformam as línguas, dá origem a novas línguas. Assim sendo, pela herança da língua do antigo Império Romano, a região continental na parte mais a oeste do chamado Velho Mundo, tomando, nesse ponto, a Europa como referência, por ter como predominância linguística o português e o espanhol, línguas derivadas do latim, recebe o nome-conceito de *América Latina*¹:

Toda a latinidade começou no Lácio, pequeno território adjacente à cidade de Roma, e foi crescendo em círculos concêntricos ao longo da história: primeiro, até abarcar o conjunto da Itália, ampliando-se logo até a parte da Europa colonizada pelo Império Romano, restringindo-se depois aos países e zonas que falaram línguas derivadas do latim, e transportando-se por fim ao continente americano que esses europeus descobriram e colonizaram. Deste modo, a América Latina viria ser o quarto anel desta prodigiosa expansão (MORENO, p. xvi, 1972).

O conceito de América Latina, portanto, apesar de possuir todo um problema de viés interpretativo quanto às suas origens, é fato que o uso dessa terminologia está ligado ao aspecto de expansão colonizadora dos europeus. A consolidação do termo remonta ao século XIX, sendo a França o local de propagação da ideia de continente com esse nome.

Equivale dizer que, nesse período, há um debate de vários intelectuais, que viviam por lá, mas que eram de origem da região colonizada, acerca do

¹ O conceito de América Latina é aqui discutido conforme o debate proposto por Moreno (1972) como um ponto de largada no entendimento e implicações da nomenclatura eleita. Contudo, cabe aqui lembrarmos que o aspecto linguístico que dá nome ao continente não é o único. A expressão “América” é decorrente da concepção de uma “descoberta”, como se o continente fosse uma invenção europeia, visto que o descobridor, o genovês Américo Vesúpcio por aqui havia chegado em fins do século XV, dando o nome ao continente que se tornou consensual, a partir de 1507, quando o geógrafo alemão Waldseemüller faz referência ao Novo Mundo como “América”, conforme salientam Farret e Pinto (2011).

conceito e de instrumentalização para relacionar o termo à criação de um debate sobre as nações que compunham o continente “descoberto” pelos europeus. Temos concepções variadas que definem os introdutores do conceito nos campos de estudos que instrumentalizam seu uso, principalmente, na sociedade da época. Contudo, todas elas possuem algo em comum: defendem que os intelectuais de origem no Novo Mundo é que foram os responsáveis por produzir o conceito:

A história da construção da denominação dessa vasta faixa de terra coincide com a história das tentativas de apropriação desse imaginário – e conseqüentemente (sic) das riquezas materiais que o acompanhavam. Primeiro os ibéricos, depois os franceses, mais tarde os “norte-americanos”. A construção do nome deixou na penumbra e no esquecimento qualquer tentativa de valorizar os povos autóctones, indígenas ou negros. Sempre da perspectiva europeia, a América Latina foi se estabelecendo no mundo ocidental moderno como periferia, inferiorizada e explorada. Compreender o processo de construção do nome compõe um esforço maior de entender nossa situação colonial, de questionar nossa identidade [...] (FARRET & PINTO, p. 31, 2011).

Segundo afirmam Farret e Pinto (2011), as demandas surgidas no seio das culturas do povo nativo e, posteriormente, dos povos que por essas terras fizeram seu lar e constituíram essa miríade de culturas que compõem o que chamamos, por consenso, de cultura(s) latino-americana(s), foram sempre obstaculizadas.

Primeiro, pelas culturas ibero-americana e francesa (lembramos ainda de alguma importância que deve ser atentada para certa ordenação cultural holandesa, na época das formulações dos grandes tratados de exploração do continente, que possui aqui e acolá, ainda, alguma marca, quer menos como prática cultural que herança arquitetônica), ou seja, os europeus.

Em segundo lugar, da recente etapa neocolonial implementada pela doutrina Monroe no século XIX, mas que ainda se faz sentir como prática antagônica dos governos dos Estados Unidos da América perante sua vizinhança ao sul.²

² Sobre a Doutrina Monroe e suas conseqüências políticas no continente latino-americano, o artigo de Carlos Gustavo Poggio Teixeira (2014) explica sobre uma série de estudos que reivindicam essa doutrina como uma tentativa perene dos governos dos Estados Unidos da América em manter os Estados independentes e soberanos da América Latina no seu eixo de gravidade, tomando como argumento central de que a segurança do território estadunidense se

É fato que a composição conceitual que envolve a terminologia de “América Latina” que estamos questionando tem como base a categorização de um problema que envolve distinguir entre as várias geografias desse continente e que possuem, cada uma, suas singularidades, diferenciando umas das outras, princípio para a postulação das culturas e suas relações de pertencimento subjetivas que se faz presente nesse local desde o período de descolonização em relação às metrópoles europeias:

[...] os processos de formação identitária, tanto da América, quanto da América Latina, podem ser divididos, cada um deles, em três etapas. Em uma primeira etapa, a característica predominante seria a ausência, não só de uma noção, mas também de um nome referentes ao recorte geográfico específico. A segunda etapa seria caracterizada pela percepção da existência de uma região específica, mas que ainda não tem um nome. Por último, tem-se a etapa na qual essa percepção passa a ser acompanhada por um nome que a expressa de maneira definitiva (FARRET & PINTO, p. 32, 2011).

Porquanto as identidades e terminologias iriam se formando e constituindo os aspectos nascentes de uma cultura que se sedimentava, mas ainda não estava consolidada, a conceituação do continente possui um longo percurso durante o processo de sua colonização, evidenciado nas três etapas que compõe a denominação do espaço geográfico e social do continente.

Essas etapas que movimentaram a conjunção do conceito “América Latina” são, por si, um signo de sobredeterminação³ deslocado. Os intelectuais nascidos no continente colonizado estavam já aclimatados à cultura europeia. Mas viram a possibilidade de legitimação de um pensamento que poderia se ramificar em uma nova ideia de povo.

mantivesse seguro. Ainda, em relação ao antagonismo existente na cultura democrática dos Estados Unidos da América, é bom lembrar das recentes defesas que o governo americano sustentou das longas e violentas ditaduras pelo continente, em nome de uma falsa defesa contra o inimigo externo.

³ O conceito de sobredeterminação é de inspiração deleuze-guattariana. No volume primeiro de “Mil Platôs” (2011), os autores indicam que não haveria ideologia, em contraponto a dialética marxista, compreendida como um conjunto metodológico de análise sobre um problema. Entendemos que a sobredeterminação se equipara como um substitutivo epistemológico em que o discurso de poder é concebido por uma máquina (ou série delas) para produção de desejo, no intuito de ressignificar as possibilidades de subjetivação a partir de modelos do segmento social hegemônico. Desse modo, a sobredeterminação está em proximidade com o conceito de agenciamento e, assim, está para Deleuze e Guattari tal qual o conceito de ideologia está para Marx.

Visto que o aspecto cultural e político se impunham como um jogo estratégico para estabelecer os princípios ideológicos típicos do período de surgimento do Romantismo em erguer as concepções que norteariam os grupos de intelectuais, na Europa e na sua zona de atuação sobredeterminante, em busca de uma noção de pertencimento, a partir de um conjunto sógnico que denotaria a singularidade do continente latino-americano em relação às metrópoles, e que seria a luz que irradiaria no horizonte um novo amanhecer que poria fim à longa escuridão de uma Era de extensa temporalidade e complexa formação da colonização europeia.

Assim, os povos nativos iriam descobrir, durante longos três séculos, os resultados da mentalidade que o europeu trouxe até o espaço latino-americano. Ora, em primeiro lugar, sabemos que a colonização do continente explorado pelos europeus foi resultado das transformações seriadas por que passava a Europa, desde o marco histórico-cronológico da queda de Constantinopla em 1453.

Esse acontecimento, por certo, será aqui apenas pincelado com cores suaves, visto que as complexidades e as ramificações dele demandariam um longo registro. Portanto, deste modo, resumiremos o que a Historiografia classifica como Idade Moderna: é nesse longo período histórico-cronológico que surge, para o europeu, um continente novo.

As readaptações que o europeu sentirá ao longo do século XVI indica um novo sentido para a performance do desenrolar da história. As desavenças com as diferentes vertentes que compunham o vulto espectral do mundo judaico-cristão começam a se distender.

Com apenas diante de seu passo de alcance a grande península asiática que era o continente europeu, conforme metaforiza Nietzsche para, de algum modo, provocar sobre uma ideia de estreitamento espacial diante de (des)encontros entre formações culturais ainda tão arraigadas no espírito judaico-cristão⁴, mas que agora viam se desdobrar e reconfigurar a Europa e

⁴ Exceção aqui devemos fazer a esse binômio judaico-cristão e suas ramificações internas a esse termo: o cristianismo começa a conhecer vertentes mais potentes de mobilização de poder e estrutura de poder. São casos sobre isso o calvinismo, o luteranismo protestante, a monárquica igreja anglicana, todas elas resultantes desse período de novo desenho na cultura por que passa a Europa no período referente à sua Idade Moderna, por ocasião do período das grandes navegações. À exceção do judaísmo que, de algum modo, permanece com certa unidade e que comunga de uma ideia de povo, o cristianismo inicia sua fase de proliferação e

implicar em mudanças drásticas nas mais diversas atividades humanas, desde a religiosidade até a ciência, a Europa se vê diante de um impasse.

Como se desprender da carga de conflito entre sentimentos e sensações acerca de sua humanidade e que toma uma proporção quase insolúvel? Para responder a essa questão, iremos para o segundo aspecto do problema da medievalização instintual⁵ do europeu que ainda permanecia nos substratos da constituição de sua subjetividade.

É certo afirmar que, embora mudanças se deem no interior de uma cultura, por meio de novas formas de concepções de mundo e estejam interligadas à uma construção social de memórias que ressoam essas mudanças, as transformações em larga escala no conjunto da malha social não se dá de forma imediata, sequer através de uma geração a outra.

As transformações de concepções de mundo são lentas, gradativas e até, de certo modo, traumáticas, visto que o drama, como ação concreta diante de circunstâncias adversas, performatizado pela cultura de um povo, adquire ares de tragédias. Por serem as mudanças, aqui e alhures, não ligadas a um segmento da malha social, mas a um conjunto de segmento que absorve o discurso de poder, instituindo, gradativamente, as mudanças que se propagam na corrente progressiva em que as culturas são absorvidas.

A esse complexo quadro de inicial transformação cultural na Europa, o problema da exportação de sua cultura ao redor do mundo, em primeira instância, ainda, no final do século XV e, mais massivamente, no século XVI, adquire um componente de sobredeterminação cultural. Ou seja, a prerrogativa de convencimento desde o europeu em direção ao nativo das terras “descobertas” se dá de forma impositiva.

A força e o grau de evolução técnica da civilização ocidental no período são marcas indelévels da estratégia eleita para aculturação dos povos nativos da América Latina. Nesse patamar da técnica, a concepção de realidade do chão pré-colombiano passa a ter reinicializado o seu imaginário via simbolização do

desmembramento, o que acarreta nos conflitos espaciais, ou seja, nos Estados nacionais europeus. Claro que todos eles estavam quase que uniformemente sobre um mesmo princípio de estrutura de poder, a monarquia.

⁵ Para esse conceito aqui expomos o seguinte: a medievalização instintual é um afeto que possui em sua órbita uma série de práticas constituídas dentro do espectro cultural da Idade Média. Tais práticas consideram os valores religiosos como adventos de espiritualidades, compostos para fins de virtualidades e formas de vida que sejam direcionadas pelo credo no discurso religioso.

européu e de seu programa (a estratégia) de convencimento (exploração). O uso da força violenta foi a estratégia eleita pelo colonizador.

Na superfície da ação imediata, o uso da técnica é medievalizada, ou seja, a conjunção entre força violenta da espada e a sacralidade, como forma de (des)conhecimento do *Outro*, e, a partir desse último conjunto, a sacralidade, o simbólico é parâmetro distintivo de hierarquia do humano.

Aqui temos categoricamente duas ocorrências que serão constantes ao longo da história do espaço-tempo América Latina: conjurar a força da espada sob a égide da sacralidade.

A violência sagrada é a marca das relações que o europeu colonizador produziu contra o nativo destas terras. Todorov (2010) buscou diferenciar dois tipos de violência que tiveram a marca registrada nas terras onde os espanhóis chegaram (América Central e Caribe são a base da teorização dele):

Se o assassinato religioso é um sacrifício, o massacre é um assassinato ateu, e os espanhóis parecem ter inventado (ou redescoberto; mas não emprestado de seu passado imediato: pois as fogueiras da Inquisição estão mais próximas do sacrifício) precisamente esse tipo de violência que, em compensação, é abundante em nosso passado mais recente [...] (TODOROV, p. 209, 2010).

A violência como marca forte de simbolização do domínio, sua repetição acarreta a construção de uma *id-entidade* que pressupõe uma memória prévia nas relações que foram se instituindo ao longo do tempo. De modo que na própria cultura das relações entre os entes internos de uma sociedade.

Esse espelho do passado se movimenta na presença de um indivíduo, uma espécie de *Eu* com um *Outro*, a partir das atribuições e caracteres que estes exercem nas sociedades hierarquizadas, que foram se consolidando ao longo do tempo. Portanto, tendo a recorrência da violência das relações que se estabeleceram no espaço-tempo América Latina como *uma* das características de sua formação, ela se configura com o desenrolar do tempo, como um elo possível entre indivíduos que assumem papéis estratificados no ordenamento social moderno.

Assim, a força violenta que na América Latina circula como um afeto é elevada para um nível de crueldade⁶, por esta ser baseada na simbolização do *Outro* como uma categoria animalesca a ser docilizada, ou quando o *Outro* passa a ser designado como tal, ou, ainda, tratar este *Outro* como uma nulidade: o esvaziamento da alteridade visada pelo europeu, em relação ao nativo, seria uma confluência de afetos, situados no nível da compensação das práticas carregadas de ignomínia.

Além disso, no breve relato a seguir, teremos um exemplo da forma como a violência germinou um conflito, até hoje indissolúvel, entre o simbolismo da violência e o imaginário da congregação entre o *Mesmo* e o *Outro*:

⁶ Sobre esse fato é bom lembrar de Galeano em “Las venas abiertas de América Latina” (p. 62, 2004), em que o autor identifica que o excesso de força era exercido com crueldade, segundo apresentou o padre Bartolomé de Las Casas à corte espanhola, quando foi respondido por um dos membros, em 1557, que os nativos estavam “muito abaixo da escala de humanidade”. (Tradução nossa)

Aos conquistadores e colonizadores eram encomendados indígenas para serem catequizados. Mas como os índios deviam ao “**encomendador**”⁷ [grifo nosso] serviços pessoais e tributos econômicos, não era muito o tempo que existia para introduzi-los no cristão caminho da salvação. Como recompensa por seus serviços, Hernán Cortés havia recebido vinte e três mil vassallos; se repartiam os índios ao mesmo tempo que se outorgavam as terras mediante favores monárquicos ou quando eram obtidos por despojo direto. Desde 1536 os índios eram outorgados por encomenda, junto com sua descendência, pelo término de duas vidas: a do encomendador e seu herdeiro imediato; desde 1629 o regime foi se estendendo, na prática. Vendiam-se as terras com os índios dentro. No século XVIII, os índios, os sobreviventes, asseguravam a vida cômoda de muitas gerações que estavam por vir. Como os deuses vencidos persistiam em suas memórias, não faltavam alibis santificados para o usufruto de sua mão de obra por parte dos vencedores: os índios eram pagãos, não mereciam outra vida. Tempos passados? Quatrocentos e vinte anos depois da Bula do papa Paulo III, em setembro de 1557, a Corte Suprema de Justiça do Paraguai emitiu uma circular comunicando a todos os juízes do país que “os índios são tão seres humanos como os outros habitantes da república...” e o Centro de Estudios Antropológicos da Universidad Católica de Asunción realizou posteriormente uma pesquisa reveladora na capital e no interior: a cada dez paraguayos, oito acreditam que “os índios são como animais”. Em Caaguazú, no Alto Paraná e em Chaco, os índios são caçados como feras, vendidos a preço baixo e explorados no regime de virtual escravidão. No entanto, quase todos os paraguayos têm sangue indígena, e o Paraguai não se cansa de compor canções, poemas e discursos em homenagem à “alma guarani”.⁸ (GALEANO, p. 62-63, 2011)

⁷ Aqui explicaremos o termo: no texto escrito na língua materna de Eduardo Galeano, a palavra usada é “encomendero”, uma espécie de alguém que faz encomenda. Acreditamos ser mais adequado o termo encomendador (por apresentar uma vaga lembrança com o título de comendador, muito utilizado no período colonial) ante encomendeiro.

⁸ Para fins de verificação do texto por nós traduzido, dispomos do trecho do texto de saída: A los conquistadores y colonizadores se les «encomendaban» indígenas para que los catequizaran. Pero como los indios debían al «encomendero» servicios personales y tributos económicos, no era mucho el tiempo que quedaba para introducirlos en el cristiano sendero de la salvación. En recompensa a sus servicios, Hernán Cortés había recibido veintitrés mil vasallos; se repartían los indios al mismo tiempo que se otorgaban las tierras mediante mercedes reales o se las obtenía por el despojo directo. Desde 1536 los indios eran otorgados en encomienda, junto con su descendencia, por el término de dos vidas: la del encomendero y su heredero inmediato; desde 1629 el régimen se fue extendiendo, en la práctica. Se vendían las tierras con los indios adentro⁵⁰. En el siglo XVIII, los indios, los sobrevivientes, aseguraban la vida cómoda de muchas generaciones por venir. Como los dioses vencidos persistían en sus memorias, no faltaban coartadas santas para el usufructo de su mano de obra por parte de los vencedores: los indios eran paganos, no merecían otra vida. ¿Tiempos pasados? Cuatrocientos veinte años después de la Bula del papa Paulo III, en septiembre de 1557, la Corte Suprema de Justicia del Paraguay emitió una circular comunicando a todos los jueces del país que «los indios son tan seres humanos como los otros habitantes de la república...» Y el Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica de Asunción realizó posteriormente una encuesta reveladora en la capital y en el interior: de cada diez paraguayos, ocho creen que «los indios son como animales».

Sendo assim, atos de violência quando praticados e não reconhecidos por quem os comete, em decorrência de uma cultura frente à outra, é a reposta afetiva para esvaziamento do *Outro*, do diferente. Ou seja, há um escoramento em princípios morais instituídos no afeto do cinismo, para abstrair resquício da moral cristã, para que não seja deslocada para uma afetação de culpa.

Visto isso, o problema complexo da simbolização decorrente dessas séries de acontecimentos, no sentido da temporalidade latino-americana em paralelo com a temporalidade europeia, assume uma constância que pode ser assim descrita: a temporalidade em que foi produzida a ideia de um continente distinto e singular em relação ao continente europeu, não possui e não abarca no imaginário de quem os produziu as teias que envolvem toda produção de conceito, ideia.

A forma prática do conceito só pode ser vista do ponto de vista referencial, tendo como fundamento, por mais paradoxal que seja, uma concepção imagética do Real, assim criando as articulações em geometria triangular da tríade Real-simbólico-imaginário⁹. (LACAN, 1985;1989; 2005; 2011)

A tríade aqui exposta pode ser exemplificada a partir do conceito discutido nessa etapa do estudo, a América Latina. Vejamos. Esta designação é uma produção de agentes subjetivos em busca de equacionar um problema da ordem do que seria este espaço-tempo América Latina, tanto como organização geográfica-política, como epistêmica.

En Caaguazú, en el Alto Paraná y en el Chaco, los indios son cazados como fieras, vendidos a precios baratos y explotados en régimen de virtual esclavitud. Sin embargo, casi todos los paraguayos tienen sangre indígena, y el Paraguay no se cansa de componer canciones, poemas y discursos en homenaje al «alma guaraní».

⁹ A utilização da anelação do Real, imaginário e simbólico sugere um entendimento entrelaçado entre os conceitos. Lacan vai conferindo maior complexidade aos termos com o andar de seus “Seminários” e estes conceitos estão diluídos por toda sua obra. Ele, de todo modo, não costumou fazer, em sua obra, a distinção entre eles separadamente. Contudo, nos atrevemos a ressignificar o processo de constituição que compõe a subjetividade e, para tanto, delimitamos assim cada um: o simbólico, corresponde à linguagem e atos interação comunicativa e a percepção que se compartilha com o outro, surgidos do inconsciente; o imaginário, ao desejo latente e que corresponde à formações cognitivas e da imaginação; e, o Real seria a etapa de desvendamento do impalpável pré-existente, aquilo que está posto e só podemos organizar no entrelaçamento com o simbólico e o imaginário. (Cf. “Nomes-do-Pai”, de Lacan (2005) Assim, para cada um dos aspectos que nos propomos a debater nessa pesquisa que indicam como se formou a história de um conceito e seus desdobramentos, é nesta anelação lacaniana que se produz as etapas constituintes de um conceito: a imagem tornada símbolo de aspectos do real enquanto série de acontecimentos imprevisíveis mas só depois filtrados pelas pontas imagético-simbólicas.

Contudo, esse conceito é produzido em condições de sobredeterminação em dois aspectos. O primeiro, no campo do imaginário, é relacionado ao tipo de autenticidade que se observa no conceito de quem o produz e quem oferece autenticidade através da reprodução, por este ter o selo de autoridade, signo de sobredeterminação. O segundo, simbólico, de ordem mais genérica, é decorrente das correlações que se sustentam na forma da linguagem e na epistemologia, ou seja, o campo do saber com que o conceito se articula.

Ambos os aspectos são interligados às duas pontas da figura do triângulo: o primeiro constitui o imaginário; o segundo, por sua vez, é decorrente do simbólico. Na terceira ponta do triângulo, o Real evanesce sob a dificuldade latente que se apresenta no conceito, por ser só possível se desdobrar o Real através da fragmentação do conceito.

Ou seja, interpor na significação deste o que o torna desdobrável, a significação é elemento constitutivo implicado nas camadas que formam o conceito e não na sua aparência reduzida em um nome. Por esse último motivo, podemos construir a seguinte inferência acerca do aspecto geopolítico e seu lugar de apoio no Real; o epistêmico no imaginário; e o estético no simbólico.

Vejamos o seguinte esquema: do ponto de vista de nossa proposição em psicanalisar a história, tratamos aqui sobre uma construção de um conceito, posto que todo conceito se interliga a uma edificação na organização de uma cultura.

Tomemos por base o conceito de América Latina para psicanalisá-lo (psicanalisar o conceito é psicanalisar a história deste e como se deu sua formação e como este funciona): o conceito passa por um processo para que haja uma inventiva¹⁰ (NÓBREGA, 2011), ou seja, o objeto existe antes dele ser definido. Essa definição depende de uma série de estratos que vai se desenrolando no interior de uma cultura ao longo do tempo.

Assim, a cultura que compreende este espaço-tempo está repleta de complexidades que põem limites na tarefa de psicanalisá-la. Esta tarefa proposta é colocada em termos de algumas aproximações terminológicas. A produção do

¹⁰ O conceito de “inventiva” usado por nós se refere ao ensaio de Geralda Medeiros Nóbrega (p. 29, 2011) sobre as proximidades entre o “imaginário cultural e literário”. Nele a autora elenca o que compõe uma “inventiva” acerca de um espaço: as utopias, as imagens do tempo e pontos de encontro entre subjetividades e objetividades os quais confluem para o fenômeno da linguagem para distinguir o que é o “natural” e o “fabricado”.

conceito e seu debate de como foi se estruturando e como se deu sua formação pode ser retomada com o método, aqui seguimos a sugestão de Le Goff de psicanalisar a história.

A história é definida como ciência que narra séries de acontecimentos, como diz Le Goff (1996) sobre uma definição de Veyne. A história nesse sentido de definição é entrecortada entre o simbólico e o imaginário. Posto que o ato de narrar se configura como uma criação e esta é compartilhada.

Lembramos aqui que as formas de organização do conhecimento sobre um determinado objeto de estudo organizam-se na esfera do simbólico e do imaginário que se complementam para tentar apreender alguns aspectos do Real.

Portanto, no interior da formação do conceito de América Latina existe seu aspecto de acontecimentos seriados que lhe favoreceram a ter uma inventiva, que inclui o simbólico e o imaginário tentando apreender o Real, ou aspectos apreensíveis deste.

Cabe, assim, discutir o aspecto residente no triângulo em que o conceito se articula. Se a noção de América Latina foi produzida em condição de sobredeterminação, em sua macroestrutura, existe uma correlação que compõe o problema no interior de sua inventiva. Acima expomos a forma de estrutura de pensamento que foi sendo bloqueada no quadrilátero¹¹ programado pelo europeu: o espaço-tempo latino-americano em relação às etapas da colonização e como elas se deram.

Portanto, enlevado o imaginário pelos esquemas amplos de construção de um pensamento sobre o espaço-tempo em questão, não deve ser esquecido que este pensamento não é incólume às formações subjetivas, ou seja, o triângulo que constitui parte da subjetividade delimita espaços do pensamento nas camadas de afetação e de percepção da produção de um conceito que tenta expor uma dada realidade:

¹¹ O formato geométrico euclidiano possui quatro lados, sendo que a soma dos ângulos internos corresponde em igual à soma dos ângulos externos, ou seja, a perspectiva (ângulo interno) latino-americana, em determinado e longo período, é internalizada pelo fator externo do programa (ângulo externo) de modernidade europeu. A América Latina não constitui conceito de continente, é conteúdo programático.

As imagens e o pensamento simbólico são, por suas próprias estruturas, *multivalentes*. Surgem na mente humana como instrumentos de captação e expressão da realidade profunda das coisas, que pode ser bastante contraditória e, por isto mesmo, irreduzível à expressão por meio de conceitos racionais. Desse modo, a linguagem e o próprio pensamento simbólico são verdadeiros enquanto conjunto de significados reveladores da realidade essencial, não se podendo adotar significado único para expressar aquela realidade (SEIXAS, p. 112, 2008).

Se as formações adotadas no funcionamento do pensamento que cerca o conceito de América Latina expressa um determinado conjunto de *uma* realidade, os processos de assimilação decorrentes da reprodução constante de uma cultura que se torna vigente.

É possível que tenhamos, no interior do conceito, as próprias ramificações dos significados, que este, ao ter seu uso referendado e tornado comum, propõe-se a edificar. Ou seja, no conceito, ao passo que levantamos os processos que resultaram na sua inventiva, configura-se a organização de mundo contido nele.

Se por um lado houve uma busca dos intelectuais latino-americanos sobre uma ideia de identidade singular em tentativa de se afastar do espectro de *europiedade*¹², mas que por outro, a nomenclatura associa-se a um sentido que corresponde a mais forte incursão do colonizador no solo dos que produziram o conceito de América Latina.

Nesse sentido, em que buscamos através da experimentação metodológica da sugestão de Le Goff (1996) sobre psicanalisar a história, usando operadores conceituais da psicanálise lacaniana (a qual serviu como elemento a ser desdobrado e rediscutido, que será entrecortado e ampliado criticamente pela esquizoanálise em nosso estudo (DELEUZE; GUATTARI (2011; 2012) e GUATTARI; SOLNIK (1986)).

Assim, pelo estudo dos compartimentos das significações subjacentes ao conceito de América Latina, compreendemos que sua produção possui um jogo de disfunções do pensamento. Esse foi se consolidando ao longo do tempo, mas que se distendia dos problemas que compunham uma perspectiva dos registros historiográficos em que foi se erigindo, não só ideias sobre o que seria a América

¹² O termo *europiedade* aqui usado possui correspondência com os fenômenos de pertencimento e de identidade étnica e cultural com o continente europeu.

Latina, mas que subsumiam com a complexa formação de sua cultura desde o século XVI:

Antes do século XVI o mundo era policêntrico e não-capitalista; mas a partir do século XVI, como consequência da instalação da matriz colonial do poder o mundo se tornou eurocêntrico e capitalista. Assim, desde o século XVI e durante cinco séculos o controle da matriz colonial do poder esteve a cargo de países imperialistas ocidentais, que foram relevando, desde a Espanha e Portugal, até o norte da Europa, Holanda e Inglaterra e logo aos Estados Unidos, na tarefa articuladora da civilização ocidental e na hegemonia econômica, política, social e cultural. Neste período o controle da matriz colonial do poder (racista, de gênero e patriarcal, que controla o saber, o ser, o poder, a autoridade, a natureza, o trabalho e a sensibilidade em geral) nunca esteve em disputa, e todas as resistências à colonialidade foram rechaçadas, quer seja pelo recurso à cultura (seja religiosa ou secular) ou recorrendo à violência ideologicamente justificada¹³ (GÓMEZ, p. 377, 2019).

A impossibilidade existente na apresentação de todos os pormenores do Real dos acontecimentos dentro desse período de tempo, as formações do poder que são configuradas pelos aspectos do imaginário e do simbólico, instituídos por esses dois na formação de uma cultura, indicam que há no interior dessa uma formação de subjetivação.

Essa formação de subjetividade é entremeada pelas instâncias de poder que se estabeleceram para a formação do conceito de América Latina, posto que nesse lugar existe uma subjetivação que vai se formando pelos acontecimentos que envolvem desde os modos de poder institucional sobre os indivíduos, até as formas de relação de poder estabelecidas entre sujeitos.

Ou seja, por um lado se tem o poder institucional contra os indivíduos e as relações de poder que se estabelecem entre os próprios indivíduos. Essas duas formas de poder sobredeterminantes (institucional/individual –

¹³ Antes del Siglo XVI el mundo era policéntrico y nocapitalista; pero a partir del siglo XVI, como consecuencia de la instalación de la matriz colonial del poder el mundo se volvió eurocéntrico y capitalista. Así, desde el siglo XVI y durante cinco siglos el control de la matriz colonial del poder estuvo a cargo de países imperiales occidentales, que se fueron relevando, desde España y Portugal, hacia el norte de Europa, Holanda e Inglaterra y luego a los Estados Unidos, en la tarea articuladora de la civilización occidental y en la hegemonía económica, política, social y cultural. En este periodo el control de la matriz colonial del poder (racista, generista y patriarcal, que controla el saber, el ser, el poder, la autoridad, la naturaleza, el trabajo y la sensibilidad en general) nunca estuvo en disputa, y todas las resistencias a la colonialidad fueron conjurados, bien sea por el recurso a la cultura (sea religiosa o secular) o recurriendo a la violencia ideológicamente justificada.

indivíduo/indivíduo) vão maquinando uma concepção de subjetividade no interior do espaço-tempo América Latina.

Nesse sentido, a concepção de subjetivação vai constituindo-se e se singulariza pela forma como o embate dá-se na cultura, em que o papel do poder estabelecido recorre, às vezes, à violência que é legitimada pelas instituições de poder e que este afeto violento vai formando um tipo de memória de longa duração.

As subjetividades que estão dentro desse espaço-tempo adquirem, assim, uma percepção, e a partir dela se cria uma consciência ativa para a manutenção que este indivíduo terá que produzir, para poder garantir a sua existência.

Dito isso, em que pese a importância do conceito de América Latina para dar feições (ou rostidade, no sentido deleuze-guattariano) a uma concepção de subjetivação que vai se formando em relação ao poder constituído e que estes vão sobredeterminam uma espécie de memória prévia, via afetações e percepções, sobre um conjunto maquínico que estava se formando ao redor do indivíduo.

Derivaremos, a partir de uma hipótese, levantada por Néstor García Canclini (1989), para complementação da imagem do problema, em situar o que é o conceito de América Latina. Segundo o estudioso, uma das concepções para satisfazer as necessidades de compreensão sobre o problema de definição da América Latina e sua “modernidade”, em seu “valor” e “sentido” está não apenas nos cortes distintivos entre “nações, classes e etnias”, mas, sobretudo, de um cruzamento sociocultural entre a tradição e o moderno em que eles coexistem, em uma composição mesclada.

Portanto, a linha de pensamento desenvolvida por esse autor nos oferece um campo referencial de discussão sobre como se dá o cruzamento sociocultural entre o imaginário representativo de formas de vida espontâneas (tradição) entrecortadas pelos programas de reprodução de imagens viabilizados por segmentos sociais detentores de prerrogativas legitimadas por um discurso de poder (moderno) (CANCLINI, 1989).

Tal correlação indica haver uma projeção como em um quadro de estilo neobarroco, aproximando-se de rabiscos vanguardistas de um “futurismo” na periferia do mundo. Tanto que para ilustrar a imagem da constituição de subjetivação vislumbramos as complementações antagônicas das imagens da

tradição e da modernidade nas obras a serem analisadas: em uma delas, a figura de um pai de família vaqueiro (imagem-tradição de um povo e sua função existente, por consequência das formas complexas de colonização espacial); em contraponto a um jovem-revolucionário que é cooptado pelo desejo de poder e se torna um sujeito-capitalista (imagem-moderna de como o ordenamento capitalista conduz a fabricação de seus sujeitos). A primeira feição em *Vidas Secas*. A segunda, em *La muerte de Artemio Cruz*.

E nesse paradoxal conjunto de ideias que promovem as imagens multidimensionais de América Latina, desde sua concepção de lugar de pertencimento, passando pela tríade de subjetivação que configura a sua possibilidade de constituir o formato de monumento, como dispositivo totêmico de culto, mediado através do registro de tipo narrativo, na obra de arte, ou pela literatura epistêmica da Historiografia é que compreendemos ser o espaço-tempo latino-americano um resultado de um programa das transformações do mundo ocidental.

Mas seu conteúdo multiforme se desenvolveu por meio de afastamentos de toda ordem em relação à sua matriz programática, situada em primeira instância na Europa da Idade Moderna (a partir do final do século XV e início do século XVI) e da estrutura cultural da modernidade (como modelo ético e estético: em primeiro plano, no século XIX, a ser enfrentado e, subsequentemente, a ser confrontado; e, por fim, de ruptura, seja parcial ou integral, a partir do século XX).

No plano estético/ literário, a produção dessa arte na América Latina, a cultura da modernidade possui dois pontos a serem percebidos, cujo centro do debate leva em consideração o aspecto emancipador e diferenciador das marcas que distanciam o sentido de colonialidade e decolonialidade em relação ao vazio espacial, preenchido pelos processos de formação da América Latina e seu conceito, o afastamento (a resposta) em relação aos princípios do ecossistema que produz a arte na Europa. Do mesmo modo que a produção das literaturas latino-americanas possuem um intento macroestrutural do rechaço à arte produzida na Europa, esta tarefa emancipatória tem nesta última seu referencial geoestético.

Se há um programa moderno e ocidental surgido no seio da Europa e este é paulatinamente transposto ao redor da nova configuração de mundo, o

afastamento desse ideário não concebe suplantar o programa e substituí-lo, mas de se emancipar dele.

A emancipação do discurso literário antecede em nosso continente à emancipação política. Sua história atravessa o século e assume diversas modulações, adquire explicitação nas polêmicas em torno da língua e das literaturas nacionais, se integra ao processo modernizador, para chegar ao século XX como uma dupla proposta e já como afirmação: as vanguardas de um lado, e os regionalismos de outro¹⁴ (PIZARRO, p, 23, 1994).

Muito embora haja essa emancipação e ela é uma das características da produções literárias latino-americanas que caminham para uma identificação de si a partir das percepções e afetos que aqui foram se formando, há no metabolismo da memória as marcas indeléveis das condições de vida, das condições institucionais, das condições culturais que o programa europeu instituiu. E a existência dessa emancipação total ou parcial em relação ao programa de modernidade, as causas e efeitos da emancipação se interligam de modo arraigado ao programa.

No século XVI, temos uma literatura que vai se formando e tomando uma feição, que abre portas para a sintonização entre o espaço desenhado nas linhas da escritura como registro e crônica sobre o espaço-tempo América. As crônicas versam sobre os conflitos entre colonizador e os povos que aqui habitavam, como narra Cortés em suas *Cartas y relaciones al emperador Carlos V*, ou de caráter religioso em Bartolomé de las Casas em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias, 1542*.

As circunstâncias que possibilitaram a produção deste gênero era de informar às cortes europeias sobre os acontecimentos que aqui ocorriam, mesclando com tonalidades do colorido da fantasia à serviço de registrar e informar sobre as novas conquistas, criando no imaginário social uma ideia de América Latina.

Como todo produto do imaginário (causa) passa pelos processos de simbolização (efeito) que deslizam pela linguagem e pela comunicação, ainda

¹⁴ La emancipación del discurso literario antecede en nuestro continente a la emancipación política. Su historia atraviesa el siglo y asume diversas modulaciones, adquire explicitación en las polémicas em torno a la lengua y las literaturas nacionales, se integra al proceso modernizador, para llegar ao siglo XX en una doble propuesta y ya como afirmación: las vanguardias por una parte, los regionalismos por outra.

assim, é notável como a imagem desse período está completamente enraizada nas formas genéricas de narrar dos modelos estabelecidos no programa dos conquistadores.

Além das crônicas, as cartas e as chamadas “relações” produziram a imagem, ou seja, o inconsciente que foi se sedimentando a partir desse período. Erige-se, a partir desse momento, cintilações de subjetivação atomizados ou indícios de uma subjetivação que ainda não toma um corpo, não há ainda uma feição propriamente dita, não há uma rostidade.

Ao passo que esta literatura informativa vai perdendo sua relevância como forma única de percepção do mundo do espaço-tempo América Latina, o barroco vai se esparramando na superfície deste chão, ao mesmo tempo em que vai se horizontalizando. Do solo aos céus.

Contudo, sua definição se torna problemática e variada devido aos processos estratégicos de leitura e interpretação que se seguiram ao longo do tempo. Para ficarmos em um exemplo de definição de barroco e que toda a literatura posterior lhe é devedora (ou como afirma Borges (2000) sobre como toda leitura é anacrônica, sobretudo as feitas pelos leitores do século XX, quando todo escritor inventava seu predecessor), Carpentier (1975) tenta definir o barroco não como um estilo propriamente dito, mas o barroquismo é visto como um signo de transformação, de mudança e de inovação.

O Barroco se coloca, assim, como uma imagem do tempo-limite, em que as transformações do espaço-tempo são definidoras e estão no liame entre o auge ou premonição. Desse modo, podemos situar que essa cosmovisão de Carpentier compreende o espaço-tempo América Latina como sendo o próprio barroco e sendo o *locus* dessas transformações:

Engendrado na Itália, o Barroco ali surgiu quando as conquistas se ampliavam para o ocidente. Tocou a América, do México às regiões ainda quentes da Argentina, deixando registros monumentais em Cuba, Equador, Brasil, Colômbia, Peru, Bolívia e Paraguai. Criou seus estatutos formais em pinturas, música, monumentos funerários, esculturas e edificações, até tornar-se uma espécie de passado comum do Continente. Há uma realidade plástica barroca na América Latina, como que constituindo uma personalidade pretérita e unilateral gerada e gerida, na origem, sob a batuta da Igreja, com sua *gestalt* própria, educadora dos sentidos e balizadora do gosto. Chegou pronto, uma experimentação formal já posta à prova na realidade europeia pós-renascentista, com resultados cotejados com os mesmos propósitos ideológicos que o fizeram nascer. Um sistema visual de sedução dos sentidos latinos, já sensivelmente educados para a arte pública das opulentas civilizações autóctones do Continente. (SILVA, p. 112, 2012)

Como sistema sígnico, é no barroco que há uma maior interferência na paisagem local. Se o período da chegada do europeu houve uma interferência de ordem direta sobre a constituição de vida, tanto do colonizador quanto dos povos que aqui habitavam, as formas do barroco transformam a natureza espacial local, com sua arquitetura, suas construções de relevos diversos a da existente no espaço latino-americano.

Se as imagens simbólicas já constituídas por aqui, e que de certo modo indicavam um modelo de *cultus*, agora estas imagens do Real estavam dividindo espaço com as novas edificações que aos poucos foram sendo sedimentadas e naturalizadas, na convivência entre as tradições dos povos pré-colombianos com as formas de transformação e de interferência na natureza feitas pelo colonizador. As imagens consolidadas no *cultus* dos povos nativos e as transformações dessa natureza feita pela política estética da transmutação, principalmente no barroco, criaram na macroestrutura espacial as imagens díspares, dissonantes.

Havia, pois, uma paisagem que era naturalmente pertencente à cor local e que foi se hibridizando no contato entre o europeu e o nativo. Essa mistura nos matizes vai se incorporando aos espaços de convivência social, notabilizando essa nova arquitetura social na época da pós-conquista. Se as formas de entender e de interpretar a realidade da literatura no período da conquista cria uma imagem local, o barroquismo interfere diretamente nas imagens do Real do espaço-tempo América Latina.

Se a primeira predominantemente interpreta os acontecimentos, a outra transforma o espaço. Uma é predominantemente imagem (mas não apenas),

pois constitui um imaginário sobre o local; a outra é predominantemente simbólica, porquanto dos desejos que o inconsciente produz nas relações de contato entre os estratos sociais (dos povos nativos e da sua cultura ante os colonizadores e suas instituições) que se estavam criando, ou seja, é a própria transmutação do Real.

Já no século XIX, junto com as lutas pelas independências no território latino-americano, as buscas por identidades nacionais estavam diluídas na construção de literaturas nacionais, com suas características e peculiaridades:

Como se sabe, os nacionalismos tendem a exacerbar-se até a guerra. Mas desde as Guerras de Independência, os discursos nacionalistas latino-americanos deixaram de ser belicosos; as bombas são aí puramente retóricas. As metáforas identitárias latino-americanas são no mais das vezes eróticas, fazem apelo à cena primitiva da união Europa-América. Permanece porém, em algumas dessas metáforas, a lembrança de uma violência – a invasão, o estupro – que provoca uma resposta igualmente agressiva – o canibalismo, a apropriação ilícita. A questão dolorosa de nossas origens é colocada com vistas a uma solução, mas não é esquecida. Existe sempre, nos ensaios sobre nossa identidade, uma tensão de base: nossa relação com o Velho Mundo que nos invadiu no século XVI, com o colonizador que nos explorou, e agora com o Primeiro Mundo que nos mantém em situação de dependência (PERRONE-MOISÉS, p. 256, 1997).

A presença da tensão entre o nacional, o telúrico, a ideia de pertencimento em relação direta com as forças do poder metropolitano é uma constante nas formações das identidades nacionais latino-americanas.

Para Perrone-Moisés (1997), juntamente com essa ideia de formação de identidade, pode se falar coincidentemente nas lutas por independência política durante o final do século XVIII e início do XIX.

O século XIX, na América Latina, temos dois movimentos predominantes que tiveram repercussão nas formas que constituíram as novas estruturas que pavimentaram a arte moderna e sua forma de percepção. Nesse século vê a consolidação das revoluções nacionais, uma nova ordem de caráter global, uma nova sensibilidade em relação à arte e as formas de consumo e (re)produção desta.

O Romantismo que surge na Europa toma outros rumos na América Latina. Temos como um dos primeiros produtores desse movimento o argentino

Echeverría, autor do poema épico *La cautiva* (1837) em que mescla o tema da paisagem e do sentimento, nas cores dos Pampas argentino junto com o amor. A composição trata sobre dois jovens que estavam em fuga de tribos indígenas violentas. Com essa composição, o autor inaugura uma tendência que irá se desdobrar na literatura *gaucha*, muito difundida na Argentina e Uruguai, na qual trata sobre a cultura do povo *gaucho* desses dois países, e tem como principal expoente o *Martín Fierro* (1872), do argentino José Hernández.

No plano brasileiro, os maiores expoentes do romantismo foram José de Alencar (cujo autor buscava, principalmente, na figura do índio, a imagem de uma identidade do herói nacional nos moldes românticos europeus), Castro Alves (o poeta que apresentou as agruras do escravismo do negro afro-brasileiro no último país do ocidente a abolir a escravidão de seu plano de trabalho).

Ainda no Brasil, o realismo toma o lugar no romantismo. Neste movimento, mais especificamente no gênero romance, os temas levavam em conta os problemas da sociedade urbana, de uma burguesia local, tratando de suas mazelas e dos modos de relação entre seus indivíduos. Machado de Assis é o maior representante dessa vertente da narrativa do fim de século XIX no Brasil.

Em relação ao modernismo, Rubén Darío é seu maior nome representativo nas letras hispânicas da América Latina. O autor nicaraguense teve contato com outros nomes da intelectualidade do período, ao passo que, nessa formação, constrói uma poética, mesclando formas de fazer da arte literária, usando tanto as formas novas (as dos poetas franceses), como imolando as velhas fórmulas (da literatura de língua espanhola) para construir um mundo como em *Azul* (1888) *Prosas Profanas* (1896).

Ainda no século XIX, é importante frisar o poeta mexicano José Juan Tablada como um dos precursores do vanguardismo. Sua poesia repleta de metáforas e exageros, esse literato antecipa o movimento que surge no século XX, o Ultraísmo e seu gosto intenso pelas metáforas.

Essas são as mais remotas formações de linguagem literária com suas expressões de imagens simbólicas e as correspondências contextuais no espaço-tempo em que elas foram produzidas. Essas formações vão sedimentando, edificando uma memória prévia das imagens que compõem esta miríade (memória de longa-duração das composições da arte literária) e

desembocam no regionalismo brasileiro e no chamado *boom* da literatura latino-americana.

Embora haja a complexidade em conceber uma ideia de identidade nas diferenças, a diversidade é tomada como uma figura comum com que se foi construindo este conjunto amplo e extenso das literaturas do espaço-tempo América Latina, suas culturas no interior de cada país indicam cisões na ideia de unidade. Portanto, sabemos que há uma complexa rede que nem sempre está em contato, mas que possuem especificidades em torno de uma busca por identidade, muito embora ela esteja mais presente e se faça sentir na diferença, na diversidade:

A unidade de América Latina foi e segue sendo um projeto de equipe intelectual própria, reconhecida por um consenso internacional. Está fundada em razões persuasivas e conta em seu favor com reais e poderosas forças unificadoras. A maioria delas tem raízes no passado, havendo modelado profundamente a vida dos povos: vão desde uma história comum a uma língua comum e a modelos similares de comportamento. As outras são contemporâneas e compensam sua minoridade com uma alta potencialidade: respondem às pulsões econômicas e políticas universais que levam à expansão das civilizações dominantes do planeta. Por baixo dessa unidade, real enquanto projeto, real enquanto bases de sustentação, se implanta uma interior diversidade que é a definição mais precisa do continente. Unidade e diversidade tem sido uma fórmula preferida pelos analistas de muitas disciplinas¹⁵ (RAMA, p. 67, 2008).

Esse entendimento de Rama (2008) acerca de uma ideia que circula como um consenso, possui evidentes forças que impelem às transformações contínuas nas formas de vida no interior de culturas, que dialogam por via indireta. As pulsões institucionais (econômicas e políticas) seguem um regramento nesta altura do capitalismo e nelas o desejo de unidade é de projeto, porquanto que a ideia de unidade é projeção assumida por um consenso.

¹⁵ La unidad de América Latina ha sido y sigue siendo un proyecto del equipo intelectual propio, reconocida por un consenso internacional. Está fundada en persuasivas razones y cuenta a su favor con reales y poderosas fuerzas unificadoras. La mayoría de ellas radican en el pasado, habiendo modelado hondamente la vida de los pueblos: van desde una historia común a una común lengua y a similares modelos de comportamiento. Las otras son contemporáneas y compensan su minoridad con una alta potencialidad: responden a las pulsiones económicas y políticas universales que acarrear la expansión de las civilizaciones dominantes del planeta. Por debajo de esa unidad, real en cuanto proyecto, real en cuanto a bases de sustentación, se despliega una interior diversidad que es definición más precisa del continente. Unidad y diversidad ha sido una fórmula preferida por los analistas de muchas disciplinas.

Deste modo, ao passo que esta sensibilidade tensionada que circula nos afetos da malha social é sentida nas produções estéticas, os afetos que se fazem sentir no seio de uma cultura são encontrados nas lutas por afirmações e emancipações (culturais, sociais e políticas que se imbricam nas forças econômicas).

O mesmo domínio do imaginário que move a política, move a estética. Em maior ou em menor grau, a cultura e as formas de ação-prática no mundo produzem simbolização das imagens que encontram seu escape na política e na estética. Elas convivem no mesmo espaço-tempo. Coabitam o Real.

A formação social complexa da América Latina, a cultura com os seus avanços e recuos para inovação estética que a diferenciava da Europa (a sombra intermitente) agora já prometia uma diferença irreversível: a intrusão colonizadora, de maneira geral, se esgarçava e se dirigia para uma implosão. O programa da modernidade surgido na Europa encontrava sua fase de confronto com o conjunto do espaço-tempo na sua idade de contestação e independência.

As fragmentações e descontinuidades que marcaram as linhas de ordenamento que caracterizaram a progressão histórica do significante América Latina e o imaginário simbólico que paira sobre o ideário desse conceito, aglutinam formações institucionalizadas em órgãos do campo cultural que movimentam as intersecções dos registros do Real, ou seja, a formação cultural e o funcionamento das instituições seguem progressivamente um programa no qual eles projetam uma sobredeterminação.

Embora o conteúdo que se encontra nos registros possa oferecer, de antemão uma concepção das temáticas que se insinuam ao olhar do observador-produtor de discurso, tal concepção é amostra de uma radicalidade compartilhada no interior da cultura e de sua reprodução.

Nossas reflexões acerca da modernidade na composição do caldo cultural ressignificado e tornado objeto a partir da investigação sobre a significação de América Latina, conflui para o problema de como se constitui as subjetividades através do olhar do observador-produtor de discurso na instituição literária, que possui suas características próprias, tanto na narrativa que compõe essa subjetivação em Graciliano Ramos como em Carlos Fuentes.

Os dois autores demonstram uma configuração de como as imagens das subjetividades são registradas nas expressões literárias, tendo em vista que as

histórias são compostas no interior narrativo como um desenho-vivo performatizado de um organismo, visando compreender a sedimentação das camadas subjetivas na constituição da subjetivação *altermnemônica*.

O simbólico e o imaginário são determinantes para que a concepção de subjetividades, compreendida em nossa análise como uma interligação com uma “história psicanalítica” (Le Goff, 1996), que conforma o Real da imagem (re)produzida nas narrativas literárias, cartografa as linhas multiformes delineadas que indicam a significação da constituição da subjetivação *altermnemônica*.

A rigor, este conceito de subjetivação *altermnemônica* em nossa tese é a junção entre o termo do latim *alter* (referente a outro) e o grego *mnemôsine* (referente à memória). O conceito de subjetivação *altermnemônica* se refere a uma constituição de coordenadas de imagens que surgem no interior das narrativas *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz* para articular o funcionamento do acontecimento em que um ente se encontra diante das sobredeterminações das instituições sociais.

Visamos perceber no funcionamento da subjetivação as inadequações que subjetividades lidam direta ou indiretamente com um entorno inóspito às potências de vida, nas experimentações e nas experiências constituintes da condição de ser-estar no mundo.

Essa condição é repleta de acontecimentos que requerem reações e gradações de respostas diante de um acontecimento singular. Existe uma condicionante na constituição desta subjetivação. Ocorre no interior de um acontecimento que desagrega posturas tidas como comum; a subjetivação *altermnemônica* lida com o incomum, o inédito, com a surpresa, com o insólito.

Contudo, as reações e as respostas na constituição dessa subjetivação são sobredeterminadas pelas máquinas sociais de produção de desejos (a religião, o amor, os estamentos empresariais, o patronato, as amizades, o Estado etc), a fim de criar individualidades, por institutos sociais que impõem regras tácitas e condicionamentos de comportamentos que permeiam o imaginário social do(s) sujeito(s), atingindo a forma simbólica do inconsciente que é a linguagem em contato com as alteridades, sejam elas orgânicas ou inorgânicas; egóticas ou supraegóticas; íntimas ou sociais; naturais ou fabricadas. Ou seja, a constituição da subjetivação *altermnemônica* assume uma

feição, ou rostidade, no enfrentamento das condições cruciais da existência com o poder extracorpóreo, mas que neste impulsiona uma formação de memória sobre uma experiência singular.

Portanto, é no contato com as máquinas sociais de produção de desejo que a subjetivação *altermnemônica* produzirá forças opostas à estas produções, criando energias formadoras de memória.

Isso posto, as coordenadas de imagens da subjetivação *altermnemônica* que se apresentam nos autores Graciliano Ramos e Carlos Fuentes se equiparam entre si nas respectivas formulações narrativas. Elas são sintetizadas nos caracteres que sublinham, no primeiro, a imagem constante na literatura brasileira do Nordeste de, por exemplo, um sujeito em meio às agruras da vida compartilhada de uma família primitiva, quando nos referimos à expressão de desejos e aos contatos imediatos com grupos sociais, em um ambiente inóspito, gravado por cenas singulares em um espaço geográfico de cores ressecadas e de restrições, apresentado correlativamente pela impossibilidade de movimentos extensos, feito por meio da linguagem.

Essa linguagem constitui aspecto singular na literatura de Graciliano Ramos, a narrativa de *Vidas Secas* só se torna possível pela correspondência com o Real que ela estabelece:

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranqüila e marchou para casa. Chegou-se a beira do rio. A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dele faziam chape-chape, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário (RAMOS, p. 17-18, 2014).

A descrição sobre essa história do gesto apresenta os traços constantes das performances dos corpos em meio a um bioma, é como uma integração e contato entre esse espaço e uma reprodução a que o sujeito se comporta, uma conjunção no tempo entre o passado do “vi” e a presença autônoma experimentada no “ver”, pois nessa equação se realiza o *viver*, visto que a sobrevivência se principia no olhar para, em seguida, ser experimentada, reproduzida, formando o *ethos* do vaqueiro e do sertanejo, a síntese da imagem-

memória que habita o inconsciente social local, tornado matéria da narrativa do romance do autor nordestino-brasileiro.

É nessa percepção que o produtor do discurso, como instantâneo dependurado no tempo, conflui o *Zeitgeist*, voltando o seu olhar, e seu experimento de linguagem, na sua concepção modernizante de mundo, em direção ao que, para si, é uma constância do Real, aquilo que lhe consome e incomoda. O gesto, narrado, portanto, é uma das afirmações simbólicas constituídas no percurso do tempo, na linha que sustenta a frágil perenidade das gerações que se equilibram nessa corda-mundo.

Já em Carlos Fuentes há, contudo, uma construção mais elétrica na linguagem da narrativa que, apesar dos pares harmônicos, ao melhor estilo barroco, aparece uma economia de outra espécie. A fórmula externa se envolve com a interna, elas se completam no quadrilátero euclidiano, o nativo e o europeu. Esses pares antagônicos são as formas possíveis de conjurar as oposições anímicas entre o triângulo Estados Unidos-México-Europa, que se problematiza por toda a narrativa. Assim, os movimentos de oposição e de desejo de ser se encontram na metáfora da navegação:

Avançarás e adentrarás na nave do baixel, onde o exterior castelhano haverá sido vencido pela plenitude, macabra e sorridente, deste céu indígena de santos, anjos e deuses índios. Uma só nave, enorme, correrá até o altar de folhada dourada, sombria opulência de rostos mascarados, lúgubre e festiva prece, sempre premiado, desta liberdade, a única concedida, de decorar um templo e preenchê-lo de sobressalto tranquilo, da resignação esculpida, do horror ao vazio, aos tempos idos, dos que prolongavam a morosidade deliberada do trabalho livre, os instantes excepcionais de autonomia em cor e forma, distante desse mundo exterior de chicotes e ferrolhos e varíolas. Caminharás, à conquista de teu novo mundo, pela nave sem um espaço limpo: cabeças de anjos, videiras derramadas, florações policromadas, frutos redondos, vermelhos, capturados entre as trepadeiras de ouro, santos brancos embutidos, santos de olhar assombrado, santos de um céu inventado pelo índio a sua imagem e semelhança: anjos e santos com o rosto do sol e a lua, com a mão protetora das colheitas, com o dedo indicador de cães-guia, com os olhos cruéis, desnecessários, alheios, do ídolo, com o semblante rigoroso dos ciclos. Os rostos de pedra detrás das máscaras rosas, bondosas, ingênuas, contudo impassíveis, mortas, máscaras: cria a noite, apoiador de vento das velas negras, feche os olhos Artemio Cruz...¹⁶ (FUENTES, p. 141, 2000).

¹⁶ Avanzarás y penetrarás en la nave del bajel, donde el exterior castellano habrá sido vencido por la plenitud, macabra y sonriente, de este cielo indio de santos, ángeles y dioses indios. Una

É a heterogeneidade da constituição da subjetivação, indicada no *corpus* descritivo que se intrusa na narrativa, na criatividade de, através de um narrador-consciência, decalcar o que é a formação subjetiva perante uma tentativa de demonstração do inconsciente coletivo do segmento hegemônico e sua vontade de ser como impossibilidade.

Presumimos que, na arte literária do produtor-autor, as séries comportamentais, exemplificada na subjetividade da personagem e revelada pelo seu *antiego*¹⁷, institui a modelagem em que o símbolo do desejo é, em aparência, inalcançável, uma espécie de objeto A lacaniano (2011).

As narrativas dos autores Ramos e Fuentes promovem as concepções criativas de um tempo sedimentado, construído ao longo do desenvolvimento desse vasto espaço-tempo, viabilizando perceber que a trans-formação das subjetividades está colocada na geografia dos desejos, nas formas atomizadas dos desejos que se apresentam no mundo-imagem-símbolo da linguagem literária.

As subjetividades estão em permanente trans-formação nas insinuações sobredeterminantes dos discursos do programa de modernidade (aqui neste ponto é que se produz o sujeito) que impelem a arte literária a funcionar como máquina de produção e reprodução discursiva (que podem agir criticamente) com a percepção da institucionalização de subjetividades. Estas subjetividades,

sola nave, enorme, correrá hacia el altar de hojarasca dorada, sombría opulencia de rostros enmascarados, lúgubre y festivo rezo, siempre apremiado, de esta libertad, la única concedida, de decorar un templo y llenarlo del sobresalto tranquilo, de la resignación esculpida, del horror al vacío, a los tiempos muertos, de quienes prolongaban la morosidad deliberada del trabajo libre, los instantes excepcionales de autonomía en el color y la forma, lejos de ese mundo exterior de látigos y herros y viruelas. Caminarás, a la conquista de tu nuevo mundo, por la nave sin un espacio limpio: cabezas de ángeles, vides derramadas, floraciones policromas, frutos redondos, rojos, capturados entre las enredaderas de oro, santos blancos empotrados, santos de mirada asombrada, santos de un cielo inventado por el indio a su imagen y semejanza: ángeles y santos con el rostro del sol y la luna, con la mano protectora de las cosechas, con el dedo índice de los canes guidores, con los ojos crueles, innecesarios, ajenos, del ídolo, con el semblante riguroso de los ciclos. Los rostros de piedra detrás de las máscaras rosa, bondadosas, ingenuas, pero impasibles, muertas, máscaras: crea la noche, hincha de viento el velamen negro, cierra los ojos Artemio Cruz...

¹⁷ O conceito de *antiego* aqui por nós proposto se refere a um artifício em uma das categorias da linguagem narrativa na novela de Carlos Fuentes que consiste na tripartição do narrador em três momentos: uma narrativa distanciada; uma outra narrativa em que o narrador-personagem se impõe; por fim, um narrador-consciência. Esse último, o narrador-consciência se configura como o *antiego* da personagem Artemio, reconfigurando os conflitos enredados, demonstrando furos nos acontecimentos da narrativa em primeira pessoa, como um espelho de si, redirecionando os jogos de sentidos da novela.

produzidas neste maquinário programado, se estruturam no simbólico-imaginário do espaço-tempo e se movimentam no microcosmo do Real.

2.2 AS MEMÓRIAS NA MODERNIDADE LATINO-AMERICANA: DE UMA “HISTÓRIA DAS REPRESENTAÇÕES” A UMA “HISTÓRIA PSICANALÍTICA”

Entender sobre o processo de constituição da memória em favor de um debate que suscite uma concepção mais abrangente de como se deu o programa da interferência da modernidade europeia na cultura da América Latina é tarefa que possui determinadas possibilidades analíticas.

Isso porque há uma variada definição de memória, mas a que abarca um campo que seja articulado entre uma teoria da literatura e sobre, como sugere o historiador francês Le Goff (1996), uma aproximação para se desenvolver uma psicanálise da história. Para fins didáticos, esta sugestão, não levada adiante pelo historiador, apresenta uma ordenação necessária de ser, por nós, elucidada. E, para levarmos adiante o debate sobre uma concepção de memória singular no espectro latino-americano, teremos que nos debruçar sobre a sugestão acima exposta.

Em primeiro lugar, psicanalisar a história supõe um conjunto epistemológico de averiguação de uma estrutura discursiva correspondente ao que seja fazer História ou ao problema de temporalidade-acontecimento que, no fim das contas, reduziria as ramificações do processo histórico enquanto encadeamento e desencadeamento de ordenações estáticas, ou seja, supor uma superestrutura é diminuir em escala as observações acerca do que é História.

Em um segundo momento, a metodologia psicanalítica se desenvolve em um espaço discursivo repleto de versos e reversos¹⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Podemos encarar tal dubiedade como um excesso de que há *algo a se*

¹⁸ Sobre a duplicidade do discurso psicanalítico nos estudos dos pensadores franceses podemos fazer uma primeira diferenciação: a psicanálise tradicional freudiana (o verso) e a esquizoanálise (o reverso) conjugam pontos de partida. O primeiro, se debruça sobre a formação do sujeito a partir uma série estrutural (psicose, neurose e perversão) de cunho imagético-simbólico da instituição familiar (edipiana). O segundo, a esquizoanálise, supõe uma articulação que constitui os processos de subjetivação, partindo das formas elementares dos meios de produção determinantes em algumas categorias de experiências de vida.

responder, há sempre algo a se psicanalisar. Este excesso, de teor formativo no pensamento psicanalítico, implica em repostas definidoras de um objeto de análise.

Não há nada que seja possível escapar do jugo delimitador da psicanálise tradicional e de sua metodologia de averiguação invasiva. Portanto, a psicanálise tradicional pode ser, em determinado momento em nossa investigação, apenas um charuto-chiste freudiano. Teremos o cuidado de recorrer a esta psicanálise, sem que esta determine os rumos do que ela esteja perseguindo.

Portanto, recorrer a aspectos de uma alternativa diametralmente oposta ao engessamento, buscamos reverter o quadro do que determina não a psicanálise, mas o aspecto da memória como um componente da história em nossa tese.

Por fim, o campo da psicanálise será nesta investigação desbravado pela articulação entre a organização sígnica (simbólico) das figuras e imagens suscitadas na linguagem literária e a percepção constituída pela memória, enquanto aspecto desagregador na ordem da existência comum da constituição de uma subjetivação.

Pensar a articulação que constitui a subjetivação *altermnemônica*, como uma feição que surge no interior do acontecimento e nele se posiciona como ente de existência, nos remete a alguns princípios de diálogos entre campos de conhecimento diversos, contudo, estão dentro de áreas do saber das ciências humanas.

A temática aqui exposta, conforme percurso explicitado por Le Goff (1996, p. 11), apresenta uma espécie de “história das *representações*”, mas que se posiciona a partir de uma geografia de existência já focalizada, ou seja, de uma explicação histórica relacionada com as convenções do campo de conhecimento que leve em consideração um recorte cronológico (periodização); além do recorte da tradição epistemológica do Ocidente, em oposição a uma outra concepção de História, aqui não interessante discutir, da parte leste do mundo. Sobre a perspectiva de “história das *representações*”, de acordo com o estudioso

francês, há ramificações que possibilitam um diálogo interdisciplinar para a construção de uma metodologia explicativa-analítica¹⁹ do nosso problema.

No interior da análise da “história das *representações*” duas aqui nos interessam para o desenvolvimento das investigações acerca da literatura do final do período modernista-regionalista da primeira fase (*Vidas Secas*) e do fenômeno do *boom* literário na América Latina falante da língua castelhana (*La muerte de Artemio Cruz*).

A primeira: a “história do *imaginário*” (LE GOFF, p. 11-12, 1996). A partir desta visamos compreender a especificidade do texto literário como registro da imagem que se constrói a partir de uma singularidade da expressão literária. Esta categoria analítica da história, aqui, não será pensada como um documento nos moldes em que se está no horizonte da convenção da História (como é pensada por Le Goff). Pensaremos no registro do discurso interno ao que se compreende como o imaginário, realçado por uma subjetividade de quem produz uma literatura.

Portanto, há distinções entre as formas dos conceitos da História que diferenciam o papel do historiador pensado pelo estudioso francês. O empreendimento de uma psicanálise da “história das *representações*” feita em nosso trabalho, em um primeiro momento, não pensa o registro histórico; mas sim, o discurso interno ao movimento histórico que o produziu.

A segunda é a “história do *simbólico*” (LE GOFF, p. 12, 1996). Esta visa o entendimento de mecanismos e atuações sociais, elencados nas literaturas acima referidas, como delimitadas por espectros do Real e que possibilitam uma retenção dos processos de subjetivação e suas causas e consequências.

Esse duplo da ação prática formaliza uma ideia de subjetivação, e na literatura se condensa para reconstituir a “história *psicanalítica*” da subjetivação no espaço-tempo América Latina, retratado nas literaturas de Graciliano Ramos e de Carlos Fuentes, ou seja, as categorias do imaginário simbólico que organizam as articulações entre as máquinas de produção de desejo, sejam elas as micromáquinas (as subjetividades) ou as máquinas sociais.

¹⁹ Sobre a junção da categoria explicativa-analítica podemos localizar os campos do conhecimento que esta suscita: O explicativo, para Le Goff (1996), é uma tarefa da história. O analítico será tratado aqui como alçada da psicanálise.

Sendo assim, nosso empreendimento metodológico supõe compreender processos históricos localizados dentro de categorias explicativas-analíticas, imbricadas pela multidisciplinaridade que requer uma compreensão dessas articulações entre os saberes da História, Psicanálise e dos estudos em Literatura, com o intuito de cartografar as dinâmicas de constituição de subjetividades no imaginário social latino-americano a partir de aspectos simbólicos formulados nos discursos literários.

Já ressaltamos uma breve noção daquilo que nos direciona a chegar na equação erigida durante um período de formação e independência (em certa medida) de microcosmos literários. Tanto o modelamento discursivo²⁰ em Graciliano Ramos, quanto em Carlos Fuentes, fazem da literatura um espaço de construção de subjetividades a partir de articulações entre subjetividades com o *status quo*.

Compreender esse modelamento discursivo subentende-se dizer que existem diferentes mecanismos que delimitam o problema das narrativas que se constroem na órbita das culturas da América Latina.

Os elementos que produzem ritmos históricos distintos, a depender da localização cultural²¹ em que se encontram as obras na historiografia literária, pois cada periodização desse tipo não possui os mesmos enquadramentos de acontecimentos, cada um é singular, nem muito menos fazem ramificação com a intensificação da primazia do tempo presente para o senso comum. É preciso lembrar que este tipo de recepção social de uma obra tem a ver com as medidas de propagação da literatura, principalmente no século XX, incipiente na primeira metade, e em escala maior após o *boom*:

²⁰ Sugerimos essa terminologia para definir o funcionamento do discurso literário como um aspecto inerente ao campo simbólico de filtrar relações sociais dentro de estratos das instituições modernas para apurar as maquinações estatutárias no limiar entre modernismo e pós-modernismo.

²¹ Entender as repercussões que cada obra possui dentro de âmbito cultural em cada geografia determina como se apresenta a inventividade de relações sociais, culturais e subjetivas dentro da máquina capitalística de produções não de subjetividades, mas sim de individualidades, de isolamento implícito do sujeito.

É fundamental recordar, no entanto, que enquanto alguns centros de estudos insistirão na celebração da palavra e na maquiagem polida das glosas críticas – propondo diante da produção de linguagem autorreferenciais a oportunidade de sustentar paráfrases lúdicas com esses mesmos andaimes – outros centros abrirão à prática literária a uma inserção do cultural no social. Deste modo se dará uma maior tematização acadêmica das relações do intelectual e a sociedade e do papel que desenvolve a literatura nos processos sociais. Discussões estas que tinham sua raiz na ordem do dia imposto pela dinâmica dos leitores, pelos próprios escritores, e por sua crescente função social pública (SOSNOWSKI, p. 144, s/a).

Existem confluências e sobredeterminações no aparato institucional na modernidade latino-americana que revelam os agenciamentos contingenciados pelo ritmo da memória, simbólica, antes da social.

Assim, o modelamento discursivo das literaturas aqui analisadas são demonstrações de uma singularidade na produção simbólica de desejos. Estes, por sua vez, são sobredeterminados pelas instituições modernas que direcionam as capacidades de construção de afetos e de percepções das subjetividades produtoras de discurso e que produzem desejos.

Desse modo, a atenção na categoria de constituição de subjetivação²², na arte literária, é um modo de fazermos a distinção entre a formalização da constituição de subjetivação *altermnemônica* como produto de uma subjetividade maquínica²³.

A subjetividade é uma peça monolítica, possui mais características sedentárias do que ramificações e intensidades, junto às categorias de temporalidade e de desejos, ante a constituição de subjetivação que se institui em um devir, em um processo dentro de séries de acontecimentos. Outro ponto a ser aqui submetido a um debate é sobre as diferenças que estão no intermédio entre dois princípios.

O primeiro é sobre uma “história *psicanalítica*” como um caminho de análise explicativa da constituição da subjetivação *altermnemônica*, enquanto modo de entrada nos aspectos simbólicos que estão internalizados em um estrato temporal, localizado e condensado em um segmento de cultura.

²² Entendemos tal conceito como um processo, sempre em devir. (Cf. Guattari; Rolnik)

²³ O conceito de subjetividade é um produto de agenciamento das máquinas de industrialização de desejos. (Cf. Guattari; Rolnik)

O segundo ponto está relacionado com a esquizoanálise e sua aproximação com a história. Ora, Guattari e Solnik (1986) já pensavam nessa articulação a partir do eixo do desejo. E, para fins de explicação, as subjetividades são produções de desejos surgidos nas maquinações abstratas²⁴ que traduzem um limite temporal, ou *Zeitgeist*. Essas máquinas possuem funcionamento constante, linear e definidoras de aspectos históricos. Portanto, a partir de um conjunto constante e linear de desejos se subtrai uma individuação como produto de uma estrutura maquinica:

Acho muito mais vantajoso partir de uma teoria do desejo que o considere como pertencendo propriamente a sistemas máqunicos altamente diferenciados e elaborados. E quando digo “maquínico”, não me refiro a mecânico, nem necessariamente a máquinas técnicas. As máquinas técnicas existem, é claro, mas há também máquinas sociais, máquinas estéticas, máquinas teóricas e assim por diante. Em outras palavras, há máquinas territorializadas (em metal, em eletricidade, etc.), assim como há também máquinas desterritorializadas que funcionam num nível de semioticidade completamente outro (GUATTARI; ROLNIK, p. 239, 1986).

Para pensarmos nessa “teoria do desejo” de Guattari e Solnik (1986) como um correlato do problema pensado por Le Goff (ele pensava que havia uma dificuldade da psicanálise em se mostrar eficiente, enquanto método de investigação objetivamente nos moldes da ciência histórica), o desejo seria um campo de aproximação entre a esquizoanálise (a dialética do pós-estruturalismo para a psicanálise) e o campo da História.

A investigação que se segue, portanto, busca equacionar o problema sugerido pelo historiador francês, como criar uma “história *psicanalítica*” com as dificuldades que o estudioso pensava, tendo sempre em mente que sua visão, objetivamente, tendia a pensar que a psicanálise, como uma ciência, deveria seguir os parâmetros da ciência histórica?

²⁴ As maquinações abstratas possuem desterritorializações. Este conceito de desterritorialização fora experimentado tanto por Guattari e Rolnik (1986), quanto por Deleuze. Dentro da obra extensa deste último podemos perceber que esse conceito pode ser entendido como transformação no uso de uma ação prática. Por exemplo, toma-se uma ideia de máquina, enquanto função preestabelecida pelo senso comum e se cria uma nova função para determinada ação prática de uma máquina. Ou seja, determinadas circunstâncias possuem uma função, mas para que um complexo seja percebido como uma faceta que se articula com outros complexos, é necessário pensá-los a partir de desterritorializações. As ações práticas se perpetuam determinadas pelas mudanças de seu funcionamento. Portanto, a desterritorialização compreende uma transformação da ação a partir de rupturas, princípio da esquizoanálise.

A resposta para esse problema pode ter que seguir duas linhas, de fuga. A primeira, de ruptura. A segunda, de correlação. Contudo, diante das linhas que nos permitem seguir em busca da análise explicativa das obras *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, devemos aqui explicitar as diferenças que existem entre a primeira e a segunda.

Lembramos que ambas não são dicotomias, nem alternativas a serem escolhidas; ambas são alternâncias de linhas que confluem das obras e para as obras, em um jogo dialógico com as narrativas que provocaram esse estudo.

A primeira alternância, a linha de fuga A (a ruptura), pode ser entendida a partir da sugestão expressa por Le Goff (1996). A fim de contribuir para novas possibilidades de leituras da história (a constituição temporal da subjetivação *altermnemônica* na construção da imagem simbólica das literaturas de Fuentes e Graciliano Ramos), o historiador francês abre uma nova dinâmica conceitual para a ciência histórica: a sua relação com a psicanálise e a temática do simbólico.

Entendemos que a temática do simbólico seja uma novidade dentro dos estudos de História e, portanto, deve ser importada da psicanálise lacaniana para que a complexidade do fenômeno seja entendida.

Nessa linha de fuga A, a ruptura, o problema que envolve o simbólico se aprofunda quando uma de suas dobras (tanto o desejo quanto a memória são produções da imagem simbólica na articulação entre as máquinas sociais e as subjetividades) é também um complexo emaranhado para a esquizoanálise. Conforme antecipadamente já havíamos diferenciado, o problema da psicanálise tradicional e suas relações dialetais com a esquizoanálise não subjugam uma à outra.

A psicanálise, para o pós-estruturalismo, pensa nas ações práticas a partir de uma formulação edipiana, ou seja, existiria uma origem estrutural para definir singularidades do agir, e estas singularidades são definidas como psicopatologias. A diferença entre a psicanálise e a esquizoanálise, em suma, está na esfera das causalidades.

A psicanálise compreende sintomas/fenômenos a partir de uma origem em três estruturas imbricadas: Real, Simbólico e Imaginário. A esquizoanálise, de todo modo, compreende o que é essa estrutura, não como uma concretude, mas um espaço de maquinações abstratas.

Enquanto a psicanálise vê problemas complexos a serem resolvidos, em sua faceta clínica, a esquizoanálise define os espaços de encontros e desencontros das abstrações.

Por fim, a psicanálise problematiza conceitos que fazem parte e surgem no meio de seu próprio percurso disciplinar; no entanto, a esquizoanálise desterritorializa os problemas dos conceitos da psicanálise, ou seja, redefine os locais dos conceitos psicanalíticos.

Podemos dizer que, de certo modo, a esquizoanálise seja a antipsicanálise para desvelar eventos circunstanciados pelas operações das máquinas abstratas de produção dos desejos, a fim de produzir subjetividades.

No ponto de fuga B, a correlação, o complexo de produção de desejo e memória, no funcionamento da constituição da subjetivação *altermnemônica*, perpassa por retomar as definições no campo da psicanálise (desejo) e no da história (memória) para que, assim, as articulações das máquinas abstratas (esquizoanálise), como a da literatura, que produzem desejo e memória, evidenciem aspectos simbólicos da imagem que constitui a subjetivação *altermnemônica*.

Nessa segunda alternância, precisaremos recorrer ao que se apresenta sobre o desenvolvimento das matérias referentes aos conceitos de desejo na psicanálise, e como este conceito foi desterritorializado pela esquizoanálise (GUATTARI; SOLNIK, 1986) (DELEUZE; GUATTARI, 2011) para demonstrar de que modo o pós-estruturalismo na sua crítica à clínica psicanalítica é uma composição política e filosófica.

No que tange à memória, sabemos que esse conceito pode ser compreendido por diversos prismas. Aqui nos interessa estabelecer o foco na memória social apresentada nas narrativas de Fuentes e Graciliano Ramos. Porquanto o seu aspecto social, a memória será um instrumento interno à história, porém não iremos exclusivamente limitá-la a este campo, visto que é “a memória social um território constituído pela transdisciplinaridade”. (GONDAR, s/p, 2008)

Os três tipos de concepção de memória (social, coletiva e individual)²⁵ serão tratados em nosso estudo como um conjunto interposto, como uma mecânica que se alterna incidindo nas ações práticas na duplicidade ôntica²⁶, entre as máquinas abstratas e a subjetivação, produzindo desejo através da própria memória, ou seja, a intersecção das memórias, sobredeterminadas pelo desejo, são produções maquínicas que reverberam nas vivências e nas relações que impulsionam as existências (GUATTARI; ROLNIK, 1986) ao qual a subjetivação *altermnemônica* se interliga.

Contudo, aqui nos interessa, mais profundamente, discutir sobre o par conceitual, interno aos três tipos de memória que estão presentes nas duas narrativas em questão: a memória de longa duração e a memória de curta duração:

[...] a memória curta é de tipo rizoma, diagrama, enquanto que a longa é arborescente e centralizada (impressão, engrama, decalque ou foto). A memória curta não é de forma alguma submetida a uma lei de contiguidade ou de imediatidade em relação a seu objeto; ela pode acontecer à distância, vir ou voltar muito tempo depois, mas sempre em condição de descontinuidade, de ruptura e multiplicidade. Além disto, as duas memórias não se distinguem como dois modos temporais de apreensão da mesma coisa; não é a mesma coisa, não é a mesma recordação, não é também a mesma ideia que elas apreendem. Esplendor de uma ideia curta: escreve-se com a memória curta, logo, com ideias curtas, mesmo que se leia e releia com a longa memória dos longos conceitos. A memória curta compreende o esquecimento como processo; ela não se confunde com o instante, mas com o rizoma coletivo, temporal e nervoso. A memória longa (família, raça, sociedade ou civilização) [25] decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela, à distância, a contratempo, “intempestivamente”, não instantaneamente (DELEUZE; GUATTARI, p. 35, 2011).

²⁵ Para Oliveira (2017), basicamente, as noções de memória social, coletiva e individual seriam complementares. A memória social seria formada por uma ordenação psicológica; enquanto isso, a memória coletiva seria a própria memória social. Esta seria uma construção em grupo.

²⁶ Barreto (2012) faz um estudo sobre as aproximações entre as reflexões filosóficas de Kant e Heidegger com o intuito de resgatar a metafísica clássica e suas contribuições para as questões do ser. Segundo a estudiosa, existem aproximações do pensamento de Kant e Heidegger que interligam conceitos para determinar, supostamente, os teores da existência no campo da filosofia. Contudo, gostaríamos de destacar que, em determinada altura das relações entre a capacidade de se pensar um parâmetro que gestione o que é o ser, Heidegger não alcança o entendimento de que a existência concreta e múltipla (ôntico) ela se define, também, em práticas de teor abstrato, como atividades de ficcionalização e simbolização da existência (a arte literária), que se manifesta como um estrato do Real, em termos psicanalíticos lacanianos.

Por isso, no aspecto imediato de discussão da localização do campo de conhecimento a que nos referimos sobre o conjunto que compreende as noções de memória, dissemos que tal conjunto se interliga, de imediato, à “história das representações”, posto que o ato da narrativa conflui para o ato da apreensão, via memória.

Mas, por inferência, a compreensão que delimita os espaços discursivos dos campos da História e da Psicanálise será desterritorializada como método de investigação, por compreendermos que estas áreas do conhecimento acima citadas e suas distinções são, também, interligadas pelas articulações de máquinas abstratas e que, nesse ponto de fuga B, teremos de recorrer, por vezes, a conceitos das várias formações dos discursos dos campos de conhecimentos que surgiram na modernidade, mas que serão, aqui, dialeticamente tratadas.

Essa dialética é não-opositiva, mas antes é de complementaridade, visto que tais áreas compõem um ideário que tornam a prática e reflexões do saber um conjunto de multiplicidades.

Portanto, a correlação entre os campos de conhecimentos se efetiva pela busca por equacionar a complexidade do fenômeno da imagem simbólica da subjetivação *altermnemônica*. Nas narrativas que se encontram no limiar entre o modernismo brasileiro tardio²⁷ e a narrativa do *boom* literário na América hispanofônica (através do olhar de uma historicidade mexicana constituída e ressignificada na literatura do autor mexicano) existem lapsos que re-criam um imaginário-simbólico, por assim dizer, de como essas narrativas deslocam o fenômeno da linguagem literária para a construção de uma designação de imagens de um conjunto de ações práticas no interior de uma determinada cultura. Ou seja, a linguagem literária re-cria novos processos de simbolização de uma percepção subjetiva do que é o Real.

Esse fundamento procedimental na arte da palavra, sua capacidade de desvelar as significâncias e os significados que movem os signos, permeiam um olhar sobre o mundo e confluem para a questão da existência como uma

²⁷ A historiografia literária brasileira costuma localizar nessa fase a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, como parte integrante do Regionalismo ou Modernismo da segunda fase. O modernismo brasileiro tardio apresenta uma singularidade: as questões humanas universais se arrogam de um forte componente de representação social das desigualdades dentro de um espaço de desolação.

permanente conduta reflexiva sobre como se toma a memória em funcionamento.

A duplicidade dos dois tipos de memória que as narrativas, tanto a de Graciliano Ramos como a de Carlos Fuentes, manifestam-se pela mobilidade dos signos como referencialidades do que as memórias apreendem e como elas sublimam as forças centrífugas do Real, pois, conforme entendemos, existe uma o inapreensível do Real, uma dificuldade em compreender o que se passa, mas que só pode se ter seu menor rastro através de processos de simbolização.

Segundo Albuquerque Junior (2007), existe uma percepção fundada na Literatura que se confronta com a História (e sua construção discursiva e suas delimitações conceituais ligadas ao olhar e à verdade como complementos de uma institucionalização e estabilização da sociedade em que esteja interligadas com os processos temporais da memória).

A literatura, segundo o historiador, teria na sua dinâmica de funcionamento esse embate com os processos de racionalização existente na disciplina História. Como ponto de confronto, a reflexão do Albuquerque Jr. permite diferenciar dois pontos de produção de discursos que são distintos entre si, a ciência e a arte:

Talvez a diferença entre a História e a Literatura seja mesmo uma questão de gênero. Não apenas de gênero discursivo, pois pertencem a ordens diversas do discurso, seguem regras e normas diferenciadas; mas de gênero no sentido de que o discurso historiográfico pertenceria ao que na cultura ocidental moderna se define como sendo o masculino, enquanto a Literatura estaria colocada ao lado do que se define como feminino. A História seria o discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A Literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico. (ALBUQUERQUE JR., p. 49, 2007).

Devemos pensar nessa comparação não simplesmente como uma distinção entre dois discursos, apresentado como uma dupla antagônica entre os gêneros. A distinção teórica ela é, antes de tudo, genérica e também de gênero.

A reflexão de Albuquerque Jr. (2007) é pensada a partir de um formato de crítica sobre a escritora ficcionista Clarice Lispector e evidencia uma comparação interna ao discurso e construção das categorias literárias da autora, afirmando

que esta, nas personagens femininas e masculinas, teria o ponto chave para entender as distinções entre Literatura e História.

Ou seja, no duplo opositivo feminino/masculino residiria uma linearidade para entender como as concepções de mundo (da História e Literatura) foram se constituindo e se separando em sua configuração interna pelo simbólico.

As formas de percepção e afetação entre Literatura e História se distinguem nesse aspecto, quando atingem outras sensibilidades do imaginário. Há essa vertente sobre um olhar epistemológico sobre os registros histórico e literário, que se configuram e ganham relevo a ordem da diferença disciplinar, mas que carregam ambas, Literatura e História, as dinâmicas que movem o aparato técnico de narração de séries de acontecimentos, ficcionalizado ou quando passa pelo filtro do percurso da ciência história.

Seria, portanto, no interior do discurso literário, que as concepções implícitas sobre a existência evidenciam que os processos de simbolização e ficcionalização se articulam com a existência imediata como referencialidades, pontos de convergência.

E, esse procedimento de desenvolvimento narrativo implica em dizer que a Literatura condensa um mundo que, aparentemente, esteja ordenado pelas premissas dos discursos disciplinares que se mobilizam em explicar e analisá-lo.

A Literatura, destarte, cria sua própria dialética e lhe impulsiona para um *fora*. E o que na Literatura se apresenta como graus de percepção sobre referencialidades, ou seja, o Real imediato de um passado constante, reverberado na/pela Literatura.

Por outro lado, em compensação, o discurso disciplinar moderno é tentativa de ajustamento e ordenação do mundo. Ou seja, o discurso literário se condensa com intensidades em linhas de fuga, enquanto a História, por exemplo, retoma a sua referencialidade de forma linear e extensiva, como figura que possui um direcionamento ordenado, bem definido, sempre em progressão.

Isso corresponde a dizer que essa visão da História e seu discurso seguem sempre um curso em progresso contínuo, o que resulta como um dos signos da modernidade a que este discurso disciplinar se situa.

A Literatura, muito embora em seus processos de ficcionalização tenha proximidades com as referências do Real, não a apreende em sua totalidade,

mas, de todo modo, indica uma condensação do que seja um microcosmo de referência do Real, ou seja, as referências acerca do Real são sintetizadas no nível simbólico, em que a memória é parte constituinte quando é sobrecodificada à linguagem literária como suporte em arte.

Portanto, a condensação, na Literatura, ante a figura progressiva que a História remete, segundo Le Goff (1996), esta disciplina, por um melhor processo de funcionamento, possui na narratividade²⁸ a substância que depreende as necessidades da memória em realização.

O mecanismo utilizado pela memória para que esta se realize no espaço simbólico da Literatura, portanto, é um desvio desterritorializante de uma categoria literária. E, aqui, a memória histórica se concretiza em uma outra instância da “história das *representações*”, pois, ao se tornar narrativa, o que pertenceria organicamente ao nível do imaginário agora concorre, também, para o nível do simbólico.

Podemos perceber na correlação de forças heterogêneas em que os encontros epistêmicos entre a psicanálise mais tradicional, leia-se Freud e Lacan, se dá diante do olhar proposto por Deleuze e Guattari para a psicanálise como um complexo imaterial que se articula com as artes e outros ofícios humanos, para fins de elucidar o questionamento nosso diante dos níveis elementares de um sistema de concepção que envolve o imaginário (memória), o simbólico (a linguagem literária) e o Real (a condensação referencial de um recorte de mundo):

Freud e Lacan propugnavam uma semiótica psicanalítica que concebia o desejo como uma força negativa. Deleuze, assim como Guattari, vê nele a força motriz da História, da economia, das coletividades, das obras de arte, assim como de diversas formas de criação. [...] Apesar de suas divergências, tanto Lacan quanto Deleuze consideram a interpretação uma tarefa impossível ou irrelevante. Ambos preferem enfatizar o movimento desencadeado pela pulsão. Em lugar de uma abordagem baseada no complexo de Édipo, teremos com Lacan o deslize do significante, com Deleuze um deslize do desejo (JOACHIM, p. 235, 2012).

²⁸ Seguindo as noções de Rüsen (1996), a narratividade pode ser considerada um princípio básico para a História como ciência. Este ato aproxima as ciências históricas da Literatura, combinando uma dinâmica dos procedimentos de uma linguagem específica para “explicar” as práticas culturais do passado pela memória histórica através do plano sógnico (sentido e significado). Assim, o signo (no seu duplo, e aqui a compreensão é estrutural) movimenta uma capacidade constante de produção sógnicas relacionadas pelo fio condutor do dizer, é a produção de um discurso, é um olhar materializado pelo que corresponde à linguagem.

Como se vê, a capacidade de compreender tanto a dinâmica das pulsões quanto a dos desejos está relacionada com as categorias psicanalíticas, quando estas se equivalem com circunstâncias institucionalizadas das áreas de conhecimento que inauguraram uma certa forma de existência na modernidade. Mais notadamente na América Latina, as instituições surgidas na Europa assumem um caráter de programa, cujo aparato maquínico depõe mais contra uma subjetivação do que em favor de subjetividades. Ou seja, os aparatos institucionais recobram da memória coletiva uma incitação de pulsões e desejos que não podem ser vistos como essências de cada subjetividade, mas como uma produção de subjetividade de *um fora*.

Assim, a concepção de produção de uma subjetividade em *um fora* que não o da existência do ser, em seu desdobramento, um *si-mesmo*, só pode ser cartografado através dos constructos de imagens simbólicas. Por isso, a Literatura, como constructo de imagem simbólica, o artifício humano realizado pela memória, é o espaço que desterritorializa (mas não interpreta) os movimentos sensíveis das maquinações abstratas que sobredeterminaram toda uma coletividade que possui diversos rostos, mas que são mascarados pelas nervuras dos mecanismos que criam pulsões e dissimulam desejos.

Por fim, definimos o caráter explicativo-analítico da nossa pesquisa, seguindo um procedimento entreaberto pelas noções de campos do conhecimento transdisciplinares, por entender que nosso objeto de estudo demanda uma maior articulação entre os saberes consolidados ao longo do século XX e que nos permite aproximar concepções da História, a partir da embrionária sugestão de Le Goff (1996) e, no momento em que desenvolvemos uma base metodológica de análise.

Essa sugestão foi se articulando com os campos da Psicanálise basilar de Lacan (1985; 1989, 2005; 2011), por exemplo, e se estendendo até categorias amplificadas pela Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2011; 2012) e Guattari e Solnik (1986), com o intuito de abrir uma vereda de significação do processo de como se constituiu, dentro dessa “História *psicanalítica*”, na literatura dos autores Carlos Fuentes e Graciliano Ramos uma feição, uma rostidade de uma subjetivação, um processo de articulação entre subjetividades e um maquinário institucional que produzem desejos em confronto: a este processo se constitui a subjetivação *altermnemônica*.

Assim, é a partir de um ponto de visão da “História *psicanalítica*” (junto ao conceito do mesmo nível, uma “História do *simbólico*”, sendo ambos um desdobramento da “História das *representações*”) é que incursionamos para evidenciar que a constituição da subjetivação *altermnemônica* seja entendida no espaço em que surge, como um movimento de imagem simbólica produzida por máquinas abstratas que instituíram pulsões e desejos via memória, de modo a esvaziar a autenticidade e primazia de subjetividades, perante processos de sobredeterminação que surgem de *um fora* em direção à uma imanência, a existência, ao ser.

Portanto, diante desse esquadramento do objeto de nossa pesquisa, é forçoso observar que os movimentos assumidos em nossas reflexões, acerca da constituição da subjetivação *altermnemônica*, seguem as premissas instituídas nesse momento da nossa investigação para que o trabalho de comparativismo literário seja articulado, também, entre as aproximações dos saberes, que aqui são fundamentos para o desenvolvimento da tese proposta, tanto passando pela História e Psicanálise como pela Esquizoanálise.

2.3. A CONTINGÊNCIA DOS EVENTOS: A QUEBRA DA LÓGICA TEMPORAL COMO DIFERENÇA

O encontro intercultural que sucedera nos séculos da conquista e da colonização europeia (tanto quanto em aspectos concernentes à cultura e a sua política de estabelecimento), na posterior tentativa de buscar uma identidade, na simbólica compreensão de si, e sobre a formação sociocultural são alguns pontos a serem entendidos sobre a complexa rede de temas e as estruturações de linguagens que se articulam com as transformações, quer sejam elas abruptas ou amenas, pelas quais as literaturas da América Latina aprofundaram as percepções e afetações dos sujeitos que são o suporte da memória e, na tentativa pelo fracasso, buscam apreender o Real na sua totalidade.

Segundo Saguier (1972), as literaturas produzidas na América Latina envolviam, em princípio, duas delimitações que desembocavam na sua condicionante: o aspecto da linguagem e da temática.

Esse encontro mobilizava um entrechoque, o qual seria inescapável a compreensão de que houvesse, nesse território, de certo ponto de vista, originado da cultura dos povos vindos da Europa, uma diferença em relação aos outros recantos onde houve esse entrechoque cultural:

Referi-me à América Latina como lugar privilegiado do encontro étnico-cultural, mas é preciso determinar a especificidade do processo, em primeiro lugar porque a mestiçagem e a aculturação não são fenômenos exclusivos desta parte do mundo; em segundo lugar, porque outras regiões do continente que não conheceram a experiência intercultural em sua forma mais radical – os Estados Unidos, por exemplo –, viram-se assim mesmo diante de problemas de elaboração de um veículo expressivo próprio para sua literatura (SAGUIER, p. 4, 1972).

Portanto, para o estudioso, esse entrechoque determinaria toda a noção de constituição de uma possibilidade de identidade. Mormente a esse aspecto, é possível destacar que a literatura, enquanto recorte privilegiado de simbolização imagética da cultura aqui instituída, equaciona problemas (ou os intensifica?) dessa provável identidade latino-americana.

Ainda seguindo o lastro do pensamento por ora explorado, tanto no aspecto referente à linguagem como também à temática. Nesse sentido, Saguier (1972) destaca esses dois aspectos condicionantes da cultura latino-americana em suas literaturas como um elemento identitário em busca de uma qualificação distinta entre uma literatura ibérica (tanto em língua espanhola como em língua portuguesa) e as literaturas latino-americanas (essa possuiria matizes diversos, porquanto da variedade dos universos que se estabeleceram em nossa recente e paradoxal tradição).

Para desenvolver o debate sobre essa questão distintiva, o autor recorre ao historiador Silvio Zavala, este último percorre a evolução e o afastamento entre as culturas ibérica e latino-americana. Para tal, Saguier (1972) diz que Zavala indica que esse afastamento é situado nas correntes estéticas surgidas na Europa, que, muito embora possuam suas diferenças de funcionamento em relação à América Latina, é perceptível que a estruturação dessas correntes estéticas possui os genes de uma cultura europeia, que, desde os fins do período colonial, ainda são determinantes para a noção de que havia uma relação hierarquizada no tempo e no espaço de uma em relação à outra. Muito embora

houvesse a noção dessa diferença por parte da forma como a historiografia literária percebeu.

A questão, portanto, dos dois principais aspectos salientados por Saguier (1972), a saber: a linguagem e a temática serão, portanto, as forças dissonantes para se estabelecer as correspondências entre os elementos que expressam subjetividades que tomam um corpo e começam a ter uma rostidade nos matizes das especificidades literárias que desembocam, primeiramente, na literatura de Graciliano Ramos e, em seguida, na de Carlos Fuentes.

Graciliano Ramos insere-se no que costumamos chamar de Regionalismo. Entre os anos de 1930 e 1945 no Brasil, a produção literária de uma leva de escritores como ele, Jorge Amado, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz deram o tom no cenário do regionalismo do Nordeste do Brasil.

Com uma forte expressividade literária sobre a realidade social dessa região e das peculiaridades de cada uma desses autores (Lins do Rego sobre o ciclo da cana de açúcar; Jorge Amado, dos romances aclimatados na região produtora de cacau até seu romance urbano, de forte crítica social; e Raquel de Queiroz, em que os problemas da fome e seca estão à frente de sua produção mais importante em *O Quinze*), este movimento dentro do Período conhecido com a Era Vargas se inicia com a Revolução de 1930.

Esse suplanta uma política até então predominantemente dominada pela aristocracia São Paulo-Minas Gerais. Contudo, as mudanças políticas não são anteriores às transformações na produção artística.

O movimento que repercute consideravelmente no Regionalismo inicia-se com o Modernismo da geração de 1922, muito embora Graciliano, assumidamente, em uma das suas últimas entrevistas tenha dado pouca importância sobre os daquela geração (os classifica como “safados” e “cabotinos”, excetuando-se poucos, entre eles o poeta Bandeira que escapava da secura das palavras do alagoano)²⁹.

É considerável que o regionalismo se inicia ainda no século XIX, mas o seu ponto alto, com uma consciência crítica sobre a realidade, não apenas a urbana, sobre os problemas sociais brasileiros, encontra em Graciliano Ramos

²⁹ Última entrevista de Graciliano Ramos pode ser acessada no site: <<https://www.revistabula.com/3237-a-ultima-entrevista-de-graciliano-ramos/>> Acessado em 08/10/2019

uma das suas personalidades produtoras de discurso mais notáveis (BOSI, 1994).

Graciliano inclui no seu campo de produção de discurso, em *Vidas Secas*, a situação de penúria em que vive o homem comum do sertão nordestino, diante dos desmandos dos poderes ali constituídos. O poder institucional da religião com suas imagens e circuitos de liturgia, o poder do Estado configurado na polícia e sua violência, na sobredeterminação dos donos da terra sobre o vaqueiro (figura resultante das configurações históricas do trabalho que floresceram no interior do sertão brasileiro).

Em relação a Carlos Fuentes, Boixo³⁰ (2000) afirma que:

[...] o pensamento utópico se erige em fundamento de sua exegese da realidade sem que sua interpretação e crítica da história se desvinculem do “compromisso”. Desde sua posição como intelectual, Fuentes une a teoria com a prática, partindo dessa consideração de “franco-atirador” que, segundo O. Paz, o escritor deve assumir para exercer sua crítica à margem dos grupos de poder³¹ (BOIXO³² p, 13, 2000).

Carlos Fuentes inicia sua carreira literária na *Revista Mexicana de Literatura*, um encontro de um grupo de intelectuais encabeçados por ele e pelo crítico Emmanuel Carballo. Essa geração da metade do século XX (a revista circula sob a batuta de Fuentes no ano de 1955) transformam o discurso e a forma de fazer literatura que até então eram dominados pelo chamado nacionalismo cultural revolucionário.

O último teve como um de seus expoentes um dos precursores do cinema mexicano, anterior a sua fase de ouro, Fernando Fuentes. Esse realiza o filme *Vámonos con Pancho Villa* (baseado no romance homônimo de Rafael Muñoz, de 1931, a película é reproduzida em 1936), patrocinado pelo governo da época.

³⁰ A análise do texto sobre “La muerte de Artemio Cruz” está inserida na edição da editora Cátedra de Madri, uma das edições consultadas do romance.

³¹ [...] el pensamiento utópico se erige en fundamento de su exégesis de la realidad sin que su interpretación y crítica de la historia se desvinculen del <<compromiso>>. Desde su posición de intelectual, Fuentes aúna la teoría y la práctica, partiendo de esa consideración de <<francotirador>> que, según O. Paz, el escritor debe asumir para ejercer su crítica al margen de los grupos de poder.

³² A análise do texto sobre “La muerte de Artemio Cruz” está inserida na edição da editora Cátedra de Madri, uma das edições consultadas do romance.

Uma película que exaltava os fundamentos da Revolução, de modo a legitimar o poder político do Estado mexicano de então.

Do ponto de vista mais abrangente, a obra de Fuentes costuma ser situada no *boom* latino-americano. Contudo, um fenômeno mais amplo da nova literatura latino-americana deve ser aqui exposto, visto que (em termos gerais se põe nesse quadro o gênero narrativo) foi metodologicamente dividido por Brushwood (apud RAMA, S/D). Para ele, a nova literatura, como movimento, surge como amadurecimento e consolidação da ficção datada dos anos de 1940.

O *boom*, que é consolidação e consumo da produção dessa literatura, ocorre nos anos de 1960, a propósito do surgimento de *Pedro Páramo*, do mexicano Juan Rulfo. Assim, é importante indicar que nessa leva do *boom*, autores como o argentino Julio Cortázar, o colombiano Gabriel Garcia Marquez, o peruano Mario Vargas Llosa, além do próprio Carlos Fuentes são os mais lembrados. Essa lista, contudo, não se completa apenas com eles.

Ademais das citações e listas canônicas que procederam a esses nomes, durante algum tempo, ainda, foi se adicionando outros tantos autores que despertaram interesse no público leitor e da crítica, como foi o caso do argentino Jorge Luís Borges e do mexicano Otávio Paz. O primeiro como contista e o segundo como poeta.

A novela *La muerte de Artemio Cruz*, um dos primeiros escritos de Carlos Fuentes foi publicado em 1962 é considerado um dos textos do autor mexicano. Essa narrativa contribui inegavelmente pelo desenvolvimento da literatura de língua espanhola na América Latina do século XX. O romance, em si, apresenta uma diversidade de temas.

A expressão da narrativa é estruturada em fragmentos. Tais fragmentos se articulam dentro do romance em um funcionamento de leitura não-contínua, pois a tessitura textual locomove-se em uma base distinta daquilo que foi feito nas narrativas que forma produzidas ao longo do século XX.

Como a narrativa não é feita na base textual no molde de capítulos. As sequências são arquitetadas e iniciadas textualmente por pronomes possessivos, relacionados com os níveis de narração. Cada uma dessas três diferentes formas de narração se moldava com uma organização temporal, quais sejam: o passado, o presente e o futuro. Nessa narrativa, o México do período da Revolução é uma circunstância central que fundamenta as outras etapas do

romance, estes são atravessados por temas universais como o desejo de poder, as angústias e a solidão humanas.

Essas técnicas narrativas, de sequenciamento e pulos no tempo, são consideradas inovações na produção literária da nova literatura latino-americana. Portanto, essa narrativa trata de um recorte de vida de um personagem dentro de um contexto maior na história do México. Na reconstrução de leitura percebe-se que os acontecimentos indicam o período da Revolução e suas consequências. Artemio Cruz é o eixo entre a ascensão de uma oligarquia, que surge na esteira de um novo mundo, em contrapartida a um mundo agrário que possui uma outra dinâmica de vida.

Essa narrativa apresenta uma noção reflexiva sobre o funcionamento de poder no contexto revolucionário e pós-revolucionário. Artemio é a subjetivação circunscrita no clima que paira por sobre o poder, as posturas de vida lhe conferem o signo dentro de um sistema simbólico maior, a da constituição da vida social mexicana.

Artemio Cruz é signo da transformação daquele espaço simbólico. Ele é a confluência do México revolucionário, do pós-revolucionário. Nele, as articulações mexicanas reveem sua história, com direito a um retorno temporal. Ele é, pois, um ente com características a ser construída pela imaginação, inclusive, sobre o próprio passado

Desse modo, o que se apresenta, o acontecimento enquanto fenômeno no romance, pela perspectiva da narrativa, é a forma estruturada em sequência que direciona o entendimento em relação às proximidades entre o mundo e a linguagem caóticos, que são a essência do conjunto narrativo: caosmos³³.

Em meio a essa visita panorâmica do clima que originou a produção dos autores Graciliano Ramos e Carlos Fuentes, cada um com sua especificidade dentro da máquina literária que foi consolidando-se ao longo da primeira metade do século XX, temos algo mais a delimitar em nosso estudo.

A tarefa comparativa estará direcionada pela metodologia e conceituação de uma psicanálise da história do conceito de América Latina, conforme fora anteriormente explicitado ao longo da tese, junto com o problema de constituição

³³ Conceito por nós criado nessa tese a partir de aglutinação entre os termos “caos” e “cosmos” para contemplar o mundo caótico criado na estrutura romanesca de Carlos Fuentes e sua linguagem frenética, descontínua. Em suma: caótica.

da significação da categoria de subjetivação *altermnemônica*. Pois, ainda, é preciso incursionarmos nas noções que delineiam uma História da diferença, do ponto de vista das sedimentações que instituíram uma formulação de subjetivação.

Essa formação de literaturas complexas propicia a produção de linguagem, que indica uma direção para nossa empreitada. Para isso, primeiro, tomaremos por base o fator da linguagem e, por conseguinte, a temática. Ambas, por si sós, muito amplas, por apresentarem variedade em grande escala.

Contudo, dentro de ambas esferas, incursionaremos nas especificidades de cada linguagem produzida em cada narrativa dos autores, tanto o brasileiro regionalista quanto o mexicano, um dos nomes associados ao *boom* latino-americano (salientamos aqui que tanto na designação quanto na qualificação se insinua o aspecto étnico-cultural do específico da linguagem e do que nela contém), ou seja, o que há na linguagem e na temática de narrativas tão distintas que permitem definir uma espécie de subjetivação de teor múltiplo, caleidoscópico.

Ora, o aspecto concernente à linguagem opõe-se como primeira ordem de estabelecimento de uma comparação meramente linguística quanto a vicissitudes e transmutações que a língua espanhola e a língua portuguesa tiveram por aqui na América Latina.

Em primeiro lugar, não se levará adiante uma incursão estendida nesse elemento da linguagem, muito embora saibamos que esses dois sistemas de linguagem, surgidos, até certo ponto, na península ibérica, pode nos abrir bifurcações em algumas veredas no plano da linguagem dinamizadas por Graciliano Ramos e por Carlos Fuentes.

A referencialidade que a linguagem supostamente carrega para desvendar uma série de planos simbolizados nas narrativas literárias. Com o fim de (re)criar nas camadas do imaginário o que o Real ainda não havia preenchido, na articulação constituinte da subjetivação.

Por esse processo ainda evidencia uma herança do imaginário dos povos que se formaram no espaço-tempo América Latina, mas que permeiam de fantasia uma possibilidade de existência em decorrência de uma vivência no programa de Modernidade.

Esse processo de instauração cultural teria na linguagem o seu aspecto de sobredeterminação como fundamental para a consolidação desse empreendimento programático, mas não apenas dele. Contudo, nela, a linguagem, poderia se rebelar a faceta de uma cultura variada que iniciara, por passos próprios, a História de sua formação, caracterizando essa nova etapa elementar para criar para si suas linguagens.

Entretanto, para a(s) subjetividade(s), o resultado múltiplo das lutas por independência (aspecto político) e criação dos Estados Nacionais fomenta a constituição de subjetivação em cada cultura. Em conformidade, ainda, mas diverso, da criação dos estados nacionais europeus.

Isso porque passamos por várias microrrevoltas (tomando como parâmetro a história do tempo latino-americano e como ele se constituiu ao longo dos séculos) instituídas no interior dos estados nacionais latino-americanos antes mesmo da consolidação de emancipação e independência.

Essas fraturas no andamento do tempo decompõem a ideia de identidade (unívoca e nacional) que se forma ao longo dos traços que aproximam e imbricam figuras menos conhecidas da história latino-americana, passando por personagens “solares” que fizeram aqui foram partícipes das séries de acontecimentos que edificaram este espaço-tempo.

Esse conjunto ululante de diferenças, de personagens, de registros, de ideologias, de políticas formam essa imagem que distingue e se confronta com a imagem do *Outro* que vai se instituindo como europeu (LIMA, 1993). Por ocasião de uma força discursiva na política estética do Romantismo à europeia, sufocam a liberalização do tempestuoso do imaginário latino-americano, rescaldo de culturas historicamente violadas em período imediatamente anterior à formação do ideário de identidade como símbolo de coesão.

Sendo assim, a matéria compositiva e simbólica de identidade como unidade está no suporte de expressão da cultura, a linguagem e as línguas que solidificaram a distinção entre a cultura da Europa e a cultura da América Latina.

Esse ponto crucial de busca de uma expressão que se pretendesse opositiva a uma expressão exclusivamente europeia estava no mesmo compasso da instauração dos estados nacionais latino-americanos da primeira metade do século XIX.

Contudo, os modernistas hispano-americanos, na segunda metade do mesmo século, fizeram com um objetivo mais programático o uso de uma língua que fosse entendida como nacional, afastando-se, assim, da estruturação das línguas e das culturas de suas antigas metrópoles, tanto quanto se avizinhavam dos movimentos estéticos da Europa central, mais especificamente da França.

De modo geral, essas tentativas de distinção e busca de identidade tendo como elemento centralizador a linguagem teve suas movimentações no inconstante, porquanto das dinâmicas peculiares de cada recôndito do continente em transformação.

No Brasil, em período relativamente próximo ao desenvolvimento da linguagem literária na América hispânica, a poesia influenciada pelos simbolistas e os parnasianos da Europa, não demonstrava a radicalidade da poesia do conjunto heterogêneo da América Latina em se situar enfaticamente como oposta à antiga metrópole. Destacamos que esse papel é principiado pelo Modernismo que, muito embora tenha a mesma designação do movimento estético hispano-americano, não possuía as mesmas características da sua vizinhança:

O modernismo brasileiro surge em 1922, e equivale às expressões da vanguarda no resto do continente latino-americano. A brusca sacudidura, o propósito de revisão radical de valores, proclamados pelos modernistas brasileiros, não podia deixar de incluir o aspecto lingüístico (sic). A nova crise seguiu a linha de ruptura romântica, mas como as condições se haviam modificado – evolução social, econômica e cultural do Brasil – sua virulência foi maior, como também sua eficácia. A impugnação visava aos elementos básicos da língua. Os modernistas recusaram a dependência das normas gramaticais vigentes e pregaram a adoção de um sistema gramatical brasileiro. Muito simpático foi o projeto de Mário de Andrade, um dos chefes do movimento, que iniciou a elaboração de uma *Gramatiquinha brasileira*, que levaria em conta a língua falada, frente à ortodoxia da gramática peninsular (SAGUIER, p. 10-11, 1972).

Ainda, segundo o estudioso, haveria um importante elemento no Modernismo brasileiro inaugurado na segunda década do século XX. A linguagem que se distendia na literatura recebia contribuições da linguagem das minorias étnicas que pousavam por esta terra, as culturas afro-brasileira e indígena. Pela cultura afro-brasileira buscou uma rítmica, uma estrutura nova,

além de imagens expressivas. E, na última, vocabulário e expressões que compunham uma atmosfera referendada no conceito de *brasilidade*.

Parece-nos, portanto, que a constituição da linguagem dentro das literaturas na América Latina, tanto na língua espanhola quanto em língua portuguesa, desenvolveu-se gradativamente, em um processo lento e cheio de percalços. Visto que o instituto da literatura é componente fundamental para a compreensão de um programa. Esse teve, na Europa, o seu alvorecer.

Através da Modernidade, como um programa não apenas de uma imposição cultural, da invenção de um mundo, mas, sobretudo, de um pensamento que delimita as formas e modos de vida. Essas se movem entre as subjetividades e subjetivações no entrelaçamento com o Real.

Na América Latina, o novo mundo (não como o pensado pela/na cultura europeia), tomou outras feições, estas, em determinadas circunstâncias, irrompem frestas nos platôs para constituir e para viabilizar uma nova dinâmica cultural. Permitindo o deslizamento de uma temporalidade, movendo-se, ora em direção a uma espacialidade no interior das culturas que por aqui se ramificaram, ora pela espacialidade da estética europeia que quisera, outrora, implementar um programa bem diverso do que fora praticado no vasto continente ao sul do Rio Grande, fronteira natural entre o México e os Estados Unidos.

Sendo assim, observamos que a posteridade de alguma forma é devedora dessa “tradição” cultural surgida ainda no século XIX, passando pelas primeiras décadas do século XX, nas quais tanto Graciliano Ramos, no Brasil, e Carlos Fuentes, no México, serão continuadores desse processo de (re)criação, movendo a linguagem para novas estéticas, com novos experimentos na constituição de suas literaturas, contribuindo para instituir uma rostidade a esse sujeito que meneia no triângulo formado entre o simbólico, no elemento da linguagem literária; no imaginário, o que permeia tradição cultural; e do Real, esse impalpável sensível.

Dito isso, acerca do primeiro aspecto da possibilidade de se pensar em uma convergência na instância das literaturas latino-americanas enquanto conjunto diversificado, tanto em língua espanhola como em língua portuguesa. Partiremos, pois, para o segundo aspecto fundamental para revelar como o funcionamento das narrativas aqui elencadas referenciam o problema da temática, segundo aspecto a ser discutido nesse capítulo de nosso estudo, e que

representa essas possibilidades de encontros nas reentrâncias dos registros literários que tornaram possível a emancipação das culturas latino-americanas, integrados, por entre outros fatores, com a linguagem literária e o que a ela permite transfigurar nas potências da hibridização (em termos usados pelo estudioso Néstor Garcia Canclini(1989)) étnica-cultural da América Latina.

No que concerne a esse segundo aspecto de construção de um entendimento de como a temática a ser desenvolvida na América Latina é ponto de pouca solidez, visto a amplitude e a diversidade de obras que foram levadas a cabo pelos mais diversos escritores, em épocas distintas e filiados a componentes ideológicos distintos. No mais, a estética, a depender qual seja, perfila a temática eleita por um produtor (ou criador) de discurso.

Conforme a historiografia literária do continente nos faz lembrar que, diante da periodização, antes cronológica que estética, as especificidades do narrar estavam alinhadas com as referencialidades do mundo no qual foram forjados.

As etapas mais importantes para esse recorte cronológico situam-se no século XIX, em que a preocupação em erigir um novo cenário (que possuísse o aroma e cores dos trópicos) diferente do europeu. Essa atitude, ainda que fortuitamente dependesse de concepções europeizadas, alerta esse autor:

[...] existe uma diferença de propósito: a descrição torna-se carregada de intenções. A promoção latino-americana – especialmente Andrés Bello na parte de fala hispânica e Gonçalves de Magalhães no Brasil – esboça um programa preciso: uma nova realidade política deve corresponder uma literatura diferente. A independência política tinha que representar uma superação da colônia, também no plano da cultura (SAGUIER, p. 17, 1972).

Desse modo, uma atitude fica evidente diante das possibilidades de emancipação, no horizonte de sentido que buscavam os autores do século XIX. Essa motivação estava na natureza. Mas ela se delineava através de estágios, que independiam da figura do humano em um primeiro momento e, só posteriormente, com o homem americano o quadro se desenhava com tintas fortes.

No primeiro caso, um espaço ambiental que assume um papel personificado, uma força que adquire vida nesses elementos que compõe a

paisagem da América Latina. No segundo momento, o homem, diante dessa grandeza que era a paisagem que o rodeava, é um participante dessa mesma espécie, mas que com ela entra em confronto.

Essa reação, como um programa circunscrito no Romantismo, denota a composição dualística de “civilização” e de “barbárie”. São pares antagônicos, já anteriormente tratados pelos cronistas da literatura feita aqui pelos autores europeizados. Essa é uma posição de fundo ideológica, de fonte europeia, que corresponde a uma nova etapa do desenvolvimento do espaço-tempo.

Portanto, a dualidade entre a natureza e o homem americano possui as sobredeterminações de um período histórico que busca uma afirmativa de distanciamento, tanto quanto possível, do ideário europeu que, tentado aqui ser implantado, pelos intelectuais, da literatura, inclusive, fora absorvido e adaptado ao sabor local.

É no desenvolvimento de uma concepção de autenticidade que as literaturas latino-americanas, em seu nascedouro, vislumbram um futuro que promete um aprofundamento nas transformações pelas quais a sociedade passa e, na síntese simbólica dela, a literatura, irá operar, dentro de sua estrutura, o momento pelo qual a cultura ancora as novas concepções de mundo.

De acordo com Saguier (p. 18, 1972), haveria o programa romântico³⁴ que visava a “busca de uma identidade continental”, o que fortalece o entendimento de que as várias formas literárias aqui assumem um espaço de convergências entre linguagens e matizes temáticos; de aproximações e distanciamentos que se alternaram, a depender dos momentos históricos pelos quais passou o continente, que singularizaram uma estética movida pelas vicissitudes desse espaço territorial e simbólico.

Porquanto o problema referente as duas concepções que compreendem uma distinção das literaturas latino-americanas em relação ao resto do mundo, a da linguagem e da temática, é no início do século XX que surge uma vertente condicionante do papel, que se torna irreversivelmente preponderante, da temática, ou do conteúdo de averiguação, passando em revista as chamadas

³⁴ Diferentemente do programa estético romântico, trataremos do programa de Modernidade ao longo da nossa análise como algo mais profundo e menos refratário. O programa de Modernidade se refere a um conjunto de tentativas dentro, também da literatura, mas que não só dele é depositário, mas dentro de um conjunto de saberes epistêmicos que instituíram no imaginário da América Latina alternativas no binômio existencial do ser-agir.

“questões sociais”. Essas, que outrora tiveram sob o estilo e a ideologia movidas pelo pensamento vigente na época, mais positivista e liberal, portanto, recebiam um outro tratamento.

Mas, no século XX, passam a ter uma nova abordagem, a propósito das formas de repercussão que a arte literária e sua reprodução alcançavam na sociedade um espaço para seu estudo, tanto como fenômeno imanente da sociedade como uma leitura extratextual. (RAMA, 2008)

O caráter comprometido da narrativa na literatura latino-americana se relacionava com os desvãos abertos pelo turbulento período de início de século, as revoluções neste continente e nas de além-mar. A Revolução Mexicana e a Revolução Russa foram impulsionadas por um componente marxista. Observamos que além das transformações políticas e sociais que foram tratadas, pela lente de autores engajados em compreender as circunstâncias dos males herdados por séculos de espoliação, possuíam esse componente histórico geracional, remodelando e reconfigurando as relações sociais.

Essas circunstâncias criaram um rosto para a sociedade na América Latina, conforme ela é apresentada nas narrativas de um Graciliano Ramos ou de um Carlos Fuentes, para exemplificar os autores que estavam incluídos nos países que refletiam sobre o problema da busca por uma unidade identitária, em primeiro plano pela linguagem, em segundo plano pela temática. Nesses dois aspectos, tentaram tornar viável, como resultante, aquilo que aproximava culturas e tradições tão distintas, mas que compartilhavam dos mesmos anseios:

Se analisa a época em que surge a “geração dos problemas sociais” dentro de um enfoque de homologia sócio-literária, é possível comprovar que esta coincide com um momento agudo da penetração econômica e das intervenções armadas na América Latina. Escreve-se literatura “antiimperialista” (sic) para denunciar essas invasões ou as condições miseráveis em que vivem os explorados [...] (SAGUIER, p. 20-21, 1972).

Desse modo, ainda, acompanhando o desenrolar do debate de Saguier (p. 21, 1972), as correspondências entre os colossos da América Latina, acerca do problema em que a literatura supunha existir, no interior dessas culturas, iriam, em espiral, tornando-se mais relacionais no quesito de imergir, através das narrativas, no aspecto estético e, a partir do Modernismo, na instância ética das responsabilidades que os autores latino-americanos criaram para si:

Após a caótica descoberta modernista – e em grande medida estética – do país, os romancistas brasileiros da década de 30 cultivaram uma narrativa em tudo equivalente à de seus coetâneos hispano-americanos. Os mais importantes são chamados de “romancistas do Nordeste”: **Graciliano Ramos** (grifo nosso), José Lins do Rego, Jorge Amado. (SAGUIER, p. 21, 1972)

Sendo assim, a questão da identidade, que fora desenvolvida nas narrativas latino-americanas, tendo como eixo das circularidades e das recorrências temáticas, visavam, em relação aos problemas sociais que aqui emergiram, produzir uma literatura de especialidade.

Por isso, a singularidade do tema fazia soprar a face de um contorno humano, representado na já conhecida interculturalidade, nesse entrelaçamento de culturas que, dinamizadas pela sociedade no desenrolar da História dos povos, formaram um conjunto de práticas e ações (o fazer na cultura) que regem o *Zeitgeist* latino-americano.

Isso posto, os níveis de entrelaçamento cultural, a ser percebido dentro das culturas que produziram as narrativas sobre a América Latina em sua especificidade e em sua diferença em relação às antigas metrópoles. Agora, irão passar a desmoronar outras barreiras, visto que já esteja superada uma antiga concepção de domínio chamado de “colonial” que, posteriormente, se toma o recorte histórico pós-colonial, porque ainda funciona por fator de domínio impositivo, mas em outra esfera de atuação.

Essa progressão situada nas sobredeterminações dos imperativos culturais, que pressionam o dínamo social dos costumes, amadurece outras características da máquina literária latino-americana. Os escritores latino-americanos que construíram suas obras no período posterior ao Modernismo brasileiro (talvez a experiência mais radicalmente bem-sucedida no período dentro do continente) iniciaram uma síntese das experiências de seus predecessores.

As inúmeras possibilidades levadas a cabo pelos escritores já consolidados pelo cânone abriram caminho para que, ainda no fim da primeira metade do século XX, houvesse uma expansão sensível acerca da importância com que as literaturas latino-americanas fossem encaradas. Em primeiro

momento, com os escritores nordestinos do Brasil. E, posteriormente, com as gerações de escritores hispano-americanos.

Os primeiros, geralmente, possuem notável reconhecimento na América Latina, à parte a já conhecida barreira da língua portuguesa para os vizinhos. Esses escritores condensam em suas narrativas um momento de profunda crise e focalizam espaços singulares do Nordeste, equacionando em suas narrativas a linguagem local (mais uma tentativa) e problemática social decorrente da indústria da seca e exploração, nas circunvizinhanças geográficas, do homem sertanejo (o homem desolado), tornaram-se verdadeiras bandeiras de afirmação cultural, como também, de forte teor político.

O segundo caso, mais emblemático e, portanto, com outras circunstâncias a serem observadas, por termos narrativas diversas, desde o sul até às margens do Rio Grande, consagra-se uma concepção ainda não vista da maneira pela qual se recepciona essa inovadora narrativa hispano-americana, conhecida como o *boom* literário:

[...] a visão da realidade sai enriquecida pelo enfoque múltiplo. Borges caracterizou a passagem de uma concepção à outra com uma frase irônica e lúcida: “a realidade não é continuamente crioula”. Se estes escritores renunciam à descrição linear, superficial do meio sócio-cultural, à intenção ética explícita, é para abordar em sua maior diversidade e complexidade, na descontinuidade problemática, contraditória, de que ser reveste o contorno sócio-histórico de um continente subdesenvolvido que oscila entre dois pólos (sic) antagônicos: a revolução e a dependência total. Por isto a realidade que transparece nas obras atuais é mítica, lúdica, alegórica, legendária ou simplesmente cotidiana (SAGUIER, p. 23, 1972).

Essa fase disruptiva da narrativa hispano-americana, mais do que na temática a ser tratada dentro desse fenômeno, busca reconfigurar a própria concepção de romance (*la novela*), com novos procedimentos (experimentais, todavia) revolucionando a forma aberta da narrativa que por aqui se produziu durante o limiar da metade do século XX:

O procedimento aproveita amiúde os ingredientes culturais de base. Assim a presença temática, subjacente e decantada dos símbolos mitológicos indígenas pode ser detectada num bom número de obras atuais, especialmente entre mexicanos (**Fuentes** (grifo nosso), Rulfo, Arreola, Yañez) e em escritores de outros países, como Arguedas e Roa Bastos.³⁵ Não se alude aqui à utilização direta mas à transformação literária, à adaptação contemporânea – em função do relato – do elemento legendário. (SAGUIER, p. 24, 1972)

Porquanto o contexto da leitura histórica em que o estudioso avalia um conjunto literário ainda em franca formação, diante de nossa incursão pelo seu pensamento, podemos perceber que, de seu ponto de vista, o período de consolidação das letras latino-americanas passou por fases extremamente heterodoxas no que concerne ao seu desenvolvimento.

Cabe dizer que tal avaliação contribui com nosso estudo no momento em que se adentra por uma visão mais panorâmica das sequências históricas que proporcionaram o florescimento de literaturas singulares entre si, que levaria em sua bagagem a síntese de um continente que vive (insiste em existir) em permanente ebulição. Em um vai-e-vem caótico de questões que emergem através de repetições, demonstrando que a História dessa América se realiza na conjunção de tempos, mas o que aparece em sua superfície são nódoas que remetem a um passado que, por aqui, teima em permanecer latente

Após nossa verificação inicial do conjunto de fatores que origina uma tendência dentro das variadas literaturas latino-americanas, percebendo seu contexto de produção, iremos interpor considerações entre os movimentos estéticos e suas consequências para a formulação das narrativas que serão analisadas.

O estudo de Saguier (1972), neste momento, delimita o problema de análise quanto ao seu aspecto histórico, muito embora, sua leitura direcione, para a literatura, os fenômenos de linguagem e da temática, sem que estas sejam detalhadas por duas limitações: a primeira refere-se ao recorte; a segunda de fundo teórico.

³⁵ José María Arguedas, escritor peruano de atuação importante até os anos de 1960. Augusto Roa Bastos, escritor paraguaio, de reconhecido valor como romancista e poeta. Ambos os escritores se notabilizaram por estar nessa tendência de aproximação com as culturas locais, salientando o forte componente indígena nas culturas peruana e paraguaia, respectivamente.

Aquela apresenta um conjunto, na prática, quase que ilimitado, porquanto o número excessivo de obras, de autores e de movimentos que floresceram no continente. O segundo, representa um problema epistêmico de toda a tentativa de construção teórica acerca de um complexo pendular, que nas variáveis dessa dinâmica, se apresenta pelo recurso do simbólico. O simbólico aqui pensado como uma alternância, um intermédio entre um *Eu* e o *Outro*.

Por isso, muito embora haja as limitações das duas fórmulas de abertura para a entrada no complexo textual (o quantitativo do recorte e a velada generalização da teoria), elas comporão um quadro de base para uma leitura analítica, compreendendo que a constituição da imagem simbólica de Graciliano Ramos e Carlos Fuentes possuem uma relação equivalente exposto no esquema linguagem/temática demarcado por Saguier (1972).

Vemos, portanto, que a rede enlaçada pela linearidade do desenvolvimento da literatura em etapas bem demarcadas não deixa de seguir os princípios de um cientificismo³⁶ articulando-se aos Estudos em Literatura. Essa linearidade acerca de como foi se desenrolando os movimentos literários na América Latina (e como se concebe pela história da literatura este desenrolar) é marca de um esquema complexo de temporalidade de uma tradição ocidental (europeia).

A retomada de símbolos da cultura local é, por isso, uma reivindicação do imaginário que se agita dentro dessa rede. A temporalidade e suas quebras recriam uma lógica, em dependência dos procedimentos utilizados na linguagem de cada um dos escritores, o brasileiro e o mexicano. A temporalidade, porém, torna-se um fundamento na narrativa dos dois autores.

Assim, a (re)criação da lógica, tomado pelo pano de fundo da temporalidade, é o tema em que as obras simulam um aspecto humano que é decorrente das impressões de como subjetividades se relacionam com o tempo. A mobilidade com que as duas narrativas tratam sobre essa temática possui

³⁶ O cientificismo presente na historiografia desenvolvida por Saguier (1972) tem uma visão dependente de uma tradição disciplinar que perdurou durante muito tempo no meio intelectual latino-americano. Compreender essa herança não elimina o valor do estudo, pois, para atingir o objetivo de clarear a sequência da dinâmica dos acontecimentos cruciais para a transformação e formação de uma literatura é necessário, ainda, a sobriedade das linhas em reta, do que se costumou chamar de progresso. O cientificismo, não como exagero do valor absoluto da ciência acima de todas as discursividades, mas como apreço moderado e crítico em relação à ciência, deve-se às reflexões permanentes feitas ao longo de um século em relação ao Positivismo.

condicionantes refratários em relação à modernidade quando se consolida na Europa.

Ora, se o aspecto da temporalidade aqui existente, definido pelas culturas locais, anteriores ao período de colonização, seja um componente interligado ao imaginário, é possível afirmar que o entrelaçamento cultural, determinado pela institucionalização da Modernidade na América Latina, das linhas de tempos perpendiculares, quando da intersecção delas, desmoronam os conjuntos de características que designam a temporalidade linear progressiva da Modernidade na América Latina (de origem europeia e aqui instituída), diante da temporalidade da linha oscilante das camadas profundas do imaginário das culturas do espaço-tempo latino-americano.

Um dos processos que constitui o conceito de subjetivação *altermnemônica* é esse entrelaçamento das concepções de temporalidade originária e da temporalidade implantada. Se a subjetivação é um constructo de uma espécie de reencontro (*per si*) e de contato cultural (o Outro), ela é imagem de categoria temporal-espacial.

Essas duas categorias devem ser assim articuladas, por não possuírem independência entre os elementos que as formam. Elas estão em permanente contato, em quase ponto de mistura. Ainda verificamos na concepção em que cada uma das culturas (a latino-americana nativa e a europeia colonizadora) possuem da concepção de temporalidade que há trocas para estabelecer um formato unitário, fato dificilmente possível pelo grau de complexidade que integram, tanto o fator temporal da cultura latino-americana quanto do programa de Modernidade de fundo europeu e sua relação progressiva com o tempo.

As linhas de narração são, de certa forma, já uma resposta aguda ao consenso de progressão temporal constante, no desenrolar do relato dos romances *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*. Ambas narrativas se ocupam do tempo como um movimento de idas e vindas, de escombros e desmoronamentos, de permanência sólida e saltos elípticos. Mas, de fato, as narrativas originam-se *in media res*.

Existe, pois, no desenrolar do novo narrativo em *Vidas Secas* e em *La muerte de Artemio Cruz*, o problema das descontinuidades. Esse é um fenômeno que ultrapassa, em primeira vista, o contingenciamento de acontecimentos que se passam nos dois romances. Elas afirmam a importância do tempo como

blocos ou quadros que se intercalam, não para o cessar do tempo, mas saltos que se interligam.

O desenrolar narrativo é instantâneo e passageiro, as articulações são com o bloco seguinte, o porvir, e com o bloco anterior como escombros do tempo a ser refeito, reconduzido pelo artifício da memória simbólica que emerge em lapsos, em reminiscências do próprio tempo.

Boixo (2000) afirma que um dos temas prediletos do escritor Carlos Fuentes esteja em “pensar” o problema da temporalidade dentro da cultura mexicana. Muito embora haja suas diferenças de fundamento, as reflexões acerca da temporalidade também se apresentam no escritor brasileiro Graciliano Ramos, de forma procedimental, porque ela está simbolizada na (anti)forma de da linguagem implementada na narrativa *Vidas Secas*. Fuentes pensa no emaranhado de consequências que um acontecimento pode intervir na história do tempo e como esse se move:

Passou seis dias em Puebla antes de apresentar-se na casa de don Gamaliel Bernal. A tropa foi dispersada pelo presidente Carranza e então ela recordou sua conversa com Gonzalo Bernal em Perales e pegou o caminho de Puebla: questão de puro instinto, mas também de segurança de que no mundo destruído e confuso que deixava a Revolução, saber isto —um sobrenome, um endereço, uma cidade — era saber muito³⁷ (FUENTES, p. 148-149, 2000).

Essa indicação de um acontecimento, como o fundamento que direciona os sentidos pelos quais as ações posteriores à Revolução são compreendidas (movimento fundante do tempo em *La muerte de Artemio Cruz*), seria determinante para reconstituir o complexo caos-linguagem da subjetividade simbolizada na persona Artemio demonstra a refração que espelha tanto o movimento de revolução (história-acontecimento) quanto as suas consequências (também como metalinguagem), no andamento e implementação de uma política econômica que se fez sentir durante um ciclo na primeira metade do século XX (história-progresso).

³⁷ Pasó seis días en Puebla antes de presentarse a la casa de don Gamaliel Bernal. La tropa fue dispersada por el presidente Carranza y entonces él recordó su conversación con Gonzalo Bernal en Perales y tomó el camino de Puebla: cuestión de puro instinto, pero también seguridad de que en el mundo destruido y confuso que dejaba la Revolución, saber esto —un apellido, una dirección, una ciudad— era saber mucho.

Enquanto isso, a narrativa de Graciliano indica como a força da natureza provoca na cultura uma percepção do tempo em movimentos circulares, como existência submetida às vicissitudes de um outro tempo. Sempre em uma ida-volta determinando a escassez nas dimensões de um espaço-estado ineficiente ou, ainda, inexistente, reverberando nas estruturas socioeconômicas levemente representadas na descrição abaixo, criando uma composição temporal dos farrapos e dos trapos de um passado imemorial que se perpetua nos micropontos em que residem os elementos que dão o tom de um processo civilizatório ainda incipiente:

Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros.

Fazia tempo que não viam sombra. Sinha Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido (RAMOS, p. 12, 2004).

A sequência de elementos que são descritos para se conseguir esse tom cinzento de uma figuração superposta de elementos da natureza, dos desafios a que ela provoca no corpo do sertanejo; nas pequenas sobras do que fora as marcas de uma suposta civilização, todos esses elementos são desmantelados pelas peripécias a que o tempo subjuga a quem ela (des)acolhe.

Os trapos de civilização (as vestimentas e um traço de propriedade, como a fazenda) são esfarrapados pelo tempo cíclico em Graciliano Ramos, mas que, também, é objeto de reflexão no procedimento de colagem dos trapos narrativos que compreendem o conjunto do romance *Vidas Secas*.

É um tempo cíclico permeado por reminiscências de um mundo pré-moderno, voltado para uma cultura de subsistência, mas que, pelas intempéries do padrão climático, alternava-se uma imagem de vida nômade que é, ao mesmo tempo, desterritorialização e reterritorialização.

Perceber esse duplo aspecto do estar nômade é concomitante, relacional ao sentido do tempo, e, absorvê-lo, constitui fator primordial da memória no romance do autor brasileiro:

Cochicharam uma conversa longa e entrecortada, cheia de mal-entendidos e repetições. Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de seu Tomás. Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na seca. Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrou-se com a idéia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás? Os animais estavam mortos. Encarquilhou as pálpebras contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração, mas um instante depois vieram-lhe ao espírito figuras insuportáveis: o patrão, o soldado amarelo, a cachorra Baleia inteiriçada junto às pedras do fim do pátio (RAMOS, p. 119-120, 2004).

A ideia de desterritorialização e reterritorialização viria encampada por um pensamento do que a memória sobre acontecimentos lhes havia imposto. A memória e a experiência, que seguem o mesmo caminho no desenrolar narrativo, são conjugadas pela temporalidade e que determina, por fim, os afetos correspondentes à configuração do aspecto econômico simbolizado na figura do patrão; na institucionalização do estado moderno representado pelo elemento social do soldado e a relação com a natureza transfigurada na cachorra Baleia.

Em *La muerte de Artemio Cruz*, a temporalidade influi no imaginário a partir da contingência do acontecimento como um espectro que ronda as ações práticas de quem nele esteve. A experiência fugaz, porque possui começo-meio-fim, revigora-se no que, por circunstância, foi produto da Revolução.

Mais que um complexo de delimitações da existência, o complexo circunstancial da Revolução permite ressignificar o que dela poderia se compreender como trans-formação, e passa a ter o signo da retroação, a revolução da revolução:

Uma revolução começa a se fazer desde os campos de batalha, contudo uma vez que se corrompe, ainda que siga ganhando batalhas militares já está perdida. Todos temos sido responsáveis. Temos nos deixado dividir e dirigir pelos concupiscentes, os ambiciosos, os medíocres. Os que querem uma revolução de verdade, radical, intransigente, são por desgraça homens ignorantes e sangrentos. E os letrados só querem uma revolução a meia boca, compatível com o único que lhes interessa: medrar, viver bem, substituir a elite de don Porfirio. Aí está o drama do México³⁸ (FUENTES, p. 291, 2000).

O que surge em *La muerte de Artemio Cruz* é uma afronta ao juízo de consenso sobre o que é revolução. O tempo engole o conceito que mascara o Real e, em seguida, regurgita. Nada ao tempo escapa. Portanto, a temporalidade como elemento indutor do Real recondiciona a direção e o sentido de *revolução*. Contudo, o desmascaramento do Real só é instituído por uma formulação paradoxal, por ser o Real apresentado por *um* foco narrativo, *uma* perspectiva, *uma* subjetividade, *uma* narrativa.

Sendo assim, apresentamos um panorama resumido da questão do erguimento referente à Literatura e seu compasso de historicidade, de modo que nesse passeio histórico incluímos as perspectivas que subsidiaram a formação e trans-formação literária no espaço-tempo latino-americano.

Nessa breve incursão sobre as motivações que moveram as estéticas aqui instauradas, podemos perceber que as aproximações e as diferenças entre as singularidades que caracterizam um modo de procedimento na literatura dependem de momentos históricos pelos quais a América Latina se faz um espaço de construção de discursividade.

Essas novas estéticas que são delimitadas pela linguagem e pela temática são produzidas e reproduzidas em momentos específicos do andamento da História dos povos do continente. As literaturas da América Latina se efetuam, em dado momento do século XX, como uma resposta audaz ao período pós-colonial, o que nos permite afirmar que, como resposta, é uma

³⁸ Una revolución empieza a hacerse desde los campos de batalla, pero una vez que se corrompe, aunque siga ganando batallas militares ya está perdida. Todos hemos sido responsables. Nos hemos dejado dividir y dirigir por los concupiscentes, los ambiciosos, los medíocres. Los que quieren una revolución de verdad, radical, intransigente, son por desgracia hombres ignorantes y sangrientos. Y los letrados sólo quieren una revolución a medias, compatible con lo único que les interesa: medrar, vivir bien, sustituir a la élite de don Porfirio. Ahí está el drama de México.

devolução e demolição de um programa institucionalizado nos países deste espaço-tempo, mas que surgiram e se consolidaram na Europa.

O tempo de devolução e de demolição constitui uma sombra por sobre o imaginário, realocando e aproximando o que forma uma substância do Real em perspectiva, de ser possível compreendê-lo no eixo das reflexões sobre a temporalidade nas narrativas *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*.

3 FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO, SUBJETIVIDADE E SUJEITO

A teoria do sujeito engloba diversas formas de concepção, dentre as quais destacamos: sujeito, subjetividade e subjetivação. Essas três realizam-se no acontecimento e nas escolhas em que o indivíduo se encontra em um ponto de transformação. Assim, a partir de escolhas, pode adquirir cada uma dessas feições (BUTLER, 2015) (BADIOU, 1994) (DELEUZE E GUATTARI, 2011; 2012).

Nessa discussão, iremos instituir uma leitura esquizoanalítica dessas coordenadas de imagens, no sentido de perceber como funciona os processos de subjetivação apresentados nas expressões literárias enquanto confluências de partículas de sensações advindas de memórias sociais que se construíram no interior de culturas, mas que são entranhadas de um ideário de um programa que ainda insiste em se apresentar, seja nas formas de relação com o outro, com as instituições surgidas na modernidade ou como modos que fomentam na memória as formas de ser-agir no mundo.

Nessa altura de nossa pesquisa, faremos uma análise das narrativas, tomando suas peculiaridades e predominâncias, seja em confronto entre ambas ou em separadas nas questões que envolvem o funcionamento de subjetividades em momentos que requerem ação-prática diante de um acontecimento.

As escolhas, as sensações e o tipo de estamento social que essas subjetividades se articulam para iniciar um processo de mudança de si terá também nossa atenção. Além disso, nossa leitura esquizoanalítica cartografará a geografia dos caminhos por onde se guia a subjetivação, delineará o rosto que assume essa figura que transporta em suas costas a carga de simbolização imagética das agruras e violências que permearam o clima e o chão desse espaço-tempo.

3.1 AS INTERAÇÕES ENTRE SUBJETIVIDADES, SUBJETIVAÇÕES E SOBREDETERMINAÇÕES

No século XX, quando se deu, de fato, a consolidação da modernidade, já se podia compreender como se produz no imaginário social a concepção de que a expressão da vida nas suas mais diferentes circunstâncias é permeada pelas diferentes fases de como o pensamento vai assumindo um papel de relevância em um determinado período da história (COMPAGNON, 2010).

Para Butler (2015), há fases da evolução do pensamento humano que vão sendo aglutinados, recebidos e traduzidos pela cultura que lhe recebe. Partimos da constatação de que a expressão literária apresenta essa mesma equivalência, de recepção de noções e de mecanismos que são ressignificados e transformados para a criação de novas imagens, de símbolos variados para continuidade da locomotiva que carrega passageiros e para de estação em estação, nos trilhos da literatura.

Ela pode ser esse lugar privilegiado de reflexão de como se constitui produtores e receptores interligados a agenciamentos (relações entre um e outro). Essas relações, que podem ir das que se cria com familiares, passando até pela forma como lidamos com a tradição, que se recebe enquanto herança, até às instâncias das instituições que surgem com advento da modernidade.

Essas articulações que configuram uma concepção de subjetivação no mundo, carregado por formas de vivências, exigem determinadas posturas do corpo desejante, diante de uma complexidade de eventos que contribuem para legitimar ou não este empreendimento moderno: a subjetivação como processo iminente de ação-prática diante de um acontecimento.

Tal produção de subjetivação evidencia que para haver uma forma de sujeito e ele se situar dentro da categoria de subjetivação deve existir uma delimitação por meio de gradação na diferença entre duas dimensões complementares, que são causalidades perceptíveis na engrenagem articulada em que o sujeito seja o suporte dos sedimentos dos desejos do campo que o produz. Ou seja, o agenciamento existente entre a produção de imagens e os símbolos que intermediam aquelas.

Como as afetações e as percepções são aparelhos dinâmicos da sensibilidade, diante dos eventos que formam e reconfiguram a subjetividade,

não seria difícil supor que existe interfaces na subjetivação. As duas dimensões complementares que compõem as interfaces da subjetivação são o *Eu* e o *si-mesmo*:

[...] responsabilizar-se por si mesmo é reconhecer os limites de toda compreensão de si e estabelecer esses limites não só como condição do sujeito, mas também como condição da comunidade humana. Não estarei completamente fora do círculo do Esclarecimento se disser, como digo, que o limite da razão é o signo de nossa humanidade. Talvez seja legado de Kant dizer isso. (BUTLER, p. 112-113, 2015)

Segundo Butler (2015), essas duas dimensões do sujeito, articulados à produção de subjetivação, são apropriações do Iluminismo que se estendem até a modernidade, ou seja, surgem como uma herança de pensamento que, em primeira instância, considera a razão como fonte radical que condiciona a atuação do sujeito diante dos mais variados eventos.

Essa definição inicial abre um primeiro fosso que não reflete sobre as excepcionalidades que determinam a subjetivação como maquinação moderna e, com a formação do sujeito, do fenômeno ético diante dos eventos da modernidade e que nela são contingências.

Pensamos que o lugar da formação do sujeito não é simplesmente a sua condição racional, conforme o defendido desde a herança do Iluminismo de Kant, conforme supõe Butler (2015). A formação do sujeito, conforme é interligado pela autora, delimita sua postura dentro de um esquema aparentemente complexo: a compreensão de si e o pertencimento a uma comunidade humana, sem adequá-lo a um número mais extenso de desdobramentos que deformam, produzem, delimitam a quintessência que está no ínterim das interfaces.

Essa suposição da estudiosa não equaciona uma questão que corresponde ao próprio problema da categoria de sujeito: como esta surge na modernidade, delimitada pelas circunstâncias da modernidade, teria como pré-condição definidora o racionalismo iluminista que atesta a capacidade de compreensão de si e pertencimento para formular um ente que, por si só, é uma fragmentação articulada e uma produção requerida por agenciamentos?

Em primeiro lugar, devemos aqui retomar algumas considerações a respeito do que podemos argumentar em relação ao problema de delimitar o que é a modernidade, enquanto espaço de fundação de uma perspectiva, que

absorve desde novas práticas sociais até a forma como as estratégias de construir uma “fidelidade” (BADIOU, 2004); ou aquilo que Giddens (1991) conceitua como “sistema perito”, estabelecido por um princípio de reconhecimento, que se aproxima de uma transmutação da fé, em um ambiente repleto de instruções técnicas de excelência, na qual, inescapavelmente, estamos inseridos.

A institucionalização dessa confiança, por meio da produção de desejo e latente no discurso do segmento social dominante, em esquemas que, por sua vez, tornaram-se cada vez mais elaborados dentro do aparelho técnico que determina o humano como objeto. Inclusive, o humano surge como centro de discussão desta modernidade, o que acarretou uma consciência social que se afasta da primeira questão levantada por Butler (2015).

Em sua discussão sobre um sujeito em face de sua compreensão de si, ao contrário do que o “sistema perito” determina sobre o sujeito, a partir das considerações do discurso disciplinar da psicologia (um espaço institucional do “sistema perito”), apenas corresponde a um problema passível de discussão no momento que tal sujeito torna-se o eixo fundante do problema para o “sistema perito”, elemento estrutural da modernidade.

Assim, para a estudiosa, a questão do conhecimento de si e do pertencimento à comunidade humana tenha sido herdado do Iluminismo. Pensamos que esta fórmula iluminista seja uma paráfrase da inscrição no portal de Delfos, e que tenha na filosofia clássica a sua mais legítima origem, por ter em sua determinação não apenas uma pedagogia; antes uma regra de individuação metafísica: “conhece-te a ti mesmo”.

Na modernidade, por analogia, a questão seria: “o que devo fazer para conhecer?”. O “sistema perito” (GIDDENS, p. 1991), o elemento contingente da modernidade, configura-se como uma estratégia de utilização material e simbólica (o método) das produções sociais e culturais. É uma política filosófica do esgotamento por buscar o que não se tem, origem do mal-estar da modernidade.

Esta equação, formulada como um problema para esquadrihar a figura do sujeito moderno, abstém-se de qual ângulo se pode definir esta categoria em meio ao que se supõe como aos paradoxos da modernidade: o sujeito é um fosso entre um *Eu* e um *Outro*.

Por inferência, supomos que este fosso atue determinantemente na compreensão do sujeito moderno, do qual o autor abaixo observa o seguinte:

Partamos da ideia de que não há sujeito humano abstrato. De *início*, há apenas um animal, chamado, em certas circunstâncias, a *tornar-se* sujeito. O que significa que tudo que ele é, seu corpo, suas capacidades são, em dado momento, requisitados para que uma verdade faça seu caminho. É então que o animal humano é chamado a se tornar o imortal que não era (BADIOU, p. 109, 1994).

O que podemos observar desta breve defesa de uma tipologia do sujeito como um *vir a ser* “imortal” é demonstrar que existe uma exigência eventual sempre cobrando uma modificação na ordem de ação do humano, não apenas como uma tentativa metafísica de conhecer-se como se é, mas na postura do corpo em agir *dentro* de um evento. Nesse fosso, ao qual nos referimos, vislumbramos a capacidade do *vir a ser* forjado na seguinte circunstância:

São as circunstâncias de uma verdade. Mas, o que se deve entender por isso? É claro que *o que há*, a simples realidade, não pode definir tal circunstância. Na realidade dada, o animal, como todos os animais, se arranja como pode. É preciso, pois, supor que aquilo que convoca a tornar-se sujeito é um *a mais*. Para que o animal se torne um sujeito imortal, é preciso que alguma coisa lhe aconteça.

Alguma coisa diferente de “aquilo que há”. Esse *suplemento*, vamos chamá-lo de um evento. Distinguiremos a situação – em que a verdade não está em questão (mas apenas opiniões) – do evento, que nos obriga a decidir uma *nova* maneira de ser (BADIOU, p. 109, 1994).

Portanto, a partir desse entendimento sobre o que constitui o processo de subjetivação, reunindo as concepções, complementares entre si, é que analisaremos a constituição do *si-mesmo* e do *Eu* como uma dupla articulação que se encontram diante do evento para delimitar uma “teoria do sujeito” (BADIOU, 1994, p. 107) e sua reformulação na análise de *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*.

A narrativa *Vidas Secas* tornou-se uma das mais importantes narrativas sobre o ciclo do Regionalismo nordestino da segunda fase do Modernismo, movimento literário brasileiro. Muito da leitura que se erigiu nos anos subsequentes a essa publicação deveu-se ao seu caráter realista tardio, em que boa parte da crítica compreendia a narrativa a partir de um conjunto complexo

de correspondências com a realidade vivida nas profundezas do sertão nordestino, algo aceitável do ponto de vista dos estudos literários que estavam em desenvolvimento no Brasil da época.

Graciliano Ramos, nessa narrativa, mostra-se, segundo a crítica mais tradicional, como uma interpretação da miséria humana tendo como pano de fundo o sertão nordestino. Espaço social este, que favorece toda uma especificidade de relações sociais as quais seriam comuns naquela época.

Cabe salientar que, por extensão, as relações sociais desde o Brasil colônia favorecem determinadas relações sociais que implicam em diferenciações na sua organização, mas que ultrapassam o tempo desta produção literária e teimam em se repetir posteriormente.

Como interpretação de uma realidade paradoxalmente simbólica de uma terra desolada, a constituição da narrativa é episódica, repleta de figuras de representação de um espaço social carregado de uma memória de sofrimento, de violência e de resignação.

Essas afetações correspondem aos eventos desagregadores e das provocações que forçam a uma possível circunstância de mudança na constância monótona da vida sem o ato da descoberta de si-mesmo. Tais eventos, como possíveis disruptores, são retomados por meio da memória, principalmente, a do protagonista do enredo de Graciliano.

Retomar as três figuras do *páthos* narrativo em *Vidas Secas* (sofrimento, violência e resignação) podem nos permitir compreender o que está em jogo, diante de uma leitura que focaliza o fosso em que se articula a subjetivação e a concepção que leva em consideração a ação dessa subjetividade, diante de um momento de escolhas cruciais em acontecimentos que são totalmente distintos do que é o comum ou o prosaico da vida.

Em resumo, temos uma narrativa que dimensiona a vida de uma família pobre do sertão nordestino, que sai de sua propriedade (uma posse emprestada), em fuga induzida pelo ciclo da seca, algo frequente nesta região do Brasil cuja obra faz referência. A família é composta pelos personagens: Fabiano, Sinhá Vitória, “menino mais velho”, “menino mais novo”, uma cadela (chamada por “Baleia”, costume tradicional dos povos sertanejos em denominar seus animais de estimação por nomes de animais aquáticos) e um papagaio.

Já no que concerne à narrativa *La muerte de Artemio Cruz* podemos dizer que está ligada a uma geração de produções literárias que despertaram interesse surpreendente do público e da crítica. É volumoso como o mercado editorial passou a ter foco nas produções dos escritores latino-americanos da segunda década, da segunda metade do século XX, e Carlos Fuentes é um dos seus nomes mais importantes com o dito romance.

O *boom* é um fenômeno que carrega tanto o aspecto de interesse do público leitor, como aí também se inclui uma consolidação da nova literatura latino-americana. Sendo que temos nas experiências das técnicas e procedimentos com a linguagem as novidades determinantes para entender esse momento da produção literária da América Latina (BOIXO, 2000).

No romance do autor mexicano, podemos observar como se desenvolve o procedimento técnico voltado para uma arquitetura da linguagem, uma formulação expressiva que possui instrumentos de utilização da categoria de narrador em três movimentos no tempo (um com uma visão panorâmica, distanciada; um outro dialogante, apontando para o virtual do futuro; e um outro mais das profundezas obscuras do ser e que, paradoxalmente, joga luzes sobre o restante do conjunto).

Além dessa arquitetura, há uma compartimentação dos tempos em que o(s) narrador(es) fragmentado(s) (ou três movimentos narrativos) postula(m) sua visão do objeto acontecimento: o passado, o futuro e o presente coabitam no fluxo da linguagem corrente.

A narrativa se inicia pela visão do narrador-personagem, Artemio Cruz, em seu leito de morte, aos 71 anos de idade, e que logo em seguida rememora toda uma vida, em que acontecimentos revolucionários de guerra, de amor (e de sua ilusão) são destrinchados, também, por outros ângulos de visão, por um narrador-consciência e por um narrador em terceira pessoa. Ou seja, a narrativa é construída numa perspectiva tridimensional nesse aspecto.

Esses momentos da narrativa produzem sentido(s) sobre toda a vida de Artemio Cruz, com idas e vindas na temporalidade e nas memórias que compõem o seu espaço de vivência. Suas relações com o capitalismo norte-americano, sua traição aos ideais revolucionários, seu amor forjado à força com Regina, sua vida compartilhada com Catalina e sua filha Teresa.

Além disso, seus esforços para autoconvencimento sobre uma vida de escolhas mal geridas impulsiona uma formação subjetiva. Por isso, as memórias retomadas estão carregadas de afetos negativos, causados pelo sofrimento que arquiteta o conjunto que estrutura o *Eu Artemio*.

Esses movimentos narrativos estão sempre desembocando em direção a um preenchimento da realidade e do virtual do tempo. Há uma possibilidade sempre presente. Há um *Outro* virtual que Artemio poderia ter sido, não fosse suas escolhas em situações cruciais de vida, segundo um dos segmentos narrativos.

Portanto, para fins de comparação, temos duas composições narrativas, em Graciliano e em Fuentes, condutoras de coordenadas de imagens, com personagens indutoras dessas mesmas coordenadas em que as duas narrativas estão sendo discutidas.

Tais elementos circunscrevem a possibilidade das ações que são geradas no interior dessas duas composições narrativas. Os personagens emitem uma expressão que funciona no sentido de dar vazão a uma imagem-simbólica que, de certa forma, estão relacionadas com o espaço-tempo no qual estas se encontram.

A essas coordenadas de imagens, configuradas no interior das narrativas, estão definidas pelas condições de percepção dos produtores do discurso literário em como a imagem, ou mesmo o conceito que propomos para designar a figura que está em articulação com alteridades diversas e de vários tipos, extensão e tamanho, produzem uma memória que está sobredeterminada pelas formações sedimentadas no interior da cultura, que foi se constituindo ao longo do tempo-imagem que resulta na produção de sentido em *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*. Há duas economias na constituição das narrativas e essas nos parece de uma constância nos textos.

A economia da narrativa, em sua objetividade, toma forma na voz das personagens e na descrição pelo narrador do espaço-tempo em que estes surgem em estado da natureza, como ocorre em *Vidas Secas*:

NA PLANÍCIE avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar [...] (RAMOS, p. 43, 1973).

O estado da natureza deve ser entendido como a tomada de posição diante da vida, sem a preocupação com nada, além da própria sobrevivência, mesmo que a vivência seja toda ela voltada para a fuga, atitude de necessidade, sem a consciência de como este fazer pode vir a ser sempre uma repetição futura. Essa é uma atitude impensada, naquilo em que ainda não se pode ter o controle, conforme se vê nesse trecho:

Voltou a correr, pelo lado quente, que devia ser o mais fundo. Atrás, corriam também, com sua música de esporas, os pés dos *villistas*. Um fósforo lançou seu resplendor alaranjado e ele perdeu o chão e caiu por um duto vertical e sentiu o golpe seco de seu corpo sobre umas vigas carcomidas. Acima, o ruído das esporas não parava e um murmurinho de vozes ressoava sobre as paredes da mina. O perseguido se levantou penosamente; tratou de distinguir as dimensiones do lugar em que havia caído, a saída por onde continuar a fuga.³⁹ (FUENTES, p. 275-276, 2000).

Essas impressões são compartilhadas pelos personagens durante o empreendimento da fuga. Suas necessidades são momentâneas, contingentes. Porque são imediatas, não possuem valor de uma relação causal em primeira instância.

O que assegura a constância são as motivações para a fuga, mas as ações diante da fuga, e o que ainda não aconteceu, são a expressão última da contingência que acompanha situações limítrofes: a luta pela sobrevivência é uma situação limítrofe.

Contudo, não apenas as situações limítrofes estão relacionadas com os estados da natureza para o empreendimento da fuga. As ações de agentes de

³⁹ Volvió a correr, por el lado caliente, que debía ser el más hondo. Atrás, corrían también, con su música de espuelas, los pies de los *villistas*. Un fósforo lanzó su resplendor anaranjado y él perdió el suelo y cayó por un chiflón vertical y sintió el golpe seco de su cuerpo sobre unas vigas carcomidas. Arriba, el ruido de las espuelas no cesaba y un murmullo de voces rebotaba sobre las paredes de la mina. El perseguido se levantó penosamente; trató de distinguir las dimensiones del lugar en el que había caído, la salida por donde continuar la fuga.

representação dos estamentos sociais (sejam elas de estado ou revolucionárias) em um espaço cujo problema mais evidente é sobreviver. A morte que acompanha inexoravelmente aquelas vidas surge com o caráter de perseguição.

Tal caráter de perseguição é definido por Butler (2015) como um conceito de Lévinas, e que tem por modelo de universalidade uma relação entre aquele que assume uma posição de um *Eu* e um *Outro*, mas que ambos se mantêm no encontro por meio da provocação que pode romper ou não com a passividade que limita o aparecimento da subjetivação.

A atitude de Artemio é mais impulsiva, quando este se apresenta já na sua idade mais madura, posto que a sua tentativa de fuga na batalha, seu encontro amoroso (?) com Regina lhe impelem para as sobredeterminações da máquina capitalística, a qual ele entra na engrenagem dela no momento em que se desencanta e se afasta dos princípios da luta revolucionária.

O *Eu* Artemio é desafiado e responde (a seu modo) a uma força estruturante do mundo, a máquina capitalística. Enquanto isso, por outro lado, em Fabiano, sua postura de vida é cíclica, sempre tem um mesmo formato, um circuito. Em Artemio a mudança na sua postura é de ordem temporal, tem um formato linear e entrecortada no tempo, que pode ser visto no narrador-consciência, ao passo em que este teve a escolha, durante a vida, em ser um *Outro*, no lugar de ser aquilo que é:

decidirás, irás escolher um dos caminhos, sacrificarás os outros: te sacrificarás ao escolher, irás deixar de ser todos os outros homens que poderias ter sido, quererás que outros homens — outro— cumpra por ti a vida que mutilaste ao eleger: ao eleger sim, ao eleger não, ao permitir que não teu desejo, idêntico a tua liberdade, te apontasse um labirinto como teu interesse, teu medo, teu orgulho⁴⁰ (FUENTES, p. 305, 2000).

As escolhas de Artemio conduziria para veredas de existência, seu caráter fragmentado, em poder escolher outros caminhos, indicam que suas possibilidades em ser um *Outro* não se realizam. Elas são abafadas pela realidade que se impôs. O que era virtual da existência fica registrado pela

⁴⁰ decidirás, escogerás uno de los caminos, sacrificarás los demás: te sacrificarás al escoger, dejarás de ser todos los otros hombres que pudiste haber sido, querrás que otros hombres — otro— cumpla por ti la vida que mutilaste al elegir: al elegir sí, al elegir no, al permitir que no tu deseo, idêntico a tu libertad, te señalara un laberinto sino tu interés, tu miedo, tu orgullo

memória de sua consciência. Artemio, inconscientemente, é confrontado pela sua consciência, pois, com esta, ele não responde expressivamente.

Fabiano é o personagem exemplar da narrativa *Vidas Secas*. Sua linguagem possui a dinâmica que interrompe o problema da passividade como uma “pré-história do sujeito” (BUTLER, p. 116, 2015).

Ora, a passividade entendida tanto por Butler quanto por Lévinas surpreende pela proximidade com a mecânica cartesiana: a passividade seria o inverso da constituição de um *Eu* que age quando interpelado pelo *Outro*. Ou ainda, só pode haver, em nosso entendimento, uma subjetivação quando a interpelação recebe o retorno em forma de resposta.

Assim, a perseguição é uma provocação em busca de resposta em situações concretas. Mas, essas formulações são peças distintivas da constituição de subjetivação por Fabiano. Enquanto isso, para o jovem revolucionário Artemio Cruz, as respostas imediatas para sua formação subjetiva lhe impulsionam para a manutenção mais urgente da vida em si. Sua sobrevivência tem caracteres de emergência. Sua vida está sempre por um fio no acontecimento da batalha. Para Fabiano a sobrevivência é a luta constante ao longo de toda sua existência cíclica.

Um acontecimento fomenta estas erupções que fazem surgir traços de subjetivação como resposta a um acontecimento: em *Vidas Secas* acontece quando Fabiano se desloca para o povoado comprar mantimentos e querosene. Nesse meio tempo, ele é chamado para um jogo de cartas por um “polícia”. O soldado fardado burla o jogo de modo a levar a melhor na partida. Fabiano deixa o jogo e desacata o soldado. Em seguida, Fabiano é preso. Na cadeia, reflete sobre sua condição diante da violência praticada pelo soldado (que representa o “governo”):

Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir (RAMOS, p. 16, 1980).

Veja que a resignação se inicia pelo questionamento diante da violência. Quando surge a resposta contra uma provocação, ela se represa pela circunstância. O elemento autêntico de reagir contra uma perseguição transmuta

em concordância, ao perceber a fragilidade de toda a humanidade quando a (re)ação lhe é retirada pelo uso da força. Aqui de fato, o homem ainda não assume seu papel de criação de sua própria subjetivação. Contudo, estamos diante da medida de condições necessárias para que a subjetivação eventual surja.

A postura dele é exatamente oposta a uma resposta. E qual a resposta adequada que se espera(?). Quando do momento da prisão, Fabiano havia sido machucado pelo “soldado amarelo”, em resposta, aquele xingou a mãe do agente do estado. Pela resposta, Fabiano foi preso. Apesar de caso prosaico, é evidente que o que torna sua resposta a causa da prisão foi a previsibilidade da reação do soldado.

O caso é emblemático para o entendimento da constituição de subjetivação por Fabiano. Não é uma grande catástrofe que poderia fazer surgir este empreendimento que chamamos de subjetivação. Os casos que depreendem a necessidade de se fazer funcionar a subjetivação são extremamente banais em *Vidas Secas*. O caso da prisão de Fabiano é sem grande repercussão; porém, na forma da consciência de *si-mesmo*, o problema toma outras proporções, porque ela não se liga a uma avaliação moral da leitura. O evento pertence a uma proporção do afeto que ele provoca no humano. Ou seja, é o sentir de Fabiano que o proporciona a criar uma visão de si:

Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na catinga torrada. Se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. Mas a trovoadas roncara, viera a cheia, e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes. Fabiano estava contente e esfregava as mãos. Como o frio era grande, aproximou-as das labaredas. Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes (RAMOS, p, 106, 1973).

A consciência que é provocada em situações limites invoca sempre uma resposta. Porque essa consciência de *si-mesmo* é uma identificação com o tipo humano, mas que o ato é exercido por um *Eu*: o encontro das duas confirmam a eventualidade que formula o fenômeno da subjetivação. A subjetivação é colocada à prova quando Fabiano reencontra o “soldado amarelo”:

Aprumou-se, fixou os olhos nos olhos do polícia, que se desviaram. Um homem. Besteira pensar que ia ficar murcho o resto da vida. Estava acabado? Não estava. Mas para que suprimir aquele doente que bambeava e só queria ir para baixo? Inutilizar-se por causa de uma fraqueza fardada que vadiava na feira e insultava os pobres! Não se inutilizava, não valia a pena inutilizar-se. Guardava a sua força (RAMOS, p. 59, 1980).

Fabiano sabia que, depois da revisão de consciência, o gesto de atacar o “soldado amarelo” com um facão teria consequências complexas para o homem que ele era. O objeto do exame passava por outras circunstâncias: sua ação diante da própria humanidade que ele carregava. O que representava para ele a imagem do Estado que teria no “polícia” um agente.

Tais decisões demonstram que a passividade, diante da resposta retardada do tempo do acontecimento, que lhe provocou a mudança, é contingente. Ela pode ser reservada ao esquecimento (?). E a resposta diante de um acontecimento crucial para o surgimento da subjetivação pode fracassar.

Por isso, discutimos aqui, uma possibilidade de leitura sobre a questão de uma subjetivação. Fizemos uma incursão nos estudos de Judith Butler (2015) para entender como uma ação pode representar graus de provocação para o surgimento de uma resposta eficiente diante de um acontecimento.

Debatemos sobre o posicionamento dos estudos de Butler (2015) e desenvolvemos um diálogo com o texto de Alain Badiou (1994), proferidos em seminários realizados no Brasil durante a década de 1990, para que abrissemos uma via de interpretação da categoria de subjetivação, tendo como eixo de discussão os eventos que provocam nos personagens dos autores Graciliano Ramos e Carlos Fuentes a possibilidade de se constituir enquanto subjetividades.

Por fim, concluímos que a constituição de subjetivação em seu funcionamento, através dos personagens Fabiano e Artemio, se dá no acontecimento em que se encontram em seus momentos singulares e junto com o embate de suas consciências. Fabiano diante dos olhos do “soldado amarelo” e seu *Eu* resolve não agir com os ímpetus do humano, animal que somos, mas age em direção ao *tornar-se* imortal. Eis sua resposta.

Artemio assume, nas escolhas de sua vida, a inevitável escolha de ser quem ele é, em detrimento de poder ter sido um *Outro*, o que, paradoxalmente,

ele se transforma, após deixar sua inicial radicalidade como jovem revolucionário ao passar a ser um ganancioso capitalista, com uma velhice cheia de culpas e memórias afetadas pelas escolhas que elegeu.

3.2 OS LANCES DE CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS EM *VIDAS SECAS* E EM *LA MUERTE DE ARTEMIO CRUZ*

As memórias se constituem no interior das produções dos discursos que se sustentam nas narrativas literárias. Há no embate de construção de memórias tanto na obra *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, as convergências entre os tipos de memórias que direcionam a formação de uma constância de subjetividades.

Na compreensão da construção e do funcionamento das memórias em ambos os textos narrativos enovela-se uma imagem de subjetividade(s). Tanto o romance de Graciliano Ramos quanto o de Carlos Fuentes indicam lances de memória-curta e memória-longa⁴¹ como expressões criativas de contornos de vivências e existências.

Essas distinções dos tipos de memórias requerem uma avaliação dos fluxos da linguagem narrativa, além de identificar, em uma geografia das estâncias que surgem as memórias, suas relações com o todo narrativo e suas transformações na construção da significação⁴² de uma subjetivação *altermnemônica*.

O processo de construção dos contornos da forma da memória que adensam as duas formulações narrativas é fundamental para explicitar as

⁴¹ Segundo Deleuze e Guattari (2011, p. 35), elas são indicativos dos “princípios de cartografia e decalcomania”, quinto e sexto estamentos do que é um rizoma. As diferenças entre a memória-curta e memória-longa estão em suas formas de concepção, mas não estão necessariamente subordinadas a uma temporalidade. A memória-curta tem como princípio o esquecimento; enquanto a memória-longa atua nas dimensões abrangentes de raça, povo, família, civilização etc. A primeira insinua descontinuidade em idas e vindas, a segunda direciona a sequência linear no tempo.

⁴² Na obra “Lógica do sentido” (2007), o pensador Gilles Deleuze traça um caminho, ao retomar o pensamento dos filósofos estoicos até se guiar pelas sugestões da linguagem de Lewis Carrol, no intuito de compreender o jogo do sentido para o pensamento ocidental. Tal empreendimento força uma lógica para os diferentes estratos que direcionam o sentido de um “nome”. Cada estrato, em intensas ligações, possibilita à palavra novas aberturas e linhas de fuga de compreensão, em desvio do senso comum.

possíveis aproximações e distanciamentos entre elas, a partir do entendimento de que ambas projetam no processo de construção da significação subjetiva narrativas que apresentam conflitos entre as memórias, com suas determinações na ordem da experiência, que influenciam na percepção do próprio mundo.

Assim, o mundo se apresenta em transição ou, diverso disso, em intensa continuidade, a depender da dupla forma da memória. A dupla forma da memória se articula com os fundamentos da existência, da experiência e da vivência humana, em confronto com o intermédio: entre seu passado, remoto ou não, e reconfigurado pelas narrativas; e seu futuro, como tempo da perplexidade no limiar da sobrevivência e da resignação. Há, portanto, o aspecto social e o aspecto histórico-temporal que definem os contornos da formação da memória.

As existências percebidas na constituição das memórias das personagens são signos que, apesar da aparente limitação expressiva, no caso da narrativa de Graciliano Ramos, não se limitam ao corpus da linguagem narrativa apenas; os corpos são performatizados nas cenas que são (re)criadas:

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. As brasas estalaram, a cinza caiu, um círculo de luz espalhou-se em redor da trempe de pedras, clareando vagamente os pés do vaqueiro, os joelhos da mulher e os meninos deitados. - De quando em quando estes se mexiam, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles. Outros pedaços esfriavam recebendo o ar que entrava pelas rachaduras das paredes e pelas gretas da janela. Por isso não podiam dormir. Quando iam pegando no sono, arrepriavam-se, tinham precisão de virar-se, chegavam-se à trempe e ouviam a conversa dos pais. Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. As vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto (RAMOS, p. 63-64, 2014).

A expressividade se intensifica, muda de gradação. Ela não tem mais nível na postura da linguagem-verbal na representação literária, ela passa a ser descrição das posturas de gradação da voz, não como fala-representação, mas como a expressividade mais autêntica, interligada no volume vibrante das imagens mostradas. Na narrativa de Carlos Fuentes a linguagem é frenética,

não se limita as fronteiras do tempo, estas fronteiras se tocam, se interligam e se equivalem no espaço da linguagem, a (re)criação é um caleidoscópio de como se vislumbra um acontecimento:

Caminhou apalpando-se, afastando as vezes as ramas baixas, apalpando-se sempre. Não estava ferido. Não necessitava de ajuda. Se deteve junto a um olho d'água e encheu a cantil. Um riachuelo, morto antes de nascer, escorria do olho d'água e ia se perder fora da mata, abaixo do sol. Ele retirou a túnica e com as duas mãos lavou o peito, as axilas, os ombros ardentes, secos, caspenta, os músculos dos braços estirados, a pele esverdeada, lisa, de escamas grossas. O borbulho impediu: quis se ver refletido no olho d'água. Esse corpo não era dele: Regina lhe havia dado outra posse: havia reclamado com cada carícia. Não era dele. Era mais dela. Salvá-lo para ela. Já não viviam apenas os dois afastados; já haviam derrubado os muros da separação; já eram dois em um só, para sempre. Passaria a revolução; passariam os povos e as vidas, mas isso não passaria. Era já sua vida, a de ambos. Lavou o rosto. Saiu de novo à planície⁴³ (FUENTES, p. 179-180, 2000).

Aparece uma simbiose do corpo, a matéria que a cada sujeito lhe pertence, no momento que os corpos se tocam, as divisões das temporalidades se anulam na eternidade. Esta contingência do acontecimento é tornada eternidade pela memória.

Nas duas narrativas o que se apresenta como imagem construída pela memória é uma conjugação da existência nos espaços da linguagem. As narrativas envolvem as formas com que os corpos se movimentam em suas particulares atmosferas.

As performances dos corpos se conjugam com a memória: o plano ou esquema em que funcionam os fluxos da linguagem mobilizam as consistências da imagem que se delineiam as subjetividades, retroalimentando a existência ou possibilidade dela.

⁴³ "Caminó palpándose, apartando a veces las ramas bajas, palpándose siempre. No estaba herido. No necesitaba ayuda. Se detuvo junto a un ojo de agua y llenó la cantimplora. Un riachuelo, muerto antes de nacer, escurría del ojo de agua e iba a perderse fuera del bosque, bajo el sol. Él se quitó la túnica y con las dos manos se enjuagó el pecho, las axilas, los hombros ardientes, secos, lijosos, los músculos estirados de los brazos, la piel verdosa, lisa, de escamas recias. El burbujeo lo impidió: quiso mirarse reflejado en el ojo del agua. Ese cuerpo no era de él: Regina le había dado otra posesión: lo había reclamado con cada caricia. No era de él. Era más de ella. Salvarlo para ella. Ya no vivían solos y aislados; ya habían roto los muros de la separación; ya eran dos y uno solo, para siempre. Pasaría la revolución; pasarían los pueblos y las vidas, pero eso no pasaría. Era ya su vida, la de ambos. Se enjuagó el rostro. Salió de nuevo al llano."

As memórias são enriquecedoras, deslocam a percepção dos mundos observados. As duas narrativas se mostram como um conjunto constituído por partes interligadas diretamente no tempo. A importância do tempo na organização das memórias é no nível da localização dos acontecimentos, estes determinam rumos na atuação posterior porque a possibilidade de intervenção real se esvai no desenrolar do tempo da existência (o tempo presente).

As obras de Carlos Fuentes e de Graciliano Ramos nos oferecem a possibilidade de uma leitura comparativa, o conjunto narrativo na constituição das memórias, que focalizamos para a análise, é fundamental em ambas.

Tal característica permite esclarecer os procedimentos desenvolvidos na linguagem literária, e que seja viável diante do confronto de obras que possam ter um teor equivalente. Aqui devemos observar que tanto a narrativa de Graciliano Ramos quanto a de Carlos Fuentes confluem, ao nosso ver, a similaridades não simultâneas e diferenças diante dos signos que determinam a composição de memórias.

A percepção da realidade é estabelecida no entrelaçamento entre as estruturas narrativas, no segmento da memória e do tempo, a fim de expandir progressivamente essa percepção. Buscamos a discussão sobre a compreensão que dois autores de duas instâncias literárias diferentes da América Latina observam e desenvolvem sobre a memória circunstanciada no âmbito do tempo em suas respectivas narrativas.

Em *Vidas Secas*, conforme nos dá a entender a leitura analítica de Bosi (2010), há o desenvolvimento de uma narrativa com sua força substanciada pelo vigor da problematização de uma realidade social e psicológica. Sabemos que a fuga persistente dos personagens nessa obra está relacionada com uma realidade pertencente a uma terrível tradição do espaço geográfico descrito ao longo da narrativa.

O contexto social de *um* sertão nordestino é de seca, de falta, portanto, suas consequências são potencialmente mais dramáticas no elo mais frágil entre os segmentos que compõem uma sociedade. Esta obra apresenta uma linguagem concisa, uma economia perversa na apresentação dos afetos em que a memória se constrói nessa percepção de mundo que os cerca. Essa memória condiciona as exigências do sujeito, reequilibrando as forças que determinam as ações no interior da narração:

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam. Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força. Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra. Sinha Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos (RAMOS, p. 12, 2014).

Para além dessa conformidade entre a percepção de mundo, da memória que diferencia o agir no mundo dos personagens, o tempo absorve cada um desses aspectos para diferenciar a estreiteza da ação transformadora na psicologia dos personagens, situando a memória como efeito desagregador da normalidade.

É a memória de um acontecimento e sua proximidade com o presente narrado, espaço da vivência que se desenrola, é o que impulsiona o agir dos personagens na obra de Graciliano Ramos. Essa realidade externa que adiciona um elemento conflitivo na narrativa, é intensa em cada instante, mas extensiva ao ponto mais próximo: no passado (o que já aconteceu); ou no futuro (a consequência afetiva do acontecimento para cada personagem) como possibilidade variante.

Fabiano e sua família sentiam fome, é uma presença constante em suas vidas, ela apenas passa a figurar em segundo plano no acontecimento da travessia do riacho, quando o virtual do descanso à sombra dos juazeiros, que está logo adiante, se torna futuro alcançável. A memória não é simplesmente elemento dependente do tempo ou de sua duração. Ela se realiza a partir da percepção dos acontecimentos e na possibilidade de intervenção no tempo da vivência.

A ação de superar a dor e os ferimentos que são presentes só poderiam ser desanuviados pelo descanso e para matar a fome, pois as imagens que se apresentavam adiante lhe indicavam, pela memória, que a dor aflitiva da fome poderia ser cessada. Nesse contexto, há um caráter de experiência que funciona como dispositivo da memória, que possibilita a intervenção consagrada na vivência, no aqui-agora narrativo.

Existe uma diferenciação no âmbito da memória quando ela exige o esquecimento para a continuidade de abertura para uma possibilidade na sobrevivência, como em “Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos.”

Vemos, assim, que a constituição de uma memória poderia estar diretamente relacionada aos acontecimentos que circunstanciam as vivências, construindo experiências no entorno da efetivação da narrativa na obra de Graciliano Ramos, o que, portanto, poderia indicar uma diferença desagregadora entre o tempo que constrói a experiência (o tempo passado) e o tempo da vivência (o presente, enquanto desenrolar da ação) em direção a um tempo comum: o tempo da existência.

Em *La muerte de Artemio Cruz*, temos o funcionamento do tempo na narrativa da novela relacionado ao conceito de paradoxo. Existe uma formação singular dessa figura de pensamento. Para Deleuze (2007), essa categoria direciona dois sentidos ao mesmo tempo. Por isso, investigar a realização da memória em estreito diálogo com a categoria de tempo será fundamental.

Essa obra apresenta o paradoxo possível em um resgate do passado, no intuito de imaginá-lo e criá-lo como um futuro tão vivo quanto este passado. Para tanto, quando se tome como referência um presente da existência seja a alternância entre o passado e o futuro. As questões referentes ao tempo fizeram parte da reflexão e da escrita de Fuentes.

Essa pretensão de uma obra fragmentada discutindo as possibilidades de imaginação de um passado como um direito cultural reflete um princípio político de Fuentes. Para ele, é nessa organização do tempo, como uma forma de constituição da vida, que o homem dinamiza seu presente no reencontro de seu passado que simultaneamente é também seu futuro, conforme assinala o crítico José Carlos González Boixo (2000), no estudo introdutório de *La muerte de Artemio Cruz*:

Carlos Fuentes é otimista, de fato, porque acredita no futuro do México do mesmo modo que acredita no seu passado. Seus ensaios e novelas têm sido, em certa medida, uma reconstrução desse passado que serve para acreditar no futuro. Apenas a memória que recria o passado pode modificar o porvir⁴⁴ (BOIXO, p. 12, 2000).

⁴⁴ O estudo introdutório faz parte da edição “La muerte de Artemio Cruz”, de Carlos Fuentes, pela Ed. Cátedra, no qual Boixo analisa a obra e sua estrutura. No texto do estudioso de Carlos

Parece que para Fuentes há uma outra possibilidade de pensar as circunstâncias de construção do tempo, uma forma de refazer um caminho já percorrido. Mas que, desse modo, também possa ser, olhando para trás, para usar uma imagem sua, a maneira de seguir adiante, recolhendo na estrada as relíquias deixadas pelas vivências, buscando formas singulares de existências futuras.

Fuentes construiu essa narrativa em aproximação com a formação histórica mexicana. Sua compreensão se volta para os desdobramentos que o tempo sugere, desde um pensamento de intervenção imaginativa em um passado que, constantemente, rivaliza com as circunstâncias que compõem o entendimento comum sobre a história, estas acarretam interpretações enviesadas pelo segmento dominante na sociedade industrial contemporânea do autor e da narrativa:

Ele preferiu encontrar estes velhos muros, com seus dois séculos de pedreiras e pedras vulcânicas, que de uma maneira misteriosa o aproximavam de episódios do passado, a uma imagem de terra que não queria perder inteiramente. Sim, se dava conta de que havia nele todo uma substituição, um passe de mágica. E, no entanto, as madeiras, a pedra, as grades, as molduras, as mesas do refeitório, a marcenaria, as barras e entrepanos, a labuta do torno das cadeiras conspiravam para devolver-lhe realmente, com um ligeiríssimo perfume de nostalgia, cenas, ares, sensações tácitas da juventude⁴⁵ (FUENTES, p. 346, 2000).

Consequentemente, o passado, ligado a um desejo de criação, redefiniria o futuro, conforme este fosse interligado a um sentimento utópico que nasce da atividade literária desenvolvida pelo autor mexicano, reclamando a favor da cultura mexicana um modo de revolução do tempo passado pela faculdade da memória, mas que possuía uma atividade elementar nas substâncias dos signos,

Fuentes, temos o escrito assim em espanhol: “ Carlos Fuentes es un optimista, en efecto, porque cree en el futuro de México, del mismo modo que cree en su pasado. Sus ensayos y novelas han sido, en buena medida, una reconstrucción de ese pasado que sirva para creer en el futuro. Sólo la memoria que recrea el pasado puede modificar el porvenir.”

⁴⁵ “Él prefirió encontrar estos viejos muros, con sus dos siglos de cantera y tezontle, que de una manera misteriosa lo acercaban a episodios del pasado, a una imagen de la tierra que no quería perder del todo. Sí, se daba cuenta de que había en todo ello una sustitución, un pase de magia. Y sin embargo las maderas, la piedra, las rejas, las molduras, las mesas de rectorio, la ebanistería, los peñazos y entrepaños, la labor de torno de las sillas conspiraban para devolverle realmente, con un ligerísimo perfume de nostalgia, escenas, aires, sensaciones táctiles de la juventud.”

nas sugestões sensíveis de cada componente cênico na narrativa do espaço que circunda a imagem da subjetividade expressa na linguagem literária do autor mexicano.

As duas narrativas literárias, a do brasileiro Graciliano Ramos e a do mexicano Carlos Fuentes, têm como ponto de confluência a construção da memória e a imagem de uma expressão de subjetividades. Cada uma realçando constantemente um modo de, em nossa reflexão, reconstruir um conjunto de memórias que buscam compreender as formações subjetivas em suas distinções: no tempo da vivência e da experiência para uma possibilidade de existência (em *Vidas Secas*), como no caso da saída das margens do riacho e da fome em busca de comida e descanso nos juazeiros; o confronto do tempo da vivência e da existência em direção a uma utopia no *tópos* (em *La muerte de Artemio Cruz*), na sensibilidade que os odores criavam como um dispositivo de recuperar pela memória aquela terra que ele conheceu na juventude e que não mais existe na presença.

Assim, a questão que se impõe diante dos modos de constituição das memórias nas obras é a seguinte: a forma de funcionamento das narrativas está estruturada em uma concepção de memória fundamentalmente relacionada a uma organização de sentidos em que a memória ordena uma significação subjetiva que se expressa nas narrativas.

A essa organização da memória, conforme se apresenta nessas narrativas, implica a construção de significação da subjetividade nos dois autores, pois expressam um movimento de entendimento das circunstâncias que constituem a capacidade de insurgência do sujeito para este (re)criar, a partir das ações motivadas pelas produções dos desejos, formas de vida que sejam interrogatórias e apresentem respostas no ambiente em que a subjetividade se performatiza.

Por isso, os modos que estabilizam a existência estão configurados na organização da memória, reconfigurados nas literaturas, ou seja, os efeitos da memória podem ordenar as concepções de tempo que são internas a cada cultura. Conforme defende Paz em *El labirinto de la soledad* (1950) haveria um tempo mexicano, ideia essa também compartilhada por Fuentes em sua extensa obra, segundo reafirma Boixo (2000).

Isso por si só nos permitiria tentar esquadrihar, em comparação, as estruturas do tempo na narrativa de Graciliano Ramos, em busca de um tempo pensado pelo autor. Tal empreendimento nos parece, em primeira vista, artificial, visto que a recorrência do problema do tempo não fora necessariamente fundamental para Graciliano Ramos.

Não obstante a isso, a faculdade da memória, instrumento elementar para as narrativas, passa a ser o dispositivo de uma formulação de um tipo de sujeito, tanto na obra de Fuentes quanto na de Graciliano Ramos. Assim, o estudo em comparação demonstra como a organização da memória ordena a estrutura que constitui o sujeito na obra de Fuentes, este compreendia o tempo como um problema interno da cultura mexicana. Por outro lado, enquanto isso, a organização da memória na narrativa de Graciliano Ramos pode instituir uma singularidade interna ao ato de circulação do corpo no estrato social e geográfico que envolve subjetividades.

Observamos uma intensa aproximação temática entre as duas obras, quando elas discorrem sobre uma concepção de sujeito no *locus* de um tipo de modernidade que não se consolida por ser um programa externo ao ambiente em que ele foi transplantado.

O passo a passo para entender a formação da memória em duas literaturas consolidadas na América Latina se justifica quando nesse registro simbólico há uma configuração do aspecto subjetivo de humanidade, que percorre um imaginário padrão dentro do espaço-tempo, visto que esse estudo busca viabilizar uma compreensão dos aspectos imanentes de uma constituição de subjetivação expressa nas coordenadas de imagens em narrativas literárias produzidas na América Latina.

3.3 AS OPERAÇÕES SOBREDETERMINANTES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVAÇÃO

As narrativas que descortinam as dimensões da constituição simbólica que compõem as subjetividades possuem linhas de articulação entre as ações que caracterizam uma imagem do humano com as realizações ao longo do tempo e da memória com as quais (re)criam imagens de si.

O que caracteriza a subjetivação *altermnemônica*, entre outras etapas da cartografia que o define, são os modos como as imagens simbólicas instituídas em *Vidas Secas* e em *La muerte de Artemio Cruz* agrupam, em primeiro plano, as formas das instituições com as quais as subjetividades se relacionam. E, em segundo, a percepção, juntamente com a concepção de uma memória de longa duração que ratifica ou diverge diante de uma sobredeterminação, conferida pelas máquinas sociais de produção de desejos.

As instituições que operam nas relações que são ditadas por enquadramentos, ou seja, por imperativos sociais que regulam a vida nas relações interpessoais, mas que possuem outro caráter. Não há, nesse pormenor, relações interpessoais ditadas por imperativos simplesmente, mas entre subjetividades e uma institucionalidade que se rivalizam em forças conflitantes:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
 Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.
 Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
 - Você é um bicho, Fabiano.
 Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS, p. 18-19, 2014).

Nesse trecho acima temos essa afirmação que o personagem Fabiano tenta se impor. A afirmação sobre ser “homem” mais se interliga a uma concepção de altivez e dignidade a uma concepção mais abrangente que é a de ser “humano”. Aqui a subjetivação, que Fabiano ainda não encontrou de si, está em contraponto com outras esferas do estar-vivo, do ser-vivente ou sobrevivente.

E essa concepção de tornar-se homem só encontra sua mediação em torno de sua vivência ao se deparar com atividades subordinadas a outros. Como sua subordinação é de um “cabra”⁴⁶, sua vida está, portanto, à mercê de ordens

⁴⁶ Termo que designa trabalhadores rurais responsáveis por afazeres nos cotidianos das fazendas e sítios no sertão nordestino.

alheias. Sua sobrevivência apenas é possível em virtude de estar subordinado a alguém, de servir a alguém.

Não existe dependência que seja plena, nem muito menos independência absoluta em sua vivência. Nesse ponto da narrativa, Fabiano é desenhado como ruivo de olhos azuis, mas isso não lhe dera nenhum tipo de privilégio perante o espaço social no qual vivia. Sua subordinação era econômica, sim; contudo, sua afetação, conforme percebemos, origina-se por um instituto étnico. É diante do “branco” que ele se “encolhe”, que ele se faz menor, torna-se menor.

As forças antagônicas entre a possibilidade de subjetivação diante desses dois institutos da desigualdade (econômica e étnica) confere a Fabiano uma reflexão de si, uma linha a ser percorrida para fazer-se homem.

Ora, é evidente que as relações entre indivíduos e instituições sociais modernas se dão por um programa existente com o advento da modernidade na América Latina, e os afetos existentes entre estes (subordinação pela humilhação e dor; a exploração do trabalho pela necessidade de vida), é uma projeção deste programa.

O tornar-se homem para Fabiano ainda perpassa pela imagem que este (re)cria de si. Como ele ainda não se encara como um homem, esse desalinha sua “memória longa” (ligado à família, raça, sociedade ou civilização) [que] decalca e traduz, mas o que ela traduz continua a agir nela a distância, a contratempo, “intempestivamente, não instantaneamente”, para em seguida, portanto, tentar enovelar o que ele é, momentaneamente: uma cabra. Este reconstrói um passo mais longo de como esses aspectos institucionais de sua vida ainda se fazem agir na sua experiência subjetiva (DELEUZE; GUATTARI, p. 35, 2011).

Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

- Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoadá. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra (RAMOS, p. 19, 2014).

Essa movimentação de percepção de constituição da imagem de si por Fabiano, de modo que ele ainda não se vê como homem, vai equilibrando a sua existência ao lado da animalidade, do devir-animal que compõe sua subjetividade.

A aspereza da sua existência é tomada como uma dinâmica de equivalência em uma fissura, um espaço de subjetivação a ser preenchido. Fabiano, em sua existência precária, se vê como um bicho. Ele retoma as experiências de sua vida como forma de comparação com aquilo que enche seus olhos e toca sua pele e nela penetra, nessa simbiose mais ampla de um devir-sertão.

Todos os elementos da sua memória longa (raça, família e civilização) são absorvidos pela força de uma subjetivação em processo. Os elementos da flora sertaneja, as suas raízes, as asperezas que delimitam a sua existência são instâncias em que Fabiano vai remodelando e redesenhando a percepção de homem que ele busca para si.

Notadamente, a narrativa expõe o processo de constituição da imagem que Fabiano vai tomando para si, desde a esfera familiar, laboral, até encontrar-se, mais adiante com as profundezas de seus desejos quando ele se encontra com uma das representações simbólicas do estado moderno.

Mais do que uma busca pela subjetividade, Fabiano enquanto humano é um componente daquela paisagem árida, inóspita. As suas movimentações espaciais por sobrevivência e, posteriormente, as movimentações simbólicas

pela busca do homem que esse tornar-se-ia, independiam das intempéries do clima.

Desde o período da seca, a memória longa de Fabiano lhe impele à sobrevivência, sua existência depende de como essa memória se articula com suas experiências imediatas. Cavar buracos, estar em buracos como tatu, é para Fabiano um modo de perceber-se no mundo, e nisto buscar forças para sair de uma circunstância momentânea desfavorável. Sair do buraco é tornar-se “cabra”, é ser subserviente ao branco, é tornar-se vaqueiro quando chegar o dono de uma propriedade. É tentar se manter em um abrigo com a sua família.

Essa é a sua constituição subjetiva. Esta é a vereda pela qual Fabiano há de passar para chegar ao seu intento, em um complexo espaço de sujeição e recriação de uma existência. Tornar-se homem para Fabiano é sua saga. Tornar-se homem para Fabiano é um destino:

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látégos - aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias (RAMOS, p. 97, 2014).

Assim, Fabiano compreendia sua existência, como um destino. Ela se confundia com a daquele sertão e tudo o que nele habitava. Portanto, era uma extensão daquele espaço, e a de quem naquele mundo tivesse passado.

Sua forma de vida era construída no tempo de outras experiências e de outras existências. As experiências de seu pai e avó, a existência no devir-animal e devir-natureza. Era ser e estar em contato apenas com resquícios de um mundo civilizado, com costumes dos antepassados que se repetia em sua vida agora, “era curar feridas com rezas”, era dizer e afirmar, em tom de oração: “Fabiano, você é um homem”.

Seguindo a premissa de que as duas narrativas, *Vidas secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, são expressões que tratam da constituição simbólica enquanto organização de imagens sobre as ações que correspondem a uma concepção de subjetivação *altermnemônica*, e que há modos em como as subjetividades se posicionam diante das formas institucionais que caracterizam cada espaço de vivência e de existência, culminando, portanto, na experiência que (re)cria subjetividades.

Assim, se revela nas pequenas circunstâncias da vivência a forma como a subjetivação, em *La muerte de Artemio Cruz*, elenca elementos diversos para demonstrar afetos interligados ao modo de vida que lhe permite indicar um sentido para sua própria maneira de sentir o mundo que o circunda, encarando este mundo, em essência, como sua posse:

Quem terá a honradez de dizer, como eu digo agora, que meu único amor tem sido possuir as coisas, ter sua propriedade sensual? Isso é o que quero. O lençol que acaricio. E tudo o mais, o que agora passa diante de meus olhos. Um piso de mármore italiano, com listras verdes e negras. As garrafas que conservam o verão daqueles lugares. As garrafas que conservam o verão daqueles lugares. Os quadros velhos, de verniz descascado, que recebe em uma só mancha a luz do sol ou das velas, que permitem percorrê-los pausadamente com a vista e o tato, sentado sobre um sofá de couro branco banhadas de ouro, com uma taça de conhaque em uma mão e o charuto na outra, vestido com um smoking leve, de seda e sapatilha de verniz suaves pousadas sobre um tapete acolchoado e silencioso de merino. Ali um homem se apossa da paisagem e dos rostos de outros homens. Ali, ou sentado no terraço em frente ao Pacífico, admirando o pôr do sol e repetindo com os sentidos, os mais tensos, ah, sim, os mais deliciosos, o ir e vir, a fricção dessa onda prateada sobre a areia úmida. Terra. Terra que pode traduzir-se em dinheiro. Terrenos loteados da cidade sobre os que começam a levantar-se os bosques de vigas da construção. Terrenos verdes e amarelos do campo, sempre os melhores, perto das presas, capturados pelo zumbido do trator. Terrenos verticais das montanhas mineiras, cofres pardos. Máquinas: esse odor saboroso da máquina de imprensa que vomita suas folhas em um ritmo acelerado...⁴⁷ (FUENTES, p. 239-240, 2000).

⁴⁷ ¿Quién tendrá la honradez de decir, como yo lo digo ahora, que mi único amor ha sido la posesión de las cosas, su propiedad sensual? Eso es lo que quiero. La sábana que acaricio. Y todo lo demás, lo que ahora pasa frente a mis ojos. Un piso de mármol italiano, vetado de verde y negro. Las botellas que conservan el verano de aquellos lugares. Las botellas que conservan el verano de aquellos lugares. Los cuadros viejos, de barniz descascarado, que recogen en un solo manchón la luz del sol o de los candiles, que permiten recorrerlos pausadamente con la vista y el tacto, sentado sobre un sofá de cuero blanco con chapas de oro, con el vaso de coñac en una mano y el puro en la otra, vestido con un smoking ligero, de seda y zapatillas de charol

A forma de compreender este mundo categorizado pela libido naquilo que se possui (amor-posse sensual), metaforizados em pequenos objetos cuja centralidade definem uma vida que se volta para o luxo. A garrafa de bebida, os charutos, o sofá de couro são imagens de elementos supérfluos que ganham em importância para realizar os prazeres de Artemio.

O processo de subjetivação depende da relação que o protagonista realiza com os objetos que vão sendo descritos no espaço instantâneo periférico à imagem que ele cria de si. Ele condiciona a posse de tudo que o dinheiro pode comprar a um tipo de existência cuja escolha ele afirma ter feito. O espaço em que o personagem Artemio circula determina a relação entre aspectos formais de sua personalidade e a posse de objetos torna-se o próprio *locus* da sua subjetivação. As posses são um dos aspectos salientes do processo de subjetivação criado, essa é uma constante ao longo de sua vivência.

Ademais da subjetivação que se processa ao longo de sua vida, ele retoma, por três perspectivas diferentes, como foi o andamento da constituição da sua existência através da retomada de sua memória de longa duração.

Nessa perspectiva, a narrativa, em seu formato de memória de longa duração, aponta em como o consumo de produtos originários de tantas outras geografias, da abundância monetária de quem tem amor pela posse das coisas.

É o resultado de como sua experiência de vida fora limitada pelo afeto à posse, guiado por um sentido aguçado (sobredeterminado pelas engrenagens da máquina capitalística que produz nas percepções a sensibilidade de que possuir é mais importante que o gozo, ou melhor, a posse é o gozo)⁴⁸ nas

suaves plantadas sobre un tapete hondo y silencioso de merino. Allí se posesiona un hombre del paisaje y de los rostros de otros hombres. Allí, o sentado en la terraza frente al Pacífico, mirando la puesta de sol y repitiendo con los sentidos, los más tensos, ah, sí, los más deliciosos, el ir y venir, la fricción de ese oleaje plateado sobre la arena húmeda. Tierra. Tierra que puede traducirse en dinero. Terrenos cuadrículados de la ciudad sobre los que empieza a levantarse el bosque de varillas de la construcción. Terrenos verdes y amarillos del campo, siempre los mejores, cerca de las presas, recorridos por el zumbido del tractor. Terrenos verticales de las montañas mineras, cofres pardos. Máquinas: ese olor sabroso de la rotativa que vomita sus hojas con un ritmo acelerado...

⁴⁸ A importância atribuída pelo protagonista Artemio Cruz demonstra como a máquina capitalística produz nas subjetividades desejos transcendentais, ou seja, a subjetividade como representação simbólica é um decalque das operações maquínicas no interior das sociedades modernas. A descrição dos objetos dispostos ao alcance do protagonista da novela demonstra como o imaginário social que paira sobre Artemio Cruz é resultado do desejo transcendente, ou seja, para a esquizoanálise o desejo transcendente é operado para que uma subjetividade realize um desejo por gozar de algo ilegítimo. Cf “Micropolítica: cartografias do desejo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986) e “Mil Platôs” (DELEUZE; GUATTARI, 2011)

imagens em que ele começa a perceber o mundo como parte fundamental para compreender a posse de tantos bens consumíveis, não como parte integrante de si, mas como objetos auxiliares que decoram a sua aura de detentor de poder.

Esse afeto à posse é sua constância, um destino. Uma existência voltada para a construção de riqueza que redimensiona sua percepção de estar-no-mundo, a partir de uma reformulação simbólica, da fetichização da terra, uma metaforização do binômio “terra-dinheiro” que, certamente, torna o processo de construção para o significado de vida em uma transformação na perspectiva em que sua consciência, expresso no segmento narrativo como consciência egótica, passa a encarar o mundo como extensão da sua potência de desejo, implicado em como o personagem Artemio afetou-se pela máquina capitalística que o conduz a relacionar sua existência à obtenção de bens.

Porquanto o protagonista Artemio Cruz em seu leito de morte é transfigurado na narrativa com uma percepção vacilante, há um outro segmento narrativo que, por ter um distanciamento dos acontecimentos expressos no enredo, assevera como os eventos na vida do personagem Artemio é repleta de escolhas, estas são as entradas para um estado constante dos afetos do personagem no leito de morte:

Tuas escolhas não negarão o resto de tua possível vida, tudo o que deixarás para trás cada vez que escolhas: só encurtarão, a encurtarão o grau de que hoje tuas escolhas e teus destinos serão a mesma coisa: a moeda já não terá dois lados: teu desejo será idêntico a teu destino. Morrerás? Não será a primeira vez. Terás vivido tanta vida morta, tantos momentos de mera gesticulação⁴⁹ (FUENTES, p. 139, 2000).

Essa apresentação no interior da memória do segmento narrativo (um monólogo que se dirige ao protagonista do romance) que expõe decisões do personagem Artemio é resíduo de um estranho retorno. A memória que emerge involuntária se ramifica ao longo da tessitura da obra, mas não se confunde com eventos específicos, pois o monólogo utilizado é atemporal.

Contudo, ele se localiza na órbita dos acontecimentos que são distribuídos em datas que não seguem a linearidade temporal. Os eventos

⁴⁹ Tus elecciones no negarán el resto de tu posible vida, todo lo que dejarás atrás cada vez que elijas: sólo la adelgazarán, la adelgazarán al grado de que hoy tu elección y tu destino serán una misma cosa: la medalla ya no tendrá dos caras: tu deseo será idêntico a tu destino. ¿Morirás? No será la primera vez. Habrás vivido tanta vida muerta, tantos momentos de mera gesticulación.

dispostos no esquema da obra são sobrepostos uns aos outros sem terem uma ordem lógica sequencial no tempo histórico.

Apenas os segmentos narrativos constituídos pela voz-consciência do personagem (quando este descreve seus últimos momentos de vida, e sua consciência avaliadora que narra sobre a existência do personagem) possuem uma organização de causalidade entre os segmentos dispostos na engenharia textual de *La muerte de Artemio Cruz*.

A narrativa é, portanto, desenvolvida em uma base narrativa segmentada em três recortes: uma sequência narrativa em terceira pessoa; outra, em primeira pessoa; e uma última como formulação de uma consciência egótica que sugere um monólogo direcionado a Artemio. Essas sequências se alinham tratando sobre um mesmo acontecimento, mas que destoam nas perspectivas temporais aos quais os eventos se desenrolam.

Tais sequências imbricadas se conjugam em uma geografia temporal do passado, do presente latente recoberto de afetações na perspectiva em primeira pessoa, e alçam um dos segmentos narrativos para se revelar como uma autoconsciência avaliadora e oracular.

Os três segmentos narrativos cartografam as dimensões simbólicas dessa subjetividade que apresenta uma espécie de decalque do esquema produzido pelas engrenagens capitalistas, ou seja, o produto subjetividade é resultado da decalquemaquia⁵⁰ entre as relações do conjunto instintual espontâneo (seu desejo pelo poder e posse) em atrito com as sobredeterminações produzidas pela máquina capitalística nas sociedades modernas, contudo o atrito é instantâneo, pois as escolhas indicam como será o resto de uma “possível vida”, pois a subjetividade representada por Artemio não a vive plenamente.

Assim, em *La muerte de Artemio Cruz* o atrito entre ego e sobredeterminação é repetitivo e apresenta um desequilíbrio para o lado das

⁵⁰ Conceito por nós produzido e utilizado para indicar a re-presentação de um conflito que nas duas narrativas estão ligadas a uma cisma do ego que quer dominar os desejos subjetivos contra a máquina capitalística que produz desejo. Tanto ego quanto máquina capitalística possuem um modelo de funcionamento, e esse modelo é confrontado quando há resquício de processo de subjetivação. Ou seja, conflito e questionamento sobre a existência no mundo. Portanto, tanto o modelo do ego quanto o modelo da máquina capitalística tentam um se sobrepor ao outro para que um dos dois seja a imagem gravada para ser o eixo de orientação das escolhas e resistências diante dos conflitos existenciais ou por sobrevivência.

engrenagens capitalistas, apresentando um conflito responsável por formar a subjetividade, uma “escolha” para o resto da “possível vida”.

Ou seja, a narrativa mostra que a subjetividade é o resultado de uma produção no interior da modernidade e ainda é decalque de um modelo originado em estilos de vida explorados nas imagens representativas (objetos de consumo na vida cotidiana moderna, como exemplificado nos trechos acima) que em seu conjunto cartografam uma subjetividade sobredeterminada.

4 ESQUIZOANÁLISE E SUBJETIVAÇÃO

A subjetivação *altermnemônica* constitui-se nos acontecimentos, no momento em que se encontra com as máquinas sociais de produção de desejo. Essa subjetivação é confrontada no interior do acontecimento e sua memória de longa duração sobredetermina posturas. A subjetivação *altermnemônica* tem, nas forças das instituições modernas presentes no espaço-tempo, suas escolhas delimitadas para os rumos que irá tomar para sua existência.

4.1 A VIDA NÔMADE: DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

No livro *Empirismo e subjetividade*, Deleuze (2012) é assertivo em dizer que o sujeito pode ser definido como um movimento. Nesse sentido, seria o sujeito um organismo voltado para condição transcendente, sempre inclinado para uma condição mais a frente, mais adiante.

A questão do sujeito é central para os estudos deleuzianos quando são pensados nessa articulação com o que dele, o sujeito aproxima-se com o que a ele circunda e com o que nele reverbera. Para a forma corpórea, essa primeira forma significativa do sujeito, o seu raio de ação não é estanque, o seu desenvolvimento em direção a sua singularidade é decorrente da mudança, do porvir. E não sendo estanque, o sujeito é uma coordenada de imagem do duplo. É que é e é o que está para/por existir:

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é o sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete (DELEUZE, p. 99, 2012).

A tese deleuziana do sujeito como um movimento permanente está calcada nas considerações acerca do empirismo e da subjetividade desenvolvidas por Hume a partir do *Tratado da natureza humana* em que o britânico irá se posicionar sobre uma ideia moral e sociológica do homem, tendo

como ponto de partida a discussão do elemento que é capaz de afetar o homem no espaço das paixões e no espaço social.

Essas duas categorizações das condições que afetam o homem, em sua universalidade, dirige um ponto importante no quesito de debate sobre uma centralidade em que esse “novo” objeto a ser observado em seus movimentos se institua a partir do que a ele é externo, ou seja, a constituição desse homem por Hume, via Deleuze, é pendular entre o passional e o social.

São duas dimensões que podemos chamar de forças instintuais, pulsões em contraponto às forças extraintintuais, as forças limitadoras da vida, as forças que segregam, as regras que fazem movimentar a subjetividade, resultando na termodinâmica de funcionamento do desejo. Essas forças são as que movimentam o maquinário da produção de desejo no sujeito.

Mas, em sua caracterização pendular em que o movimento acontece, em duas categorizações díspares entre si, uma mais voltada para uma psicologia e outra para uma moral social, há uma diferença central entre o posicionamento sobre o conceito de subjetividade.

A subjetividade é o meio para funcionar as sensações instintuais frente às regras sociais e seu impacto sobre o sujeito. O movimento que se apresenta como a característica central do sujeito tem duas formas, pois a situação em que o corpo se coloca é, paradoxalmente, o da rigidez ambivalente, pois resultam em uma condição do homem na gangorra entre o passional e o social.

Por isso, sugerimos a subjetivação *altermnemônica* para designá-la a partir do curto-circuito no esquema da subjetividade, posto que o sujeito defendido na leitura feita por Deleuze, a partir dos preceitos de Hume, possui uma linha que não se quebra entre o passional e o social.

Enquanto isso, a constituição da subjetivação *altermnemônica* se institui em momentos, com seus acontecimentos, e não em movimentos dentro de estratos: o social e o individual apenas. Ao passo que é de um além da marca de uma centralidade na individualidade que se desenvolve a subjetivação *altermnemônica*, pois ela se locomove na produção de sentido, em uma construção extraindividual.

Ora, quando pensamos nessa ideia extraindividual, ultrapassamos o limite corpóreo que caracteriza o homem como significante, partindo para uma coordenada de imagens, pois há ramificações que produzem sentido nas

articulações utilizadas pela força desejante do sujeito diante de situações na organização do acontecimento:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, p. 55, 1973).

Aqui se apresenta um acontecimento fortuito, comum, em que Fabiano é mostrado como uma figura alheia às condições do mundo e a sua forma de funcionamento. Toda relação que Fabiano estabelece com o seu imediato é pendente entre o desconforto quando ele está em situações que têm que lidar com outras pessoas e a admiração.

Fabiano nutre uma profunda admiração pelo uso da linguagem da gente da cidade, mas nela sentia inutilidade e perigo, ao passo que a sua forma comum de vida, e onde se sentia confortável era no ambiente rural no qual vivia. Sabia que neste havia toda sorte de exploração e enganos que sofria, mas ali, em cima de um cavalo, bastava para que ele se tornasse um elemento constituinte daquela paisagem.

O seu devir-animal era simbiótico, ele se acoplava com os organismos extraindividuais, os quais ele se aproximava. Seu corpo de indivíduo era elemento constituinte daquela paisagem. Nada passava despercebido, sua percepção sobre o externo do mundo apenas não era de total adesão.

A subjetivação é, pois, desconstrução da individualidade naquilo que esta última carrega de sedentário e de pré-instituído e passa a ser ato subjetivo e, ao mesmo tempo, é a subjetivação uma edificação que passa pela constituição de uma movimentação ocorrida nos acontecimentos.

As individualidades encontram-se, com as subjetividades que lhes são inerentes, para intercambiar os processos de desejos que circulam na camada social, no processo de encontro de si com o outro. Essa dinâmica do processamento de subjetivação, portanto: é afetiva, é social, é imaginativa, é orgânica e se organiza na substância corpórea das subjetividades que se

encontram em situações vividas em cada incontinência de desejos e que se articulam nessa mecânica dos acontecimentos.

A formação de afetos é um dos aspectos para que a subjetivação *altermnemônica* venha à superfície da expressividade do sujeito quando ele está na condição de efetivar o desejo, isso porque o desejo efetiva-se no tempo, esse lança-se como uma flecha apontada para a consciência das produções diversas, de sentimentos e de sensações no tormentoso do acontecimento.

O acontecimento nunca está sob o domínio subjetivo de quem dele participa, é na ordem do insólito que flutua a organização do evento e seus desdobramentos, pois não existe domínio sobre o tempo.

As relações de ações no evento são passíveis de serem modificadas a partir das dinâmicas de interação entre os agentes que circulam no acontecimento. É no fluir da vida e quando ela é experimentada pelo sujeito que a subjetivação arduamente encontra seu *locus vivendi*. Não se realiza a subjetivação sem o encontro com esta consciência afetiva motivada por uma situação de experiência com o entorno em que o sujeito se movimenta:

A cada relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, que agrupa uma infinidade de partes, corresponde um grau de potência. Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires (DELEUZE; GUATTARI, p. 36, 2012).

Há uma ideia nessa concepção de como os afetos concorrem para que haja uma mudança gradual do indivíduo a fim que esse, pelas mobilizações extracorpóreas que se articulam em seu entorno e que reverberam em si, delineie o que é a subjetivação *altermnemônica* e para sua condição no devir, ou seja, sua efetuação se dá no desenrolar de um acontecimento.

A subjetivação está ligada a um fenômeno, e não uma forma a se tornar pronta e que encontre em um momento de experiência subjetiva a sua forma acabada, uniforme. Pelo contrário, a subjetivação como condição interna ao acontecimento é um preenchimento inédito e que pode ser desterritorializada (pode perder terreno) logo em seguida.

A uniformização é o oposto da subjetivação, posto que esta última tem sequência no tempo, seja na presença ou na reminiscência, seja no tempo

passado ou na memória, enquanto a uniformização é um bloco petrificado por onde o tempo passa e que no espaço (local ou universal) ele apenas está.

O indivíduo busca sua realização no espaço do ser, tenta se realizar no infinitivo, na forma pronta, enquanto isso a subjetivação é substância existencial, é corpo em movimento na duração do tempo, ou seja, como propriedade é a significação do porvir. De certo prisma, a uniformização é o que cabe ao indivíduo, pois sua imagem de significante é sobredeterminada pelas regras social, familiar, composto como o resíduo de uma condição permanente no seio de uma cultura.

As estruturas que se cristalizam nas instituições deslizam em direção à base onde se situa o indivíduo. Sendo ele uma micropartícula desse universo de estruturas, a força que se desgarrar dessa organização sobredeterminante é fabricada na usina da subjetivação:

Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua. Sinha Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossível dizer por que Sinha Vitória levava o guarda-chuva com biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume.

Fabiano marchava teso.

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os, homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como Sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encadeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos. Chegaram à igreja, entraram (RAMOS, p. 73-74, 2014).

No episódio intitulado “A festa”, a família de Fabiano se encaminha à cidade, no intuito de participar das festas de fim de ano, no Natal. O deslocamento familiar tem uma distância de três léguas⁵¹ entre o lugar de morada familiar e a cidade onde se realizariam os festejos.

⁵¹ Cada légua possui em torno de 4,8km. Assim, três léguas possuem pouco mais de 14km.

Nessa caminhada longa, a família resolve, a partir da indicação de Fabiano, a se descompor das roupas feitas exclusivamente para as festas, para que não chegassem à cidade todos amarrotados, apesar das roupas, feitas com pouco tecido (Fabiano tinha o receio de que fosse enganado pela senhora que costurou as roupas), estarem em várias partes remendadas, desenhando uma vestimenta de algum modo folclórica à família.

Ao chegar à cidade, já era noite, a família, em meio àquele turbilhão de cores e luzes, sente algo entre o encantamento e o acanhamento. O medo toma conta dos dois meninos diante daquela diferença entre seu espaço cotidiano na zona rural, em que eles estavam acostumados, e a cidade.

No trecho acima, a narrativa está focada não apenas no périplo da família e como ela se posta perante espaços distintos. Não é apenas a caminhada de uma família nômade que acompanhamos no excerto expresso na narrativa, uma família que perambula pelo mundo atrás da sobrevivência.

O exemplo dado acima, entrecortado na narrativa, faz surgir os processos internos no processo da desterritorialização (sair de um lugar) e como este incide ferozmente na prática de vida familiar, no segmento subjetivo em cada indivíduo daqueles.

Temos processos de superposição de modos de vida, uma sobredeterminante postura, a partir da condição de vida cultural que impele à atuação social do sujeito. Se a necessidade quase involuntária de participar dos festejos na cidade é um imperativo do imaginário social, no sentido de que Fabiano e seus familiares não sabem expressamente ao certo o motivo de participarem daquela festa e estarem naquele lugar, observamos que há uma mecânica interna ao sujeito em que ele se desloca de um modo de ser para uma outra postura para se fazer participante de um acontecimento que lhe parece alheio, mas que beira à necessidade de se incluir nessa circunstância para reproduzir as mesmas práticas sociais que os grupos de sujeitos manifestam naquele espaço e tomarem a si como integrantes daquele meio.

Portanto, são as práticas sociais que demandam a desterritorialização, que modificam posturas da vida-corrente para a saída de um ambiente a outro, uma mudança da vida corriqueira que passa a ser uma vida extraordinária, como uma necessidade inerente ao sujeito. A desterritorialização, desta família

nômade, é um imperativo social, ou uma sobredeterminação viabilizada pelo imaginário social.

Nesse passo, da necessidade, as posturas dos integrantes da família se territorializa (se posta em um lugar de chegada), para se adequar a um ambiente fortuito, em que não existe familiaridade que se encaixe aos modos e gestos de Fabiano e dos seus.

Os meninos intimidam-se, amedrontados por estarem em um lugar com tanta gente desconhecida, primeiro sinal de desconforto, sem quem eles saibam como costumam agir aquelas pessoas, fazem com que as memórias dos meninos fossem construindo uma relação imagética entre o espaço da fazenda, onde eles tomavam casquinhos da gente que parecia com aquela que estava bem ali na frente deles. De pronto, imaginavam que seriam assim ali também tratados.

Por outro lado, Sinha Vitória repetia gestos e modos das outras mulheres “matutas” que, provavelmente, por sua vez, agiam por repetição de gestos e modos de outras mulheres. E esse gesto corporal de Sinha Vitória possuía um grau de dependência de um utensílio, mas para aquele local era, naquela circunstância, um instrumento de adorno, sem utilidade prática: um guarda-chuva.

Nos gestos e modos, tanto de Sinha Vitória, como a dos dois meninos, a imagem motora possui um referencial para a tomada de posição diante do palco social em que eles atuavam: o conjunto de pessoas que circulavam no restrito espaço social da fazenda:

Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquele cheiro de fumaça.

Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e Sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de Sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado. Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando, em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o (RAMOS, p. 74-75, 2014).

As coordenadas de imagens exemplificam como as experiências subjetivas se aglutinam nas reminiscências dos familiares de Fabiano. Na ordem estabelecida na expressão da narrativa, de Baleia a Fabiano, há um aglomerado de cores, cheiros, sensações.

Todas as percepções que são provocadas no ambiente da festa e seu local de culto sagrado (a igreja e o altar), sempre são tomadas como referência o espaço territorial em que a subjetividade foi paulatinamente constituída.

O local onde a família de Fabiano toma como centro referencial do que é o mundo fora determinado pela configuração cíclica da vida dos que sobrevivem uma vez a cada dia. Apesar da vida nômade da família, da constância da vida errante, esta é a forma que a eles tomam como sendo a vida comum.

Isso porque em cada repouso, em cada local que encontram para seguir suas vidas, nos trabalhos e nos dias que se passam, com préstimos de serviços em troca de muito pouco, apenas em troca de moradia e uso da terra no pequeno terreno, os quais eles dividiam com reses e com caprinos.

Aquela vida comum (a do homem que vive em pequenas propriedades rurais de regiões áridas) é o referencial imagético que orienta as memórias e as reminiscências das subjetividades quando se encontram em ambientes diversos daquele, a desterritorialização da família abre caminho para a reterritorialização (retorno a um lugar de origem), ou seja, para tanto, o grupo familiar remonta via memória às coordenadas imagéticas da sua vida comum.

Assim, na desterritorialização das afetações às quais a família se encontra no episódio da festa, encontramos, também, por consequência de alinhamento, graus de reterritorialização. Pois, para se adequar e se movimentar naquele local alheio à suas práticas de mundo, é preciso produzir um desejo. Isso para se rememorar o território da vida comum que eles levam.

Tanto no local de chegada quanto no de saída, eles criam traçados diferentes, esquematizações cartográficas⁵² dentro do mapa territorial onde aquela família experimenta sua vida nômade.

⁵² Cabe aqui dizer que esta concepção deleuze-guattariana prima pela ação-prática como movimento-ação. No instante de deslocamento em um percurso, nele se pode mobilizar novas práticas, abrir novas veredas para que o caminho, não como um percurso já trilhado, mas como uma trilha a ser percorrida com novas intensidades, novas demandas que surgem no instantâneo da vivência. Fabiano e família cartografam seu caminho, eles coordenam a vida no instantâneo dela. O conceito de cartografia como um percurso que muda seu rumo por meio de intensidades

Ao passo que, mesmo tendo como referencial essa memória nômade, que desloca atitudes de um lugar a outro, nenhum dos membros da família se sente confortável em se manter na mesma organização de vida que levam na pequena fazenda onde sobrevivem e assumem uma postura esguia, quando se deparam com um espaço de contornos tão diverso daquele em que eles se sentem confortáveis em agir espontaneamente.

Esses traços das subjetividades que desalinham a vivência, do ordinário ao extraordinário, supõem um lastro de sobredeterminação que desestabiliza a superfície por onde as subjetividades se equilibram. O deslocamento, esse movimento de desconforto, é ocasionado por esse referencial de vida pertencente à memória longa, no caso a familiar.

A vida nômade, para Fabiano e sua família, é uma intermitente situação de desalento. Desterritorialização e reterritorialização convivem nas camadas de constituição de subjetivação.

Portanto, esses movimentos nômades, que criam os desconfortos nas subjetividades, são motivadores do comportamento arredo e alheio de Fabiano e sua família, é um desconforto. Esse produz o desejo de reavivar na memória as diferenças que instigam interligar o deslocamento (o par oposto fazenda/festa), as maneiras de se comportar e se vestir e se expressar em um ambiente festivo. Tal espaço não se adequa às posturas de vida de nenhum daqueles membros.

Ironicamente, a festa é o instantâneo da sobredeterminação que impõe posturas aos corpos, com a semiotização do corpo, com o postar-se ereto, com o uso de roupas exclusivamente feitas para a festa, com as imagens que compõem aquele ambiente.

Por outro lado, por insistência do desejo produzido naquele momento, pelas forças sobredeterminantes, o maquinário do desejo pede o silêncio. Fabiano tinha o costume-tarefa de aboiar. Entretanto, o aboio naquele território da festa é traço dissonante. O ambiente sonoro ali não lhe permite expressão de sua linguagem árida nos gestos e nos tons, praticada no seu cotidiano de cuidador de rebanhos. Apenas o silêncio estimula aquelas pessoas a sentirem participantes de um mesmo ambiente das outras pessoas de vida comum.

e do instantâneo é o equivalente a um método de leitura de um conjunto. Tal concepção podemos encontrar de forma mais ou menos categorizante nos 5 volumes de "Mil Platôs".

É pela presença, pela postura do comportamento e pelos laços imediatos com os territórios que provocam nas forças desejantes o movimento de estar em um lugar e de retornar, pelas coordenadas de imagens, na memória imediata, que Fabiano e família se territorializam (pois ali eles permanecem por um curto período de tempo na festa), mas que nela estão sempre se sentindo desterritorializados.

A vivência e a constituição da subjetivação correm em dois sentidos em um balanço de temporalidades distintas, o tempo da experiência imediata, e o tempo da rememoração com o passado. Nessa presença constante entre dois estratos do tempo é que se desenrola a subjetivação *altermnemônica*.

Além disso, três etapas sustentam o nomadismo da vida de Fabiano e sua família, nessas três etapas o núcleo da subjetividade em cada indivíduo é permanente no seu cotidiano. Este núcleo das vivências de seus componentes é fragmentado nos deslocamentos.

Para cada postura do corpo, para cada gesto, para cada fala (ou ausência dela) existem etapas que vão dando sequência de uma à outra para que as posturas se transformem no território onde eles estão. Essas etapas, seguindo o vocabulário deleuze-guattariano (2011; 2012; 2010), condicionam a movimentação e a performance dos sujeitos no evento festivo.

Cabe dizer que o acontecimento aqui analisado, possui a singularidade dentro do circuito nômade familiar de Fabiano e de seus familiares, posto que o acontecimento é um continente temporal onde pessoas circulam criando vinculações percepto-afetivas entre si. As linhas de produção do desejo e sua resultante percepto-afetiva são engendradas no *locus* onde os fenômenos se desenrolam e que ressoam na constituição subjetiva.

Portanto, a subjetivação é um conjunto complexo de traçados e linhas que se encontram e dinamizam a ação prática do sujeito em um espaço-tempo. Assim, o espaço da cidade, no tempo/evento “festa” são condutores que delineiam o fenômeno da subjetivação *altermnemônica* e neste espaço ganha sua fisionomia, sua rostidade.

Desse modo, as três etapas que compreendem o traçado que apresenta os modeladores de subjetividades, indicando um processo de constituição na organização do tempo, cartografando o *locus* de experiência da família nômade:

1. Desterritorialização: o ato de deslocar-se de um lugar a outro causa o desconforto, pois existe inequivocamente a saída de um espaço cotidiano e que é tomado como seu referente, o lugar prosaico da vida comum e parte para um outro lugar;
2. A segunda etapa é a reterritorialização: a chegada em lugar alheio às vivências do indivíduo pela perda longínqua de seu lugar de práticas de vida no cotidiano. Aqui é a presentificação, estar em um lugar e apreender a semiologia do ambiente alheio;
3. O terceiro é a territorialização: o momento no qual as posturas imediatas de vida são subordinadas ao entorno onde se experiêcia o mundo do outro, do diferente, mas que agora necessita de uma nova postura corpórea, com usos e costumes a partir do espelho do outro:

[Fabiano] Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e paletó engomados, batinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava aprumar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados. Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. (RAMOS, p. 76, 2014).

Em tal local de culto, cuja cultura se faz mais evidente, Fabiano receia quebrar a tradição por não seguir o fluxo social, no qual ele já se fez participante, ao seguir as regras sociais básicas que ele pensava serem as mais adequadas. A imagem de si durante o evento é sobre como ele deve se portar e como deve se compor na forma de se vestir.

A subjetividade aqui é formada pelos blocos semióticos que envolvem tanto os gestos, quanto os modos de fala e as aparências, ações-práticas a serem interligadas com o evento, nesse *locus* que não lhes permitiriam agir de modo diferente.

A compreensão de Fabiano é toda baseada num sistema apriorístico fundamentado na sobredeterminação que lhe é anterior e se baseia no

imaginário social. Ele se via como homem religioso. Seguia os ditames da cultura em eventos que assim lhe exigia.

Modificar suas posturas (fora aquele momento de religação com as tradições, nas quais existiam diferenças em relação ao comum de sua vida) era o modo encontrado por Fabiano em se reconfigurar enquanto sujeito sobredeterminado criando o vínculo com o conjunto social da cidade: aqui considerada uma forma presa, por ter regras e por ter uma organização macroestrutural, mas não bloqueando totalmente as condições de constituição de subjetivação.

A matéria-corpo e a sua expressão, portanto, possuem vínculos com uma forma social. Na instância da circulação da comunicação ela apresenta um formato de bloco, no sentido de ser uma forma presa, quadrada, cuja reprodução serial poderia viabilizar uma subjetividade, mas apenas em situações adversas e especiais.

Contudo, o bloco matéria-corpo é uma fabricação condicionada socio-culturalmente (um conjunto formado por blocos) cujo seu produto é o que chamamos de indivíduo (postura do corpo que segue regras sociais), ante uma postura de vida que se renova e inova pelo desejo na constituição de si como sujeito em sua singularidade.

Assim, a interação do corpo-matéria, o indivíduo, ao se posicionar como sujeito na malha social da cultura no espaço da cidade, é condicionada por regras e organizações que alternam sua forma de vida. As situações localizadas no interior de uma sociedade, tal qual a de Fabiano e sua família no evento da festa natalina, em que o dinamismo das circunstâncias ocorridas no tempo da expressividade do sujeito, são percepto-afetivas e sobredeterminadas socialmente.

Entretanto, os movimentos pendulares entre o sistema de regras internalizados no indivíduo subjetivado pelo mundo que o cerca não são fatores únicos para localizar o sujeito. A circulação, a expressão e a postura do corpo determinam em que grau de constituição existe o início do processo para a caracterização da subjetivação.

Desse modo, os elementos que configuram a ideia de humano é pendular entre o passional e o social, mas que a constituição da subjetivação *altermenmônica* possui outra organização, mais ampla para que haja sua

efetuação, posto que a linha móvel entre o interno e o externo do homem possui caráter de longa duração.

Enquanto isso, a constituição da subjetivação *altermnemônica* é de caráter transitório, não-permanente e de curta duração, necessitando de condições de deslocamento e enfrentamento para que o processo se efetive no traçado da vida em que o homem nômade circula.

Assim, podemos afirmar que o trinômio **indivíduo/sujeito/homem** (matéria-corpo/ (re)produtor de expressão/ organismo vivente, respectivamente) se diferencia da **subjetivação** (máquina de produção de desejos) *altermnemônica* porque o primeiro agrupamento é sedentário, enquanto que a subjetivação *altermnemônica* é nômade de circunstâncias, nas quais se efetiva tanto na performance e na postura do corpo-movimento na presença (a territorialização) quanto na retomada, via memória, das abstrações da organização do tempo passado referenciado por Fabiano e por sua família, o seu ambiente de morada momentânea na fazenda.

No evento natalino o tempo passado é retomado na proximidade temporal imediatamente anterior ao tempo da vivência, o tempo presente. Ou seja, a organização da vida de Fabiano e da família compreende uma movimentação circular entre os conceitos que formam a ideia de subjetividade, pois é *ôntica* (existencial) e *fenomenológica* (circunstancial) quando ela, ao mesmo tempo, se constitui no desenrolar dos acontecimentos e quando não deixa de ser o que fora anteriormente. A subjetivação *altermnemônica* é aglutinativa.

Isso posto, em cada campo de significados que expomos sinteticamente (tanto o trinômio indivíduo-sujeito-homem quanto o conceito de subjetivação *altermnemônica*) são dinamizados pelas circunstâncias de cada evento desenrolado na organização tanto do tempo presente, o tempo da performance; quanto no tempo da memória, o tempo passado *in abstracto*.

As formas que se interligam com o trinômio que formam o humano necessitam de formas presas dos institutos sociais e da cultura para que existam. Por seu turno, a constituição da subjetivação *altermnemônica* em *Vidas Secas* é molecular, articula-se com a cartografia nômade, movimenta-se tanto na dimensão do território espacial quanto na dimensão dos territórios do tempo.

4.2 O SENTIDO DA SUBJETIVAÇÃO: AS MÁQUINAS DE PRODUÇÃO DE DESEJO EM FUNCIONAMENTO

Nos estudos apresentados em *O Anti-Édipo* (2010), Deleuze e Guattari tratam sobre uma nova concepção que envolve as descobertas feitas por Freud e na sua ciência psicanalítica. Os dois pensadores franceses discutem o desenvolvimento e a leitura que Lacan faz tanto da psicanálise como dos princípios que este último levou adiante as investigações sobre conceitos instituídos por Freud.

A principal novidade da crítica à psicanálise tradicional está relacionada com uma nova configuração para entender o sujeito e os seus desejos. Esse novo olhar é direcionado para o funcionamento da ação-prática do sujeito e tem como finalidade, ainda, nos termos da psicanálise, os processos de investigação sobre o inconsciente, mas que se desenvolvem por um campo estrutural diverso dos colocados por Freud e Lacan. *O Anti-Édipo* terá como foco, principalmente, um deslocamento sobre as categorias essenciais da psicanálise freudiana. A crítica se consuma no processo que resulta, segundo indicam Deleuze e Guattari, em uma edipianização da vida.

Deleuze e Guattari deslocam o problema originário da constituição do inconsciente para um outro espaço em campo aberto pela psicanálise. Enquanto, a psicanálise freudiana (principalmente, mas não apenas dessa vertente) se limita a desvendar a “causa” dos desejos na fórmula edípica: pai-mãe-filho, a lógica estrutural familiar; os estudos da esquizoanálise, por sua vez, indicam que a família seria um efeito do regramento social capitalístico, cujo aspecto importante era que a família reproduzia, por ser um estamento social mais restrito, a lógica sobredeterminante do capitalismo:

Entre a neurose e a psicose não há nunca uma diferença de natureza, de espécie ou de grupo. Tal como a psicose, a neurose não é explicável pelo Édipo; pelo contrário, ela é que explica o Édipo. Como é que se deve então entender a relação psicose/neurose? Não dependerá ela de outras relações? Tudo depende de chamarmos psicose ao próprio processo ou, pelo contrário, a uma interrupção do processo (e que tipo de interrupção?). A esquizofrenia como processo é a produção desejante, mas tal como ela está no fim, como limite da produção social determinada pelas condições do capitalismo. É esta a nossa «doença», a doença dos homens modernos (DELEUZE; GUATTARI, p. 176, 2010).

Por consequência da reviravolta na lógica da causa (do familiar para o social) e efeito (da neurose à psicose) na formação do sujeito, o campo para o desvendamento da produção de desejos parte para a psicose⁵³ (esta estrutura também é matéria de estudo da psiquiatria), enquanto a psicanálise freudiana, a questão envolvia as neuroses⁵⁴ como uma força que é resultado das afetações constituídas no ambiente familiar.

Nesse íterim, faremos uma discussão sobre as formas distintas com que o sujeito se faz surgir: nos espaços institucionais como a família, no trabalho diário, nos espaços capitalísticos de consumo, nas instituições de docilização e de higienização das forças inconscientes que emanam do ser, no campo de batalha em que o corpo funciona como mais uma máquina acoplada às máquinas de guerra (a máquina que cospe bala, a máquina tanque de guerra), nas relações amorosas e suas contradições e correlações de força.

Nessas circunstâncias em que percebemos uma aproximação pela diferença entre a psicanálise tradicional e sua contracorrente, a esquizoanálise, nos debruçaremos na expressão e as coordenadas de imagem que proporcionam sentido.

Nos locais de produção de sentido, os diversos traçados de sentido que compõem a subjetivação *altermnemônica* são organizados na superfície das relações intermolares⁵⁵ entre a constituição de subjetivação e as engrenagens do maquinário capitalístico (esse funciona incessantemente como a usina maior de produção de desejo no ecossistema em que o sujeito está inserido). Tal é o grau de produção do desejo na fábrica maior (a dos estamentos sociais) que ela

⁵³ Essa estrutura da clínica psicanalítica é também explorada pela psiquiatria (nessa linha disciplinar, ela é vista como um acometimento na ordem mental do paciente que desorganiza as percepções com o fora, a externalidade, a realidade compartilhada socialmente). Na psicanálise (aqui nos deteremos, pois esta é a disciplina que repercute no nosso estudo), a psicose é uma conformidade originária no seio familiar e manifesta em delírios e desacordos com fluxo social.

⁵⁴ A neurose é uma outra estrutura psicanalítica (a terceira é a perversão). Nesse caso, as neuroses se referem às perturbações no sistema simbólico que possuem suas origens na infância, podendo acarretar distúrbios nervosos.

⁵⁵ Este conceito proposto em nossa reflexão tem que ver com a força extensiva do maquinário molar e como ela se interrelaciona com a força intensiva de algo que está em expansão: a subjetivação. Esta corresponde a uma força molecular ou intensiva, constituindo-se em uma nova configuração de sujeito, ou seja, um sujeito do porvir. Portanto, a produção desse conceito funciona para dar sentido às ligações e correlações de forças díspares que se medem no conflito indissolúvel entre um “Eu” e o que está para este.

é reproduzida nos maquinários de menor porte, ou seja, nas relações familiares se realizam as regras ditadas socialmente.

Cada máquina de produção de desejo se acopla a outras máquinas, sem intervalo, criando relações de forças permanente entre as subjetividades. Elas, então, se enroscam na presença simultânea, e pela linguagem fazem funcionar a coletividade:

O inconsciente não levanta problemas de sentido, mas problemas de utilização. A questão do desejo não é «o que é que isto quer dizer?», mas como é que isto funciona? Como é que elas, as máquinas desejantes, funcionam, as tuas, as minhas, quais são as falhas que fazem parte da sua própria utilização, como é que conseguem passar de um corpo para outro, como é que se agarram ao corpo sem órgãos e confrontam o seu regime com o das máquinas sociais? Ou se está a preparar uma máquina bem lubrificada, ou, pelo contrário, uma máquina infernal. Que conexões, que disjunções, que conjunções, que utilização das sínteses? Isto não representa nada, produz, isto não quer dizer nada, funciona. E é no meio da derrocada geral da pergunta «o que é que isto quer dizer?» que o desejo aparece (DELEUZE; GUATTARI, p. 149, 2012).

Desse modo, em nossa leitura esquizoanalítica, a compreensão de um tipo de sujeito, enquanto ser desejante, se afasta da psicanálise tradicional que *interpreta* o “Eu”. Nossa leitura se afasta do processo de interpretação e se desloca em direção a uma análise do *funcionamento* do desejo. No lugar de saber interpretar, analisaremos como funciona a subjetivação e seu maquinário de desejo.

Sendo assim, faremos o percurso que indique quais as articulações estão contidas na expressão da novela “La muerte de Artemio Cruz” que apresentem:

1. as forças (suas intensidades e sua extensão), os fluxos (o que se encadeia) entre as máquinas molares (social) com as máquinas moleculares (subjetividades),
2. o aspecto esquizóide (desviante das regras sociais) de produção do desejo diante da sobredeterminação capitalística e seu espaço de reprodução no núcleo familiar.

Essas linhas de produção (de desejos e modos de vida), ao se entrelaçarem, podem demonstrar o novelo usado na tessitura que vai se alinhando para constituir a subjetivação:

A cavalgada de revolucionários vinha de planície até o bosque e a montanha. Correram velozmente ao seu lado enquanto ele, desorientado, desceu em direção aos povoados em chamas. Escutou as chicotadas sobre os lombos dos cavalos, o trincado seco de alguns fuzis e permaneceu sozinho na planície. Fugiam? Girou sobre si mesmo, pondo as mãos sobre a cabeça. Não entendia. Era preciso partir de um lugar, com um objetivo claro, e jamais perder esse fio dourado: apenas dessa maneira era possível compreender o que acontecia. Bastaria um minuto de distração para que todo o xadrez da guerra se convertesse em um jogo irracional, incompreensível, repleto de movimentos alquebrados, abruptos, carentes de sentido. Essa nuvem de poeira... esses cavalos furiosos que avançavam a galope... esse cavaleiro que grita e agita um ferro branco... esse trem parado ao longe... essa poeira cada vez mais perto... esse sol cada minuto mais próximo da cabeça atordoada... essa espada que lhe trisca a frente... essa cavalgada que passa a seu lado e o atira ao chão...⁵⁶ (FUENTES, p. 180, 2000).

Aqui nos debruçaremos no episódio tratado no segmento de narrativa em terceira pessoa (baseada no tempo passado) que reporta a “4 de dezembro – 1914”, momento em que se desenrolava a Revolução. Os fenômenos nesse espaço de tempo são referentes ao período da juventude de Artemio Cruz, quando ele foi um dos participantes ativos das batalhas ocorridas durante aquele momento.

No conjunto de acontecimentos, a vida de Artemio se divide entre as ações nas batalhas revolucionárias e sua amada Regina. Ela se encontrava em um povoado atacado pela contraofensiva do governo instituído. No campo de batalha, o cavalo no qual Artemio montava fora atingido mortalmente pelos rivais.

Já pensando no mau empreendimento daquele ataque, Artemio deixa para trás um companheiro ferido e foge. Mais adiante, encontra com outro soldado dos seus que vinha com o soldado que Artemio havia abandonado já

⁵⁶ La cabalgata de revolucionarios venía del llano hacia el bosque y la montaña. Corrieron velozmente a su lado mientras él, desorientado, bajó hacia los pueblos en llamas. Escuchó el chicoteo sobre las ancas de la caballada, el tronido seco de algunos fusiles y quedó solo en la llanura. ¿Huían? Giró sobre sí mismo, llevándose las manos a la cabeza. No entendía. Era preciso partir de un lugar, con una misión clara, y jamás perder ese hilo dorado: sólo de esa manera era posible comprender lo que sucedía. Bastaría un minuto de distracción para que todo el ajedrez de la guerra se convirtiera en un juego irracional, incomprendible, hecho de movimientos jironados, abruptos, carentes de sentido. Esa nube de polvo... esos caballos furiosos que avanzaban a galope... ese jinete que grita y agita un fierro blanco... ese tren detenido en la distancia... esa polvareda cada vez más cercana... ese sol cada minuto más próximo a la cabeza aturdida... esa espada que le roza la frente... esa cabalgata que pasa a su lado y lo arroja al suelo...

morto. O medo então toma conta dos pensamentos de Artemio, podendo ele acabar a ser desmascarado como desertor.

Entretanto, não é o que acontece. O soldado diz que Artemio receberá um prêmio por ele, sem querer, ter segurado o ímpeto da contraofensiva dos contrarrevolucionários federais, dando tempo para que mais uma cavalaria revolucionária chegasse em tempo para derrotar o inimigo.

Embora a cavalaria contrarrevolucionária não tenha conseguido seu intento, eles se vingam na população daquele povoado. Enforcam várias pessoas. Entre elas, Artemio encontra sua Regina morta nesse local.

Sua vida, nesse instante, começa a tomar um outro rumo, com a perda de sua amada, com sua angústia por saber que havia fugido do ataque inimigo deixando companheiros de batalha para trás, por ser um sujeito cheio de ambições, mas que carregava a falta de ímpeto e coragem de enfrentar seus medos e anseios. Artemio, assim, inicia suas elucubrações.

Ele passa a imaginar um outro desfecho para aquele momento terrível, e maquina, na sua dor da perda, que Regina não estaria morta, mas que esta havia fugido para o sul, mesmo com os inimigos estando por todos os lugares. E, assim, ela estaria esperando por Artemio em outro povoado, para continuar sua vida juntos.

No entanto, indo em direção ao sul, Artemio observa a paisagem de destruição deixada pelas tantas batalhas dos revolucionários contra a máquina do Estado que ainda lutava para manter o poder central.

Nesse episódio, construído na expressão do segmento em terceira pessoa, é elucidativo como os modos com que as forças dos desejos se envolvem entre si. Artemio, no momento que tenta empreender fuga, é imediatamente impedido pelo companheiro sobrevivente de batalha.

Seu medo circulava em toda e em qualquer de suas ações. Seus desejos, por vezes, vindo à tona impetuosamente, sempre era advindo de como a sua percepção da batalha tomava conta das suas possibilidades de escolhas, em fugir ou permanecer na batalha.

O imediatismo das decisões dele estavam diretamente condicionados pela correlação de forças que se mediam na batalha em campo aberto naquele espaço árido. Além dessas energias criadas pelo embate direto entre os maquinários de guerra (tanto da máquina revolucionária quanto do espelho desta

que era a máquina de guerra usada estado)⁵⁷, Artemio potencializava seus desejos ao reconstruir sua memória.

Tanto na correlação de forças das máquinas de guerra, como nos conflitos produzidos no interior dos desejos de Artemio, de retomar sua vida amorosa com Regina, para edificar com ela momentos apazíveis em um quarto qualquer, em um povoado qualquer:

ELE sentiu as covas do joelho da mulher, úmido, perto da sua cintura. Sempre suave dessa maneira rápida e fresca: quando ele afastou o braço da cintura de Regina, ali também sentiu a umidade de cristais líquidos. Estendeu a mão para acariciar toda as costas, lentamente, e pensou que ela dormia: poderia permanecer assim durante horas, sem mais ocupação que acariciar as costas de Regina. Quando fechou os olhos, se deu conta da infinidade amorosa desse corpo jovem abraçado ao seu: pensou que a vida inteira não bastaria para percorrê-lo e descobri-lo, para explorar essa geografia suave, ondulante, de acidentes negros, rosados. O corpo de Regina esperava e ele, sem voz e sem vista, se estirou sobre a cama, tocando os barotes de ferro com as pontas das mãos e dos pés: se esticou até ambos extremos da cama. Viviam dentro deste cristal negro: a madrugada ainda estava longe. O mosquito não pesava e os distanciava de todo o que ficava fora dos dois corpos. Abriu os olhos. A bochecha da moça se aproximou da sua; a barba assanhada roçou a pele de Regina. Não bastava a escuridão. Os olhos vívidos de Regina brilhavam, entreabertos, como uma cicatriz negra e luminosa. Respirou fundo. As mãos de Regina se uniram sobre a nuca do homem e os rostos voltaram a se aproximar. O calor das coxas se fundiu em uma só chama⁵⁸ (FUENTES, p. 167-168, 2000).

⁵⁷ As máquinas de guerra revolucionárias possuem diferenças de finalidades da máquina de guerra do qual o estado se apropria para manutenção do poder do Estado (sobredeterminação). A diferença básica está nos instrumentos e usos de máquinas moleculares. Uma pedra, um pedaço de madeira, uma armadilha feita de cipó, são instrumentos usados que podem funcionar como arma. Esse pequeno maquinário são adaptações funcionais de objetos que estão ao alcance do corpo-máquina revolucionária para que sejam utilizadas pela causa revolucionária em momentos de conflito e medição de forças. Por isso, no maquinário de guerra revolucionária, a função de qualquer objeto é experimentada pelo seu sentido inusual. Se desterritorializa ou se perverte uma função primeira de um objeto, ou se cria uma função para um objeto esvaziado de sentido ou de função para aquele momento: uma territorialização de instrumento. Contudo, o espelho criado pela máquina revolucionária se assume nos caracteres da máquina de guerra que é apropriado pelo estado. O cavalo é máquina de guerra para o estado, ele se acopla ao corpo do homem e se cria uma máquina de batalha potente, no fluxo do corpo do cavalo e sua robustez, com o comando e racionalidade do corpo do homem. Este último também se acopla com uma outra máquina, o fuzil, a máquina que dispara projéteis perfurantes, agressivos aos outros corpos-máquinas. A máquina de guerra do estado também é a máquina de guerra revolucionária. Ambas usam corpos, máquinas, objetos. Cada uma das máquinas está a serviço dos fluxos que forçam para o enfrentamento: fome, miséria, morte de muitos ante a abastança de outros poucos.

⁵⁸ ÉL sintió el hueco de la rodilla de la mujer, húmedo, junto a su cintura. Siempre sudaba de esa manera ligera y fresca: cuando él separó el brazo de la cintura de Regina, allí también sintió la

Esse momento de tenro amor e de troca de carícias ficou marcado na memória de Artemio. O caso remontaria há pouco antes de acontecer a batalha em que ele quase conseguiu empreender fuga daquela que seria, no seu entender, sua morte certa. Entretanto, é no segmento em terceira pessoa que a narrativa se desenrola, de modo que percebemos como este foco reconstrói o passado e estrutura o labirinto da memória de Artemio Cruz, o personagem.

O foco de narração nos conduz para um sentido no qual aparenta haver uma troca, um fluxo de afetos entre o casal (Regina e Artemio). Destacamos que a memória desejante, que de certo modo é objeto da expressão narrativa, também produz um devir, muito embora o devir desejante, marcado pelo sentimento de amor, pode ser corrompido pela memória. Ou seja, o afeto pode ser pervertido e ser mascarado pela memória.

Assim, ao receber o verniz da ilusão, na estrutura da consciência que funciona por desequilíbrio, há uma ação para transformar uma violência em sentimento de afeto, ou transformar o amor em ato violento.

A relação entre Regina e Artemio não se completa por uma contingência no tempo, ela não termina ali. A relação entre ambos produz no interior da memória de Artemio uma intensidade, e que é ainda tratado pelas outras duas perspectivas da expressão narrativa. Como já vimos, há três segmentos narrativos na expressão da novela que reconstroem acontecimentos em perspectivas e olhares diferentes um do outro.

O contingenciamento funciona como uma formulação na organização do tempo para delimitá-lo, no espaço onde se desenvolve as sequências dos acontecimentos. A memória que assume forma no segmento narrativo em

humedad de cristales líquidos. Extendió la mano para acariciar toda la espalda, lentamente, y creyó dormirse: podría permanecer así durante horas, sin más ocupación que acariciar la espalda de Regina. Cuando cerró los ojos, se dio cuenta de la infinidad amorosa de ese cuerpo joven abrazado al suyo: pensó que la vida entera no bastaría para recorrerlo y descubrirlo, para explorar esa geografía suave, ondulante, de accidentes negros, rosados. El cuerpo de Regina esperaba y él, sin voz y sin vista, se estiró sobre la cama, tocando los barrotes de fierro con las puntas de las manos y de los pies: se alargó hacia ambos extremos de la cama. Vivían dentro de este cristal negro: la madrugada aún estaba lejos. El mosquitero no pesaba y los aislaba de todo lo que quedaba fuera de los dos cuerpos. Abrió los ojos. La mejilla de la muchacha se acercó a la suya; la barba revuelta raspó la piel de Regina. No bastaba la oscuridad. Los ojos largos de Regina brillaban, entreabiertos, como una cicatriz negra y luminosa. Respiró hondo. Las manos de Regina se unieron sobre la nuca del hombre y los perfiles volvieron a acercarse. El calor de los muslos se fundió en una sola llama.

terceira pessoa cria um ambiente de ternura e imersão de Artemio no corpo de Regina.

O corpo da mulher passa a ter uma geografia que está sendo cartografado por Artemio. Ele explora os espaços e tateia as linhas sinuosas do corpo que ele se apossou como se seu território fosse para nele se movimentar. Tudo no corpo de Regina é estabelecido com uma função de território que por ele pode ser percorrido.

A romantização descritiva exposta pelo narrador em terceira pessoa é uma apresentação do acontecimento que se filtra na consciência para efetuar, ela mesma, uma outra visão do acontecimento. Quanto mais se diversifica os pontos de vista sobre um acontecimento, maior será a compreensão de totalidade nele.

Esse acontecimento circunstancial sobre o amor e a guerra na expressão do romance reporta sobre a jornada de vida de Artemio. O pano de fundo é a Revolução Mexicana e suas consequências, elas são cruciais para que se delineie sua constituição subjetiva. É nesse momento de tensões produzidas na guerra e no amor que escolhas de vida serão tomadas por Artemio e estas serão irrevogáveis.

As forças que formavam o Artemio revolucionário (a revolta contra um mundo de explorações) e amoroso são reconfigurados durante a batalha no povoado onde conhece Regina e, em seguida, seu traçado de escolhas condiciona um Artemio oportunista e egoísta pelo resto de seus dias. Ele tem sua vida esculpida pelas memórias intensas, em quadros episódicos, nos quais a extensão das memórias se desenrola.

As memórias evocam circunstâncias sobre as afetações e percepções que são induzidas pelo incontrolável e sublime sentimento de amor (mas que se descobre ser mascarado por uma transmutação da memória) e pela força bruta produzida pelo desejo de possuir o Outro para domá-lo segundo seus princípios.

É importante frisar aqui que um sentimento do desejo (amor) e um fenômeno do desejo (guerra) podem tomar forma no momento de produção percepto-afetiva de um maquinário que produz o desejo para sua realização e dar forma a ele. O amor e a revolução, na qual Artemio lutava, passam a ter uma nova configuração:

O ser amado aparece como um signo, uma "alma": exprime um mundo possível, desconhecido de nós. O amado implica, envolve, aprisiona um mundo, que é preciso decifrar, isto é, interpretar. Trata-se mesmo de uma pluralidade de mundos; o pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. Amar é procurar explicar, desenvolver esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado (DELEUZE, p. 7, 2003).

Esses mundos desconhecidos são decifrados na própria continuidade de vida dos personagens. O amor expresso em um segmento é revelado não existir como amor, mas como transformação produzida pela memória. Há uma insistência de um segmento narrativo em existir um forte sentimento de amor entre o jovem Artemio e Regina, mas no mesmo segmento pode surgir na expressão o desnudamento desse amor. Desmascara um desejo incontinente que subjuga o corpo feminino como se fosse território para que as forças instintuais do sujeito Artemio tivessem de ser consumadas.

Tanto o amor como a guerra revolucionária foram para Artemio apenas uma modulação da memória que insiste em recriar um passado para que o presente se torne o menos pesado possível na sua consciência, que essa não lhe impinja mais feridas do que as chagas das culpas que este carrega em seu leito de morte. A memória produz desejo de libertação de uma vida que foi repleta de maquinações de toda sorte.

O gêmeo refletido se incorporará ao outro, que és tu, ao velho de setenta e um anos que falecerá, inconsciente, entre a cadeira giratória e o grande escritório de aço: e estarás aqui e não saberás quais dados passarão a tua biografia e quais serão silenciados, escondidos. Não saberás. São dados vulgares e não serás o primeiro nem o único com semelhante folha de serviços. Te dará dado gosto. Já haverás recordado isso. Mas recordarás outras coisas, outros dias, terás que recordá-los⁵⁹ (FUENTES, p. 123, 2000).

⁵⁹ El gemelo reflejado se incorporará al otro, que eres tú, al viejo de setenta y un años que yacerá, inconsciente, entre la silla giratoria y el gran escritorio de acero: y estarás aquí y no sabrás cuáles datos pasarán a tu biografía y cuáles serán callados, escondidos. No lo sabrás. Son datos vulgares y no serás el primero ni el único con semejante hoja de servicios. Te habrás dado gusto. Ya habrás recordado eso. Pero recordarás otras cosas, otros días, tendrás que recordarlos.

A ideia desenvolvida nesse trecho em que o narrador-consciência trata sobre as relações que Artemio teve a vida inteira com o capitalismo norte-americano ultrapassa o individual. Suas práticas de exploração e de acordos com a engrenagem capitalista vai além da individualização do ato. Ela é uma complexa rede de prática social que o capitalismo necessita para que sua máquina funcione. O gêmeo de Artemio, portanto, é ele próprio, também, um outro agente social, é extraindividual, antes é uma sobredeterminação social que pertence a uma lógica da cultura do capitalismo.

Como a memória constituinte de cada segmento narrativo possui uma composição de perspectivas distintas. Ainda assim, elas orbitam a partir de um acontecimento e neste enviesam uma direção de sentido para manutenção da dinâmica do tempo em que cada uma das perspectivas desmonta (mas não destrói) o sentido do acontecimento.

A guerra é produção de máquinas molares, as máquinas sociais que configuram a paisagem moderna com as suas instituições. Nesta fábrica cuja produção de forças intensas que sobredeterminam vidas e histórias, o maquinário capitalístico tem a força que move as micromáquinas a ele acopladas. Se o amor e a revolta surgidas na “alma” do sujeito e que são produções do desejo que buscam emergir, estes são remodelados pela máquina capitalística e suas produções.

Artemio se apaixona e ama Regina, seu amor indica o sentido de que este afeto é deslocado para um outro funcionamento do desejo, da força bruta e violenta, colonizadora e estratificada na hierarquia homem/mulher. Ou seja, o afeto amoroso se apresenta na memória de longa duração (familiar, étnica, civilização, gênero, classe) que, nos entrecortes do tempo, está diluída no interior de todo o conjunto narrativo, não apenas do segmento que tenta se livrar da culpa que carrega em ter se apossado do corpo-território de Regina. A produção é desejanter, o produto é mal acabado.

Retornaria às pedras daquela praia, enquanto o álcool branco lhe causava uma queimação no estômago. Retornaria. Aonde? A essa praia mítica, que nunca existiu? A essa mentira da jovem adorada, a essa ficção de um encontro junto ao mar, inventado por ela para que ele se sentisse limpo, inocente, seguro do amor? Atirou a garrafa da bebida ao chão. Para isso servia o licor, para desbaratar as mentiras. Era uma formosa mentira⁶⁰ (FUENTES, 2000, p. 185).

Toda a formação amorosa entre Artemio e Regina não passava de uma “ficção” ou uma invenção que se interliga pela sequência de acontecimentos que se deram no decorrer da passagem de tempo em que Artemio esteve naquele povoado com as forças revolucionárias.

Regina foi forçada por ele a consumir a relação, passando a ser mais uma vítima das insídias de Artemio. Assim, ambos se tornaram amantes por um breve tempo de sete meses, enquanto ele estava nas proximidades do povoado onde as batalhas se desenrolavam ferozmente.

O amor de Artemio por mulheres viria a se repetir durante toda sua vida. Esse amor reproduzido em série, que suprimia os desejos intensos do outro, que sufocava, que limitava as possibilidades de escolhas diferentes pelas suas parceiras. Essa força sobredeterminante e patriarcal também se manifestou nas relações familiares com sua esposa Catalina.

Portanto, as formações subjetivas pelas quais passa Artemio Cruz, no seu entorno social, as suas escolhas durante a vida, principalmente no período revolucionário e no seu modo de estabelecer relações amorosas, o levaram a ter um restante de vida repleta de um complexo jogo de memórias que faziam dos seus últimos instantes de vida um redemoinho de afetações que se dividiam em dois momentos: o amoroso e o revolucionário. A revolução não deixou de existir como um sintoma subjetivo.

As transformações elementares na postura de vida de Artemio são revolucionárias como transformação, mas adere à lógica de um programa moderno em uma altura do funcionamento do maquinário capitalístico e o

⁶⁰ Regresaría a las rocas de aquella playa, mientras el alcohol blanco le prendía lumbre al estómago. Regresaría. ¿A dónde? ¿A esa playa mítica, que nunca existió? ¿A esa mentira de la niña adorada, a esa ficción de un encuentro junto al mar, inventado por ella para que él se sintiera limpio, inocente, seguro del amor? Arrojó el vaso de mezcal al piso. Para eso servía el licor, para desbaratar las mentiras. Era una hermosa mentira.

restante de sua vida, após as batalhas revolucionárias, apenas é uma forma de se acoplar a um modelo sobredeterminante de vida.

A vida que Artemio passou a ter se coadunou à lógica da exploração, da posse, do amor forjado na força. Nele, essas memórias, irá confluír para a ideia de que o afeto do arrependimento, surgido pela percepção da sua morte eminente, corre contra seu desaparecimento como sujeito, em no seu lugar de morada: uma cama em um quarto, apenas compartilhando com a sua consciência a brutalidade de uma vida cooptada, com sua aceitação, pela ordem sobredeterminante contra a qual um dia lutou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa desenvolvemos um debate em torno de uma figura observada na expressão literária de Graciliano Ramos e Carlos Fuentes. Nos romances destes, *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, percebemos uma constância de coordenadas de imagem acerca de um procedimento de simbolização de um sujeito, forjado pelas subjetividades e que formam uma rostidade, possui uma fisionomia: a subjetivação *altermnemônica*.

Essa subjetivação realiza-se no acontecimento exposto nas narrativas destes dois autores e se apresenta como um delineamento de subjetividades que se encontram, relacionam-se e se articulam com um Outro. Em casos variados, apresentamos este outro como sendo o extraindividual, algo que está fora do indivíduo, mas que com ele se articula.

Incursionamos sobre como a literatura enquanto registro do tempo simboliza a percepção sobre uma organização de mundo, principalmente. E como a expressão humana cria um processo de simbolização extraído e entremeado pelo imaginário para a apreensão de aspectos disformes ou quase inéditos do Real.

A base esquizoanalítica de nossa pesquisa visou ter como instrumento de análise as indicações epistêmicas dos estudos deleuze-guattarianos, a ressignificação dos estudos como uma crítica à psicanálise. A esquizoanálise tem como foco de reflexão as linhas de produção do desejo que articulam o indivíduo com o aspecto social e nesse alinhamento institui o funcionamento das subjetividades.

Nosso trabalho correlacionou áreas do conhecimento, a saber: a história, a psicanálise de base confrontada pela esquizoanálise e a literatura. Pontualmente, cada uma das disciplinas dialogou pontualmente e em bloco com as outras, ao passo que elas aqui se complementaram. Para fins didáticos e metodológicos, a concepção de subjetividades aqui tomada como base para um avanço na formulação do conceito de subjetivação *altermnemônica*, proposto em nosso estudo é extensiva, mas não contínua.

Ela fragmenta a organização psicanalítica. Partimos de uma proposição sobre o conceito de subjetivação *altermnemônica* e a partir dela desenvolvemos um debate para contribuir para uma Teoria do Sujeito, ou seja, a subjetivação

altermenmônica inscreve-se em uma linhagem de estudos que implica, na prática, em gradações de imagens simbólicas do humano e das máquinas sociais que a ele interligam-se, que ora se aproximam, ora se distanciam, sempre em conexões, em fluxos constantes, postos em relevo pela linguagem literária na expressão dos autores Graciliano Ramos e Carlos Fuentes.

Vimos que nas narrativas, *Vidas Secas* e *La muerte de Artemio Cruz*, surgiram essa nova constituição a que chamamos de subjetivação *altermnemônica*. As duas narrativas indicavam símbolos das experiências e vivências que assumem os aspectos de provocação e de surgimento dessa organização performática diante de um acontecimento desagregador, constituindo uma linha de aproximação e distanciamento entre um corpo desejante e a máquina social de produção de desejos. As narrativas e o conceito desenvolvido em nossa pesquisa são o centro de nosso estudo.

Nossa leitura analítica dos romances perpassou duas tendências da Teoria do Sujeito e se conectaram às áreas acima citadas. A disciplina história possuirá como correlativo, mas não exclusivo, o problema de apreensão do Real. Sendo esse produzido, mas não totalmente apreendido, por cada etapa temporal existente nas narrativas.

A esquizoanálise, como crítica extensiva à psicanálise, teve como fulcro o exame da constituição e da formação das subjetividades e suas vertentes que retroalimentam as práticas-ações apresentadas na linguagem literária. Sobre os estudos da literatura nos permitiu rever a combinação dos preceitos analíticos de compreensão das significações simbólicas advindas da linguagem literária como atividade maquínica de produção de sentidos.

Aqui, ressaltamos que as três áreas do conhecimento que em nosso trabalho dialogaram indiretamente para vislumbrar o perfil do novo conceito que propomos, assinalados nas duas narrativas que constituem o aspecto simbólico do processo de significação de uma performance (experiência e vivência) do corpo. A centralidade do conceito de subjetivação *altermnemônica* surge através da leitura que empreendemos das duas obras nas quais observamos, por aproximação comparativa, certas ocorrências na constituição de subjetividades nas narrativas destes dois escritores do século XX na América Latina.

Vimos que o conceito de subjetivação *altermnemônica* é uma constituição de coordenadas de imagens. Elas surgem no interior das narrativas *Vidas Secas*

e *La muerte de Artemio Cruz* e visam compreender as inadequações que subjetividades lidam direta ou indiretamente com um entorno inóspito às potências de vida, nas experimentações e nas experiências constituintes da condição de ser-estar no mundo. Essa condição é repleta de acontecimentos que requerem reações e gradações de respostas diante de um fenômeno ímpar.

Contudo, as reações e respostas são sobredeterminadas pelas máquinas sociais modernas de produção de desejos, articuladas à constituição de subjetividades, a fim de criar individualidades, por institutos sociais que impõem regras tácitas e condicionamentos de comportamentos que permeiam o imaginário social do(s) sujeito(s).

Tais comportamentos são induzidos por pequenos elementos simbólicos pertencentes às máquinas sociais de produção de desejos. Por exemplo, o simples uso de uma farda policiaisca, elemento de representação do “governo” como elemento simbólico de poder que subjuga, em *Vidas Secas*, indica a posição de obediência irrestrita que o sujeito deve ter ao comando de autoridade. Muito embora o dispositivo da ordem não seja necessariamente interno em respeito às leis, mas a uma hiperbolização institucional do poder que tudo pode até ultrapassar seu limite, porque, na duração da narrativa em *Vidas Secas*, é um poder soberano.

Em *La muerte de Artemio Cruz*, por sua vez, há uma criação de uma fantasia enganadora sobre uma relação amorosa, para autoconvencimento de dignidade, situa-se na produção de memória centrífuga, restrita à potência de individuação, para a autossatisfação, e se inscrever no local-instrumento de poder infalível. Nessa narrativa multiforme são apresentadas perspectivas tridimensionais sobre um mesmo acontecimento. Revela o inconsciente maquínico, uma fábrica de remorsos confrontando *ego* e *alter ego*.

Tanto na narrativa de Graciliano Ramos quanto na de Carlos Fuentes há dois elementos que aqui são essenciais para entender o problema do desejo na constituição da subjetivação: as afetações e as percepções. Os afetos, como um fluxo dos desejos, quando se fala em subjetivação *altermnemônica*, é caracterizado por uma força maquínica sobredeterminante, de cima para baixo, das instituições modernas em relação hierarquizada sobre a performance dos corpos minúsculos.

Em plano paralelo, as percepções submergem das impressões íntimas em que o sujeito articula respostas às provocações impostas a ele. Uma força centrífuga movimentada desde a posição de colocar-se como um corpo em processo de subjetivação, de enfrentamento parcial. Isso porque os acontecimentos não são eternos em sua duração.

Entre sujeito e subjetivação, conforme concebemos em nossa pesquisa, existe um elo e uma diferenciação criadora. O sujeito possui forma triangular (Real, Simbólico e Imaginário, conforme sugere Lacan (1985; 1989; 2005; 2011)). A subjetivação é um processo que consiste em quebrar as linhas do ordenamento social estabelecido. É criar curvas sinuosas, é ligar-se e se distanciar, ao mesmo tempo, em relação a outras máquinas que produzem desejo.

No nível da expressão foi como a subjetivação *altermnemônica* apresentou a sua fisionomia. Construímos uma cartografia feita desse corpo pulsante que se articula com o seu entorno desagregador e provocador. O entorno impulsiona para se descobrir como ser no mundo.

A concepção de subjetivação existentes nas narrativas está estruturada nas discontinuidades em que as máquinas sociais de produção de desejos involucram os corpos para torná-los parte componente dessa produção, edificando compartimentos para uma relação de (co)dependência, criando camadas desejantes uma por sobre outra.

O processo fundante de subjetivação ocorrido no espaço-tempo América Latina começou a ganhar contornos no momento de encontros entre os povos que aqui viviam e com a chegada dos europeus, definindo a imposição de seu programa de modernidade.

Justifica-se tal fato, ao longo do processo de povoamento, de colonização e de exploração, cujas tentativas de emancipação e de construção de identidades foram ganhando formas expressas nos registros de imagens simbólicas. Consideramos isso, quando no transcorrer da reversão de um *Eu* (europeu) em relação a um *Outro* (a cultura dos povos do espaço-tempo América Latina), para um *Eu* (latino-americano). E o *Outro* (o programa de modernidade europeu) houve rupturas e recuos, até que essa noção ganha uma rostidade nas coordenadas de imagens expressas na altura em que há uma consolidação da modernidade no século XX, também expressas nas narrativas de Ramos e

Fuentes, autores arraigadamente desse século, mas que carregam nas memórias de longa duração todo o processo de constituição das imagens simbólicas que foram sedimentando-se ao longo do tempo no espaço-tempo América Latina.

Há concepções de sujeito. Uma dessas vai constituindo-se nos registros simbólicos do espaço-tempo América Latina: uma subjetivação *altermnemônica*. Essa funciona diante de uma relação entre indivíduos, e entre esses e instituições sociais que projetam o programa de modernidade. Essas instituições chegaram aqui a partir do programa europeu de colonização e exploração do diferente.

Assim, quando a subjetivação estabelece contato com as instituições sociais (e suas representações simbólicas) ou com máquinas sociais em funcionamento (na guerra, no amor entre indivíduos etc.) inseridos num acontecimento singular, envolve afetações e percepções de uma memória longa, cuja ressonância na ação-prática para efetuação da existência no mundo tornou-se um tipo de memória prévia.

Tal memória delimita a subjetivação nas escolhas diante das provocações sofridas, o que acarreta uma tomada de posição performática de si dentro das possibilidades de sua existência no espaço-tempo do acontecimento. Porquanto, as escolhas estão sempre sobredeterminadas a partir de uma variedade, não-infinita, mas limitada, de alternativas que se impõem na organização de mundos. Condições de existência sobredeterminam escolhas de vida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusp, 2007.

BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARRETO, SÔNIA. **Ontologia e Crítica da metafísica: Kant e Heidegger**. Revista Estudos Filosóficos. Ano 8/2012. pp 18-32. São João del Rei. ISSN 2177-2967. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art2_rev8.pdf Acesso em: 27/02/2018.

BOIXO, Gonzáles. Introducción. In: FUENTES, Carlos. **La muerte de Artemio Cruz**. Madrid: Cátedra, 2000

BORGES, Jorge Luís Borges. **Obras completas**. vol. 1. São Paulo. Globo, 2000.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994

BUTLER, Judith. Responsabilidade. In: **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad**. Cidade do México: Grijalbo, 1989. Disponível em: https://monoskop.org/images/7/75/Canclini_Nestor_Garcia_Culturas_hibridas.pdf > Acesso em 08/08/2018

CARPENTIER, Alejo. **Lo barroco y lo real maravilloso**. Conferência Proferida no El Ateneo de Caracas, 1975. Disponível em: <http://www.panoramadelarte.com.ar/hamal/textos/carpentier%20a%201975%200lo%20barroco%20y%20lo%20real%20maravilloso.pdf>> Acessado em: 14/12/2018

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____ **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____ **Empirismo e subjetividade:** ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____ **Bergsonismo.** Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs.** Vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____ **Mil Platôs.** Vol. 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____ **Mil Platôs.** Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____ **Mil Platôs.** Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____ **Mil Platôs.** Vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____ **Kafka: para uma literatura menor.** Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____ **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. **América Latina:** da construção do nome à consolidação da ideia. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v12n23/1518-3319-topoi-12-23-00030.pdf> > Acesso em 06/08/2018

FUENTES, Carlos. **La muerte de Artemio Cruz.** Edición de Gonzáles Boixo. Madrid: Cátedra, 2000.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina.** Cidade do México: siglo veintiuno editores, 2004. Disponível em: <https://static.telesurtv.net/filesOnRFS/news/2015/04/13/las_venas_abiertas_de_amxrica_latina.pdf > Acesso em 04/08/2018

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social.** Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm> Acesso em 09/02/2018.

GÓMEZ, Pedro Pablo. **Decolonialidade estética**: geopolíticas del sentir el pensar y el hacer. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 369-389, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> Acessado em: 23/02/2020.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e Transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

JOACHIM, Sébastien. **Interdisciplinas**: psicanálise, semiótica, literatura aplicada, literatura comparada. Recife: UFPE, 2012.

LACAN, Jacques. Nomes-do-Pai. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____ **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____ **Seminário**. Livro 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____ **Seminário**. Livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ **Seminário**. Livro 6. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____ **Seminário**. Livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Edusp, 1996.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, José Lezama. **La expresión americana**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. São Paulo: EDUSP, 1998.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica**: ensaios sobre o imaginário cultural e literário. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. **Memória Individual e Memória Coletiva**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 13. pp 339-348 Janeiro de 2017. ISSN: 2448-0959. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/memoria-individual-e-coletiva> Acesso em 09/02/2018.

PERERA, Manuel Fernández (coord.). **La literatura mexicana del siglo XX**. México: FCE, Conaculta, Universidad Veracruzana, 2008.

PERRONE-MOISÉS. Leyla. **Paradoxos do nacionalismo literário latino-americano**. Texto em português de uma apresentação na 14^o Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada em Edmonton, Canadá, em agosto de 1994. Disponível em: <
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141997000200015&lng=pt&tlng=pt> Acessado em: 14/01/2020.

PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: PIZARRO, Ana (org.) **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina** In ____ **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 2^a ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Martins. 1973.

_____ **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record. 1980.

_____ **Vidas Secas**. 93^a ed. Rio, São Paulo: Record, 2004.

_____ **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 2014.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Encontro de Culturas. In: ____ UNESCO. **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SEIXAS, Renato. **Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica**. Cadernos PROLAM/USP (ano 8 - vol. 1 - 2008), p. 93 – 120. Disponível em: <
[file:///C:/Users/senho/Downloads/82312-Texto%20do%20artigo-113501-1-10-20140623%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/senho/Downloads/82312-Texto%20do%20artigo-113501-1-10-20140623%20(1).pdf)> Acesso em: 20/01/2020.

RÜSEN, Jörn. **A Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas**. Revista textos de História Vol. 4, N^o 1 (1996) pp. 75-102. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5794/4801> Acesso em 28/03/2018.

SILVA, Jorge Antônio e. **O Barroco latino e o olhar contrafeito**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 111-122, jul./dez. 2012.

Disponível em: <file:///C:/Users/senho/Downloads/3530-Texto%20do%20artigo-10941-1-10-20170425.pdf>> Acessado em: 28/11/2019

SOSNOWSKI, Saúl. **Sobre la crítica de la literatura hispano-americana: balance y perspectivas**. Disponível em: <
[file:///C:/Users/senho/Downloads/sobre-la-critica-de-la-literatura-hispanoamericana-balance-y-perspectivas-0%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/senho/Downloads/sobre-la-critica-de-la-literatura-hispanoamericana-balance-y-perspectivas-0%20(1).pdf)> Acessado em: 14/11/2019.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. **Uma política para o continente – reinterpretando a Doutrina Monroe**. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v57n2/0034-7329-rbpi-57-02-00115.pdf> > Acesso em 06/08/2018.

TODOROV, Tzevetan. **A Conquista da América: a questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.